

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

Eduardo Mariano da Silva

**Para uma epistemologia outra na educação matemática:
entre sussurros e navalhas na carne, a porta do armário se abriu...**

**Campo Grande/MS
2020**

Eduardo Mariano da Silva

**Para uma epistemologia outra na educação matemática:
entre sussurros e navalhas na carne, a porta do armário se abriu...**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Guida.

Campo Grande/MS
2020

Eduardo Mariano da Silva

**Para uma epistemologia outra na educação matemática:
entre sussurros e navalhas na carne, a porta do armário se abriu...**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Angela Maria Guida (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Luzia Aparecida de Souza (UFMS/ INMA)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Flávio Adriano Nantes (UFMS/ FAALC)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Patrícia Graciela da Rocha (Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, março de 2020.



Comum de dois

Quis se recriar
Quis fantasiar
No quarto de vestir
Despiu-se do pudor
Quis se adornar
Quis se enfeitar
Vestido e salto
Enfim pra si tomou
Se transformou
Se arriscou
Reinventou
E gostou
Ele se transformou
Precisou correr
Uma vida pra entender
Que ele era assim
Um comum de dois
E hoje vai sair
Com a melhor lingerie
Não pra afrontar
só quer se divertir
Mas ele afrontou
Provocou
Assombrou
Incomodou
E ele nem ligou...
Se acabou
E beijou
E dançou
Ele aproveitou
Quando apontam aquele olhar
Ele sabe e deixa passar
O salto dói, ele sorri
Mas machucava ter que omitir
Prazer e dor de ser mulher
Por essa noite é o que ele quer
Degusta bem, bem que valeu
Ele se transformou...
Sua dama ao seu lado amparando o motim
Juntos rolam pela noite
Nunca dantes par assim

Pitty

Ilustração – Valter Hugo Mãe

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a dEU's, e a maneira mais cabível para o momento é uma oração.

Oração

*Entre a oração e a ereção
Ora são, ora não são
Unção
Bênção
Sem nação
Mesmo que não nasçam
Mas vivem e vivem
E vem*

*Se homens
Se amam
Ciúmes
Se hímen
Se unem*

*A quem costumeiramente ama
A mente ama também*

*Não queimem as bruxas
Mas que amem as bixas
Mas que amem
Que amem
Clamem
Que amem
Que amem as travas também*

Amém

Linn da Quebrada

Há diversas pessoas a quem gostaria de agradecer, pois todxs, a seu modo, estiveram presentes no decorrer desse tempo. Em especial, quero iniciar por ele e ela, meus queridos pais, *Luis Mauro* e *Valdenice*, que têm me ensinado que o amor é uma solução, não um problema. *Fernando*, agradeço pelo companheirismo e compreensão, pelas palavras duras que não me deixaram desistir e por estar ao meu lado, apoiando e ajudando.

À minha irmã, *Emily*, por sempre torcer por mim.

À minha orientadora, *Angela*, cuja intelectualidade e maneira poética de filosofar são dignas de minha grande admiração, agradeço por acreditar nesta pesquisa.

Aos/Às colegas de turma e amigxs do PPGEduMat que sempre estiveram juntxs para externalizar os sentimentos tristes e alegres [nunca esquecerei do jogo da seleção do Brasil na Copa do Mundo em que ficamos confinados estudando e virou uma choradeira, risos]. Em especial, às minhas amigas que guardo no peito, *Su* e *Marcy*, pois aprendemos muito juntxs, apanhamos também, sem contar nossas discussões calorosas. Nossa aproximação é um presente. À *Suzana*, uma grande parceria de longa data, com quem mantive um longe-perto durante esse período, mas sempre esteve presente ao discutir minhas complexidades.

É imensurável minha gratidão aos componentes da banca, *Luzia* e *Flávio*, cujas contribuições são primordiais para a construção desta pesquisa e para minha vida. Agradeço o tempo dedicado às horas de leitura deste texto.

Ao PPGEduMat, pela oportunidade de estar neste espaço.

Aos *professores*, pelo tempo dedicado a ensinar e nos colocarem a questionar e refletir sobre o mundo, sobretudo, acerca da Educação Matemática. Não poderei esquecer do *Carlos* e da *Lú*, sempre prestativxs, compreensivxs e simpáticxs.

Ao *Thiago Donda*, por ter me apresentado a porta de um mundo onde as pessoas questionam e buscam respostas para as inquietações, e no meu caso, aguçadas durante a graduação.

À professora *Edilene*, que sabe transformar as lágrimas de tristeza em alegria; que sempre apareceu na sala de estudos para nos deixar mais leves e contentes.

Às pessoas entrevistadas que se propuseram a colaborar com a discussão desta pesquisa.

À CAPES, por ter concedido apoio financeiro a esta pesquisa.

A mim, por ter sobrevivido às complexidades interiores, a tantas dores, e por crer na minha capacidade de contribuir para um mundo mais justo, que reconheça a existência de TODXS.

RESUMO

A escola brasileira tem em seus pressupostos a marca de um ensino ocidental e cristão, que se revela cotidianamente em práticas pedagógicas, em materiais didáticos, em discursos e atitudes mobilizadas por boa parte da comunidade escolar, na qual reverberam concepções euro-cristãs que reforçam domínios cruentos, herança de um Brasil Colônia. Busco, neste trabalho, discutir como as desigualdades de gênero, classe, religião e raça foram operacionalizadas durante o colonialismo e como seus vestígios, por meio da colonialidade, promulgam o racismo, o sexismo, o heterossexismo no contexto escolar e no ensino de matemática. A pesquisa tem caráter bibliográfico, além da utilização de entrevistas semiestruturadas para a produção de dados. O caderno *Escola sem Homofobia*, – vulgar e maldosamente conhecido como kit gay – é a obra de onde partem minhas reflexões, sobretudo, por se tratar de um material amplamente usado por Jair Bolsonaro na época da campanha para presidência da república, como uma estratégia de poder. Tento problematizar a presença e os efeitos duradouros do colonialismo, travestido de colonialidade, o lado oculto e obscuro da modernidade. Nesse sentido, busco articular referenciais teóricos os quais me permitem ver o que ensino quando estou ensinando Matemática.

Palavras-chave: Caderno Escola sem Homofobia, Gênero, (De)Colonialidade, Educação Matemática.

ABSTRACT

La escuela brasileña tiene en sus supuestos la marca de una enseñanza occidental y cristiana, que se revela diariamente en las prácticas pedagógicas, en los materiales didácticos, en los discursos y actitudes movilizados por buena parte de la comunidad escolar, en los que reverberan concepciones eurocristianas que refuerzan los dominios crueles, herencia de un Brasil Colonia. En este trabajo, busco discutir cómo las desigualdades de género, clase, religión y raza se pusieron en práctica durante el colonialismo y cómo sus vestigios, a través de la colonialidad, promulgan el racismo, el sexismo, el heterosexismo en el contexto escolar y en la enseñanza de las matemáticas. La investigación tiene un carácter bibliográfico, además de la utilización de entrevistas semiestructuradas para la producción de datos. El cuaderno Escola sem Homofobia, -vulgar y malvadamente conocido como el kit gay- es la obra de la que proceden mis reflexiones, sobre todo porque es un material ampliamente utilizado por Jair Bolsonaro en la época de la campaña para la presidencia de la república, como estrategia de poder. Intento problematizar la presencia y los efectos duraderos del colonialismo, vestido de colonialidad, el lado oculto y oscuro de la modernidad. En este sentido, trato de articular referencias teóricas que me permitan ver lo que enseñé cuando enseñé matemáticas.

Palabras clave: Cuaderno Escuela sin Homofobia, Género, (Des)Colonialidad, Educación Matemática.

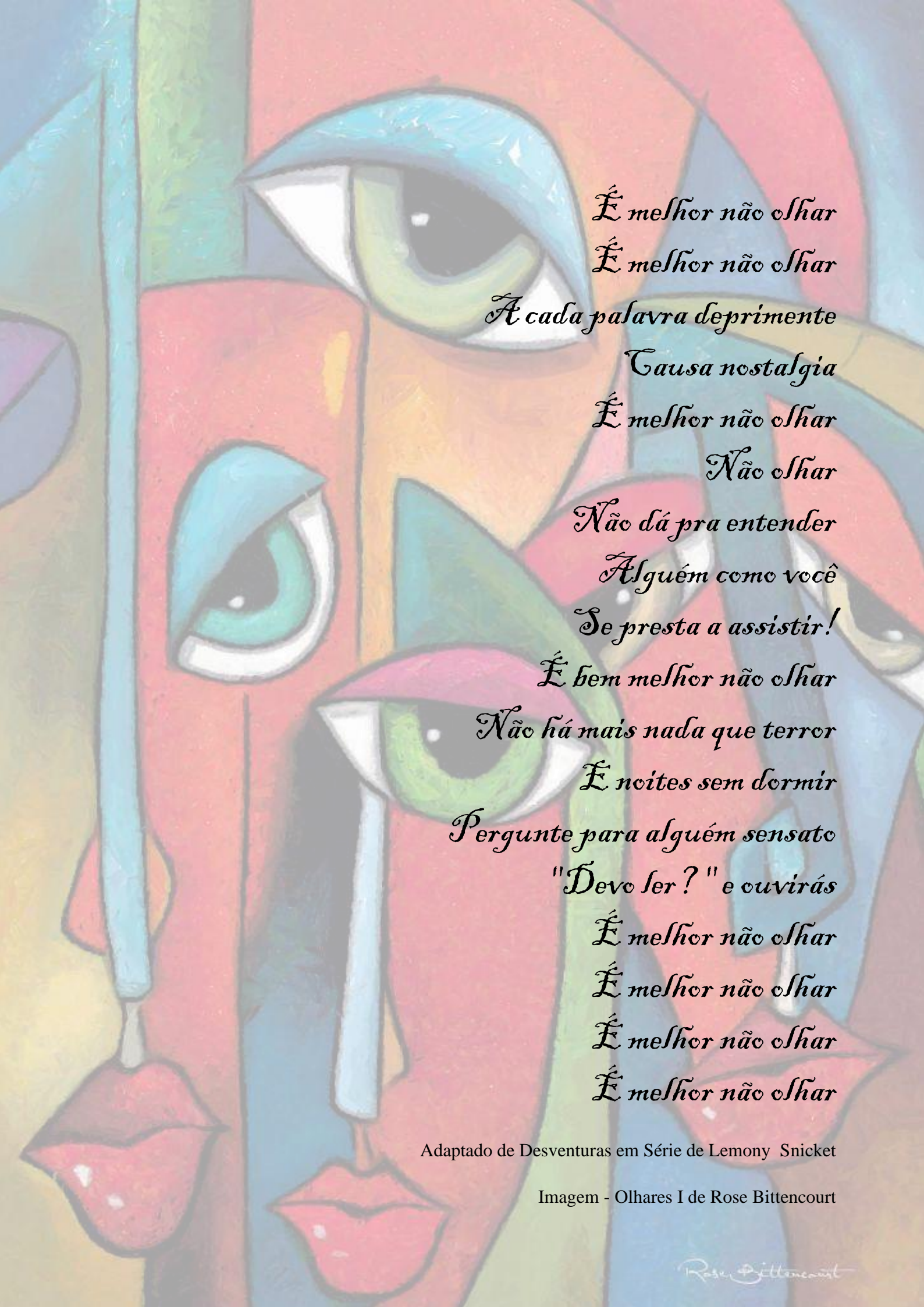
Lista de Figuras

Figura 1: Denúncia.....	19
Figura 2: Notícias na Internet – Travesti (1)	20
Figura 3: Mulher às Compras.....	22
Figura 4 – Pares Possíveis.....	23
Figura 5: Relatos de LGBTQIAfobia (1)	25
Figura 6: Notícias na Internet – Travesti (2)	32
Figura 7: Notícias na Internet – Ameaças.....	35
Figura 8: Relatos de LGBTQIAfobia (2)	37
Figura 9: Notícias na Internet – No exterior.....	39
Figura 10: Relatos de LGBTQIAfobia (3)	44
Figura 11: Notícias na Internet – Xingamentos	45
Figura 12: Notícias na Internet – Estupro.....	47
Figura 13: Material apresentado como Kit Gay.....	48
Figura 14: Notícias na Internet – Mãe Cristã.....	50
Figura 15: Notícias na internet – bixa e pomba-gira.....	53
Figura 16: Relatos de LGBTQIAfobia (4)	60
Figura 17: Relatos de LGBTQIAfobia (5)	64
Figura 18: Relatos de LGBTQIAfobia (6)	70
Figura 19: Notícias na Internet – Lésbica assassinada a facadas.....	71
Figura 20: Relatos de Perseguição na Escola.....	77
Figura 21: Greice Kelly assassinada.....	84
Figura 22: Ilustrações do caderno Escola Sem Homofobia.....	88
Figura 23: Relatos de LGBTQIAfobia (7)	89
Figura 24: Relatos de LGBTQIAfobia (8)	91
Figura 25: Relatos de LGBTQIAfobia (9)	98
Figura 26: Relatos de LGBTQIAfobia (10)	102
Figura 27: Notícias na Internet – 22 facadas	106
Figura 28: Relatos de LGBTQIAfobia (11)	111
Figura 29: Manchete – Mulher trans	113

Figura 30: Relatos de LGBTQIAfobia (12)	118
Figura 31: Relatos de LGBTQIAfobia (13)	131
Figura 32: Capa do livro 1 + 1 - a matemática do amor	139

SUMÁRIO

Referências.....	14
Quando me dei conta de que precisava pesquisar sobre isso.....	18
Primeira Sessão.....	29
1. Num caderno qualquer eu desenho um sol amarelo.....	30
Segunda Sessão	41
2. Como a fala deles, delas, delxs chegou até mim.....	42
2.1 O que poderia ser dito se não tivesse gravador de voz.....	43
2.2 Ontem vi no whats que professores são doutrinadores. Eu acho que “o que não é que canalhas travestidos de ‘educadores’ OMITAM a verdade e apresentem, somente, uma versão tendenciosa”	46
Terceira Sessão.....	51
3. Quando o assunto é gênero: O que eles, elas, elxs disseram?.....	52
3.1 O aluno veio e falou que achou uma BAITOLICE.....	53
3.2 Indecisão, regra de transição, confusão: elxs não sabem o que são	60
3.3 Faziam bullying com ele, parece que ninguém tomava atitude	68
3.4 Preciso de uma preparação, a vontade de usar eu tenho, porque eu sei que, eu tenho alunos que sofrem homofobia[...]......	78
3.5 O livro didático é o primeiro universo que o aluno vai conhecer.....	82
3.6 A travesti morre, ninguém sabe seu nome, enunciam daquele que ninguém nunca conheceu.....	84
3.7 Leitura de Imagem: o que os olhos veem e a mente entende?.....	87
Quarta Sessão	95
4. Colonialismos, Colonialidade e Decolonialidade: o que isso tem a ver com a Educação Matemática?.....	96
Quinta Sessão	120
5. Colonialidade do Gênero na escola: histórias de apagamentos.....	121
Sexta Sessão	140
6.Diagnóstico.....	141
7. Referências.....	144
Apêndice A.....	148
Anexo I	150



*É melhor não oshar
É melhor não oshar
A cada palavra deprimente
Causa nostalgia
É melhor não oshar
Não oshar
Não dá pra entender
Alguém como você
Se presta a assistir!
É bem melhor não oshar
Não há mais nada que terror
É noites sem dormir
Pergunte para alguém sensato
"Devo ser?" e ouvirás
É melhor não oshar
É melhor não oshar
É melhor não oshar
É melhor não oshar*

Adaptado de Desventuras em Série de Lemony Snicket

Imagem - Olhares I de Rose Bittencourt

Rose Bittencourt



Voyeur

Eu estou olhando, estou olhando para trás
Estou tentando imaginar isso e aquilo
A matemática simples que compõem o mapa
Seguro de proteção contra colapso imediato
Estou vendo, estou vendo você
Um voyeur de um ponto de vista diferente
Os olhos solitários que eu estive olhando através
Comprometida com a ligação dos antigos caminhos para o novo
E eu vejo as coisas
Através de uma cortina de sopro contra a chuva
Pela fresta de uma porta que se ergue com a dor
E através de cada lacuna que dá afastado
Algum segredo no escuro
Eu vou sair com alguma coisa
Para mantê-lo em meu coração
Eu estou procurando, estou estabelecendo
Para provar, sem sombra de dúvida
A velha contradição que está pairando sobre
Um sussurro nas trevas
Tem mais verdade do que um grito
Estou esperando, estou esperando por
Passos reveladores no chão do quarto
Um amante coração partido simplesmente à procura de
Alívio que é temporário de sua pequena guerra suja

Voyeur

Voyeur

Voyeur

Elton John

Referências

Era para aqui eu estar escrevendo sobre inspirações, mas é mais sobre expiração, de colocar as coisas para fora. É esse movimento que me permite estar consciente sobre o que falo e penso.

Para isso, fecho os olhos, inspiro e expiro, de repente os *flashes* de imagens da memória surgem para que eu lide com elas. Muitos podem pensar que o texto exposto nessa dissertação seja *mimimi*. Pelo contrário, essas imagens me fazem reviver os assédios e a violência vivida na escola. É lembrar da dor de me tornar invisível para que coisas piores não acontecessem. Como eu me tornava invisível? Simples, a partir das 5h30min, ao entrar no ônibus até o caminho da escola eu teria de ser outra pessoa, ou nem isso, um objeto, que não fala, não reclama, não respira e não tem necessidades fisiológicas. Quando voltava a ser EU? Por volta das 17h.

É isso mesmo que você está pensando, eu ficava mudo por todo esse período, e com raras exceções, no máximo 5 palavras eram ditas por dia, e de fato, o banheiro da escola não é o melhor lugar para pessoas como eu. Estudei em duas escolas, a primeira teve reformas e nunca tive a curiosidade de saber como ficou o banheiro, a segunda não me lembro de ter ido algum dia. Até hoje não gosto de ir em banheiros públicos.

O mais interessante que me assemelhar a um objeto é que me possibilitava analisar a dinâmica da sala de aula, de como as pessoas são e quem elas são. Vivenciava com os olhos todos os movimentos, e assim eu conseguia acompanhar como tudo acontecia na sala. Pena não perceberem minha existência. Minto, algumas pessoas notavam sim, mas não possuíam boas intenções.

Passados 10 anos de invisibilidade escolar, entrei na universidade na mesma condição, até que me tornei amigo da Camila, mulher incrível a qual me ensinou a não ter medo da vida e que devemos mandar um FODA-SE bem grande para pessoas que não nos respeitam. Foi quando comecei a conhecer outras pessoas que também passaram e passam por processos violentos os quais matam e causam feridas irreparáveis. Nessa fase percebi o quão retraído havia sido e a partir de então deveria deixar de ser um móvel da sala de aula. Marlei também foi uma grande referência, pois me ensinou que precisava viver e que o amor para pessoas como nós é possível.

Ainda nesse percurso na universidade, cursando licenciatura em matemática e participando do PIBID, busquei fazer TCC com o professor orientador do PIBID,

Thiago Donda. Era eminente meu interesse em aprofundar na tendência Educação Estatística e após algumas conversas concluímos que deveria estar alinhado a algum tema de meu interesse. Com a finalidade de trabalhar com essa tendência, fui para casa com essa missão. Talvez, bloqueado pela insegurança, após uma semana eu ainda não havia conseguido formalizar nada. Voltamos a conversar e ele sugeriu o tema transversal Orientação Sexual, com o qual imediatamente concordei. *[Claro que era esse tema, como eu não havia pensando antes? Posteriormente pensei].*

A partir desse dia comecei a ver com outros olhos a escola em que desenvolvíamos o projeto. As paredes gritavam, as mesas e cadeiras sinalizavam, os assuntos dxs estudantes eram nítidos. Fiz meu primeiro contato com os textos da autora Guacira Louro. Escola, Matemática e gênero e sexualidade estão intrinsecamente ligados. Com os resultados desse trabalho percebi que eu deveria continuar a fazer algo para desconstruir crenças e tabus.

Fui buscar me aventurar em um mestrado em Campo Grande, pois é, a *bixa bicho do mato* estava na capital, um lugar onde não me sentia confortável, pois havia o sentimento de voltar a ser invisível, mas as pessoas são diferentes do habitual, no entanto, permaneci com a esperança de um bom resultado, e talvez eu ainda não me sinta confortável.

Na disciplina *Educação Matemática e Pensamento Liminar* a professora Angela apresentou diversos textos, dentre eles, textos sobre a colonialidade, com os quais pude perceber a profundidade de tantas questões até então desconhecidas para mim. Entrei em choque com tanta verdade dita e desconstruída; fiquei e estado de êxtase, num misto de esperança e desespero. Aqui surgem importantes nomes como Mignolo, Quijano e Lugones.

O paraíso são os outros, de Valter Hugo Mãe é uma indicação da professora Angela que me enviou o link de um vídeo por e-mail, e então comprei o livro, o qual trata das diversas formas de amor, da pluralidade de casais e de família. A inspiração de Valter me faz expirar com intensidade “a humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti”, e por isso penso que a mudança começa em mim e em quem está próximo.

Para mim também são referências os ricos encontros. No primeiro deles, denominado *Pensar e Repensar a América Latina*, vi a força política das mulheres e

a consistência epistêmica que as torna referência política. Também vi homens mais humanos, pessoas LGBTQIA+ seguras de si. Um encontro que diz: por menor que seja a falha, terá umx de nós lá para fazer revolução e se a falha não existir, criaremos.

Outro encontro de referência é o *Coletivo de Estudos e Pesquisa em Literatura e Gênero Federico García Lorca*. Nesse ambiente eu não queria falar, apenas ouvir. Havia tanta informação e conhecimentos novos para mim que ao chegar em casa não queria fazer mais nada, apenas colocar a cabeça no travesseiro e ficar até de madrugada pensando em tudo o que ouvi. Esses encontros me transformavam.

O SIGESEX foi um encontro me causou grande impacto, também por ver Berenice Bento ao vivo e em cores, mas o que de fato marcou foi o relato daquela noite, a ponto de não conseguir dormir. O fato de uma pessoa ser obrigada a retirar parte do corpo porque a sociedade não aceita o seu corpo como é: um homem com seios, me faz até hoje refletir sobre a emergência de um movimento político que extinga a cultura de queimar as bruxas na fogueira, da cultura de criar rituais de morte, de estupros corretivos, dentre todas as brutalidades sofridas porque nós recusamos ser ou não somos a norma. Fico imaginando como isso interfere na minha vida e na vida de outras pessoas.

Enfim, percebo que minhas referências são coisas que movem, são pessoas com ações políticas. As palavras são apenas nossas invenções pra tentar dar significado ao que pensamos; não sei se constroem, mas há aquelas que estão em movimento, e isso me faz respirar.



Quando me dei conta de que precisava pesquisar sobre isso...



*Eu queria brincar com você.
Papai não deixa.
O Diretor proíbe.
A Esquerda se opõe.*

Glauco Mattoso


Figura 1 - DENÚNCIA

No documento, Cardia somou as denúncias de assassinato registradas entre 2011 e 2018 pelo Disque 100 (um canal criado para receber informações sobre violações aos direitos humanos), pelo Transgender Europe e pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), totalizando 4.422 mortos no período. Isso equivale a 552 mortes por ano, ou uma vítima de homofobia a cada 16 horas no país.

"Durante o período eleitoral tivemos diversas denúncias relacionadas à violência LGBTfóbica", afirmou Cardia ao UOL. "Os eleitores do candidato Jair Bolsonaro se sentiram empoderados para 'fazer justiça com as próprias mãos' devido a antigos discursos proferidos pelo ex-deputado federal."

Fonte:SOBRINHO, W. P.. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório. **UOL**, São Paulo, 20 fev 2019. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>. Acesso em: 13 mar 2020.

A ideia da pesquisa tem seus primórdios ainda na graduação. Quando ingressei no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Paranaíba, surgiram oportunidades de experienciar a posição de professor ao atuar no PIBID (Programa Institucional de Bolsas e Incentivo à Docência). Nesse projeto, pude participar de diversas atividades, dentre elas a de acompanhamento em forma de monitoria e oficinas no Ensino Médio de uma escola pública da cidade.

Importante frisar que eu e você vivemos em um sistema de divisão sexual que define os papéis sociais de cada ser existente, por meio de nomenclaturas as quais estabelecem se as coisas e homem ou a mulher. Sabe-se que desde a infância do indivíduo e instituições como família, escola e diversas identidades, sexualidades significações simbólicas e culturais  as ações devem ser atribuídas a essa construção tem sido firmada consolidada por diversas igreja. Nessa divisão sexual e corpos são apagados, efeito de sobre gênero e sexualidade. Em outras palavras, fruto da concepção conservadora e patriarcal acerca de gênero.

Percebi que gênero, sexualidade, feminismo, homossexualidade, lesbo/homo/transfobia e o que cerca essa temática sempre foi desprezado em aulas da educação básica ou no ensino superior. Diante disso, no projeto já mencionado, me foi concedida a possibilidade de realizar atividades que envolvessem minhas inquietações sobre o assunto, tendo em vista o fato de eu perceber a necessidade real de entender e explorar esse universo.

O ambiente construído no PIBID possibilitava espaço e tempo para me questionar enquanto pessoa, professor ou estudante a ponto de me sentir confortável para realizar atividades e [*leitorx, você merece morrer, sua frutinha!*] me colocar nas discussões. Nesse ambiente me foi permitido relacionar Educação Estatística e Orientação Sexual. Com apoio do grupo, lançamo-nos ao desafio, no qual obtivemos êxito, a ponto de produzir algo que nunca havia experimentado, até mesmo em trabalhos da licenciatura.

Figura 2 - Notícias na Internet – Travesti (1).



Fonte: QUERINO, R.. Travesti é encontrada morta com cabeça esmagada em município do MS. **ObservatórioG**, 12 jul. 2018. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/07/travesti-e-encontrada-morta-com-cabeca-esmagada-em-municipio-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 10 de jun. 2019.

Essas vivências que entender significados que presentes em mesas e paredes representações poderiam de construção dos sujeitos, de



despertaram minha curiosidade de poderiam transmitir imagens da escola e como essas alguma forma influenciar na como a heteronormatividade era propagada nessas formas de representação. Essas imagens justificavam a possibilidade de falar de gênero, sexualidade e orientação sexual no ambiente escolar, pois, eram temáticas que xs estudantes traziam (trazem) para a escola.

No curso de mestrado entrei com a proposta de relacionar Matemática e Gênero e em conversa com minha orientadora do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática (PPGEduMat – UFMS), concordamos em voltar os olhares para o caderno Escola Sem Homofobia, que é produto do Projeto Escola Sem Homofobia, aproveitando o período histórico-político pelo qual o Brasil estava passando, uma vez que na campanha eleitoral para presidente da república em 2018, esse caderno foi alvo de muitas discussões acaloradas. O projeto entende que a escola

[...] atua como um dos principais agentes responsáveis pela produção, reprodução e naturalização da homofobia, não apenas no que se refere aos conteúdos disciplinares, mas também às interações cotidianas que ocorrem em seu interior e que são extensivas, também, ao ambiente doméstico. (BRASIL, 2011, p.8).

Daí, surge a pergunta: qual a relação da Matemática com toda essa discussão? Não é um questionamento inocente, aleatório, embora, a princípio, pareça ser. O ensino de Matemática é pautado em livros didáticos, propostas pedagógicas e mídias diversas presentes cotidianamente na vida de professores e estudantes que podem reproduzir e reafirmar a exclusão, a discriminação e a homofobia. Em outras palavras, no ensino da Matemática Escolar podem ser veiculados estereótipos socialmente construídos.

O livro didático, por exemplo, principal material utilizado na educação básica, tem abrangência nacional desde 1960 e, como nos alerta Bezerra (2006), rapidamente deixaram de ser obras de referência e passaram a orientar e conduzir a ação docente (e talvez até formar). O livro didático pode ser considerado um agente que reproduz identidades e ideologias.

Importante destacar o quão preocupante essa questão passa a ser, quando se pensa que ele pode assumir, além de sua função de instrumento pedagógico, ser mais um dispositivo para exercer diversas relações de poder, as quais tendem a categorizar as questões de gênero e propagar as relações de desigualdade e colonialidade.

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de “características” de homens e atividades de mulheres. Também têm observado a representação da família típica constituída de um pai e uma mãe e, usualmente, dois filhos, um menino e uma menina. [...] A ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, o cruzamento de fronteiras, as trocas, as solidariedades e os conflitos são comumente ignorados ou negados. (LOURO, 1997, p. 79).

Há diversxs pesquisadorxs em fase de indagações e denúncias sobre narrativas excludentes presentes em livros didáticos de Matemática e práticas pedagógicas estruturadas pelo patriarcado, sexismo, machismo, lgbtqfobia, dentre outros.

Elenilton Vieira Godoy, Fernanda Dartora Musha e Yasmin Cartaxo Lima, em apresentação no IV SIGESEX, analisam como o gênero aparece em um dos elementos dos intramuros da escola: os livros didáticos de Matemática do 6º e do 9º ano. Xs autorxs indagam que “o livro didático é elemento chave nas aulas de matemática, seus exercícios são ferramentas para essa tendência de isolamento da matemática das questões sociais” (LIMA; GODOY; MUSHA, p. 286, 2019). Diante as evidências apresentadas pelas autoras e após a leitura da imagem a seguir, só tenho a concordar.

Figura 3 – Mulher às Compras.



Fonte: CENTURIÓN; JAKUBOVIC, 2015, 6º ano, p.47 apud LIMA; GODOY; MUSHA, 2019, p. 286.

Nessa imagem, é perceptível a disposição de uma situação convencional de compras no caixa de um mercado, a qual me intriga pela forma como foi representada. Xs autorxs afirmam que:



A imagem reproduz muitos estereótipos de gênero em uma situação simples: a mulher associada à imagem familiar e, como mãe, responsável por atender às necessidades da criança; a garota associada ao trabalho manual delicado, claro pelos itens comprados (materiais de pintura, desenho, recorte e colagem); a caixa da loja, como mulher, em um trabalho majoritariamente feminino. Não temos homens representados nessas situações, comuns para quem tem crianças, e nem como caixas de papelaria, supermercados etc. Temos poucos garotos representados desenvolvendo trabalhos manuais. Mulheres continuam como alvo dessa representação: elas começaram a aparecer em áreas de prevalência masculina, mas eles continuam em seus lugares tradicionais. Naturalizar essas situações é reafirmar o papel da mulher da sociedade tradicional: esposa, mãe, cuidadora do lar, delicada, recatada. (LIMA; GODOY; MUSHA, p. 291, 2019).

Deise Maria Xavier de Barros Souza, sob orientação de Márcio Antonio da Silva desenvolvia sua pesquisa de doutorado no PPGEduMat, com a qual buscava compreender como o currículo de Matemática se configura em discursividades que produzem endereçamentos de gênero e interrogava marcas de gênero no currículo

de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental. Junto ao GPCEM (Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática) analisava livros didáticos de matemática, nos quais são apresentados processos de subjetivação e objetivação desses materiais que podem contribuir para a constituição de sujeitos (professorxs e estudantes) em formas específicas de ser e não ser.



Embora não tenha concluído sua pesquisa, porque faleceu em agosto de 2018, Deise deixou vastas contribuições para o campo da Educação Matemática. Em alguns de seus artigos trouxe análises de dados de seu estudo, dentre as quais aponta questões de gênero no par binário masculino e feminino a serviço da normatização dos sexos. Ademais, enfatiza que tanto a escola, como o currículo e o conhecimento matemático são lugares discursivos de repetição de representações heteronormativas de gênero.

Figura 4 – Pares Possíveis.

5 No Dia das Crianças será apresentada na escola a peça *João e Maria*. Pedro, Jorge, Vera, Laura e Lívia querem participar.



a) Para descobrir os pares possíveis para fazer o papel de João e de Maria na peça, recorte e cole as peças da página 229 para completar o quadro.

	 Vera	 Laura	 Lívia
 Pedro			
 Jorge			

Fonte: LASINKAS et al, 2016, p.179 apud SOUZA & SILVA, 2017, p. 387.

É possível notar, no quadro, que Pedro, Jorge, Vera, Laura e Lívia se interessam em participar da peça e, por meio de artefatos estéticos, o livro didático direciona identidades para Vera, Laura e Lívia como femininas e de Pedro e Jorge

como masculinas. Nas palavras de Deise, é um artefato de uma verdade heterossexual onde o currículo de matemática passa a reproduzir uma resposta correta: seis possibilidades. É induzida como verdade a ideia de casal heteronormativo que exclui a possibilidade de outras formas de casais. [*Olha, uma bixinha está lendo esse texto. Cadê seu namorado pra eu bater em vocês dois até aprender a virar homem?*].

Quando professorxs entendem o significado de diversidade sexual e lgbtqiafobia, podem auxiliar na (des)construção de preconceitos, discriminações e no combate de violências manifestadas nas unidades de ensino da educação básica. Quando não há o entendimento acerca dessas temáticas, os profissionais podem contribuir para o silenciamento e a negação de identidades sexuais e de gênero, e se não se dispuserem a buscar o entendimento, tendem a presenciar, calados, a frequência de insultos e diversas formas de manifestação de preconceito no ambiente escolar.

Por que isso ocorre em aulas de matemática? Já Começa com a clássica e preconceituosa falácia de que “as mulheres têm menos habilidade com os números que os homens”, ou que “meninos estudam matemática, ciência de homem, e meninas e ‘viadinhos’ estudam ciências humanas ou artes”, entre outras situações por aí afora.

É necessário indagar-nos sobre por que, ainda atualmente, as coisas estão postas dessa forma, subsistindo, “como uma verdade”, que **“os homens são melhores em matemática do que as mulheres”**. [...] a história continua, eternamente repetida; nessa história, a matemática tem sido produzida como **própria do masculino**, como se estivesse **na própria natureza masculina** “ser bom em matemática”. (SOUZA & FONSECA, 2010, p.13, grifo do autor).

Lamentavelmente, em pleno século XXI, esse discurso ainda parece ser sustentado por alguns. No entanto, o mais triste de tudo isso é que muitas pessoas acabam comprando essa ideia falaciosa e matam seus desejos, acabando por cair em profissões que nada têm delas. Essa é só uma das consequências da perversidade dos discursos heteronormativos. É possível perceber implicações à Matemática e seus estudos que transcendem o currículo normativo e o livro didático de matemática.

Por que ocorre essa extensão? Quando ainda na infância meninas recebem estímulos para exercerem – às vezes como opção única – em suas vidas as atividades domésticas e a maternidade, as quais estão [*leitorx, você não é normal, é promíscuo*] relacionadas ao cuidado e à afetividade. Sendo costumeiramente são oferecidos a elas apenas brinquedos como: bonecas, fogãozinho, brincar de casinha, entre outros. Por outro lado, meninos são estimulados para serem viris, racionais e dominadores, destinados a se divertirem com carrinhos, brincadeiras de estratégia, jogos, atividades esportivas, armas, futebol, entre outros. Parte da infância é vivida na escola, então esse ambiente é extensor da atribuição desses sentidos culturais e sociais e, ainda, sabemos que por um longo tempo o ensino de matemática era direcionado somente a meninos, ou seja, há uma relação historicamente naturalizada de uma educação sexista. Resta aqui o questionamento acerca dos indivíduos não heterossexuais, os quais ficam à margem dessa divisão/classificação nas brincadeiras infantis [*Leitorx, como fica essas pessoas nisso tudo que estou dizendo? Sabe dizer?*]. A condução da vida pode ter desfechos dramáticos, como os relatos dispostos aqui.

Figura 5: Relatos de LGBTQIAfobia (1).

Homossexualidade só é tabu quando é pra ensinar a ter respeito. Se for pra ser chacota, está tranquilo.
Quando criança cansei de ver a Vera Verão, Pity Bicha e tantos outros personagens na TV.. na hora de xingar de "viadinho" toda criança sabe da existência da homossexualidade, mas se for pra ensinar a respeitar "ahh nossa, meu filho vai ficar confuso se souber que existem relacionamentos entre 2 homens ou 2 mulheres", "falar disso não é função da escola", blablabla...
Tem uma galera que além de preconceituosa é hipócrita e covarde, pq não tem nem o culhão de assumir o que realmente pensa.

Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 29 ago. 2019. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1voWrqnhG3/>. Acesso em: 29 de ago 2019.



In memoriam ao Roliver de Jesus dos Santos, um menino de 12 anos de Vitória-ES, que na véspera do Carnaval de 2012 se enforcou com o cinto da mãe. Na escola era alvo de piadas. "Eles o chamaram de gay, bicha, gordinho... Às vezes ele ia embora chorando". Roliver deixou uma carta

pedindo desculpas pelo suicídio e dizendo que não entendia por que era alvo de tantas humilhações¹.

Embora indivíduos não heterossexuais tenham, de certa forma, se acostumado com os tratamentos hostis, a ponto de alguns não darem mais tanta importância a eles e/ou ressignificado as palavras expressas por meio de insultos e xingamentos, a escola ainda é considerada um espaço agressivo; há corpos e identidades sendo violentados, silenciados e apagados. A Matemática, enquanto disciplina e ciência, está alocada no âmbito escolar, não é neutra; pelo contrário, tem objetivo ideológico.

Há muitos espaços em que o machismo, o patriarcado e a colonialidade imperam e operam, contudo, a sociedade ainda não conseguiu visualizar a violência ali presente. Praticamente nenhum ambiente é receptível a corpos estranhos, então não se pode estranhar o fato de uma sala de aula, de matemática também não ser. Todavia, ainda há uma possibilidade de controvérsia. [*Leitorx, poderá a aula de matemática ser receptível a todxs xs corpos?*].

Procuro aqui, problematizar as feridas que maltratam diversas pessoas, inclusive este pesquisador, em busca de novos remédios e outros caminhos. Impera a dúvida acerca do fato de algum indivíduo, nesta *Abya Yala*², sair incólume das crueldades próprias da colonialidade e do patriarcado. Assim, como professor de matemática na educação básica e na Educação Matemática, reivindico meu direito de usar o espaço a mim reservado.

Faço as palavras de Linn da Quebrada, minhas palavras, quando lembra que somos agentes desse dilacerante sistema; ao pontuar que o meu, o seu, o nosso corpo é político; portanto, importa questionar qual deve ser, a minha, a nossa ação política. [*Leitorx, qual é a sua ação política?*].

Relevante enfatizar que o tema aqui tratado está longe de ser esgotado, tampouco o será neste texto acadêmico; não obstante, consideramos importante

¹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

² “Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário do norte da Colômbia. Atualmente vivem na costa caribenha do Panamá, na comarca de Kuna Yala.” Ou seja, até nome América Latina foi o colonizador quem nos deu. ENCICLOPÉDIA LATINO AMERICANA. **ABYA YALA**. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>. Acesso em: 12 ago. 2019.

pontuar algumas perturbadoras inquietações que me rondam há tempos, em busca de ocupar outros espaços e explorar a falha do sistema. Dessa forma, estou a acreditar na possibilidade de fissura do pensamento colonial para então desestruturar o sistema moderno/colonial.

É alfabetizar as pessoas, como professores e estudantes, no âmbito do gênero, por intermédio da matemática. Para tanto, busco resposta para alguns questionamentos, quais sejam: a) Como o ensino de matemática vai lidar com as ferramentas da decolonialidade dos estudos de gênero e do *caderno Escola Sem Homofobia*? b) Como se apresenta a relação colonialidade, estudos de gênero e o *caderno Escola Sem Homofobia* no ensino de matemática?

Busco compreender como as desigualdades de gênero, classe, religião e raça foram operacionalizadas durante o colonialismo, em vias de regra, como seus vestígios promulgam o racismo, o sexismo, o heterossexismo; procuro entender, ainda, como relações de gênero são categorias de controle do trabalho, da economia, do sexo e seus recursos.

Dessa forma, apresento, a princípio, um objetivo de ordem mais geral, na busca por compreender como relações de gênero são categorias de controle do trabalho, da economia, do sexo e seus recursos.

Como objetivos específicos, procuro a) identificar indícios da colonialidade do poder/ser/saber/gênero no Ensino de Matemática; b) refletir sobre a possibilidade de o *caderno Escola Sem Homofobia* contribuir para um projeto de decolonialidade.

Acredito que a pesquisa contribuirá para os estudos latino-americanos, já que o PPGEdMat abriu espaço para discorrer sobre a temática amplamente discutida no momento atual deste país, que é marcado desde o processo de colonialismo-colonização. Ademais, é importante discutir como o sistema colonial de gênero apagou (apaga) e destruiu (destrói) identidades e ainda hoje apresenta interpretação única de mundo e vivência sobre ele.

A princípio, meu objetivo era ver como se dão as relações de gênero em livros didáticos de matemática, sobretudo nas imagens trazidas pelos livros. No entanto, após algumas discussões durante o processo de orientação e por ter observado como o *caderno Escola sem homofobia* era utilizado arduamente como objeto de campanha política no Brasil pelo candidato Jair Bolsonaro, decidi abandonar a ideia inicial de análise dos livros didáticos e voltar


meu olhar de professor de matemática e pesquisador para esse polêmico caderno. Desse modo, o trabalho assumiu outro percurso que descrevo brevemente. Na primeira sessão, trouxe o caderno *Escola sem homofobia*, com destaque para os aspectos mais relevantes para desenvolver os objetivos propostos. Na segunda sessão, descrevo as dificuldades de desenvolver a pesquisa e contexto em que meus colaboradores estão inseridos. Na terceira sessão, junto aos professores de matemática, apresento as entrevistas, nas quais questiono sobre o caderno e sua postura, em sala de aula, acerca do gênero. Na quarta sessão, busco apresentar alguns pressupostos que alicerçam a discussão em torno da decolonialidade, caminho por onde pretendo seguir a fim de dar corpo às minhas reflexões; logo, será uma sessão mais teórica. Na quinta sessão, particularizo a decolonialidade quando a trago para a questão do gênero. Nesse momento, as reflexões de María Lugones (2007, 2008, 2014) sobre a colonialidade do gênero e a busca por um feminismo descolonial me foram altamente valiosas. Tentei articular esses saberes à temática do gênero, sexualidade e educação. Por fim, na sexta sessão exibo o diagnóstico das sessões anteriores.

PRIMEIRA SESSÃO





1. Num caderno qualquer eu desenho um sol amarelo



Você me dando uma bola
E eu perdido na escola
Essa fissura no ar
Parece que eu vô correndo
Sem vontade de andar
Quero te apertar
Quero te morder, me dá
Quero mas não posso, não, porque
Rubens! Não dá!
A gente é homem
O povo vai estranhar
Rubens! Para de rir menino
Se a tua família descobre
Eles vão querer nos engolir
A sociedade não gosta
O pessoal acha estranho
Nós dois brincando de médico
Nós dois com esse tamanho.

Cássia Eller



O “kit Escola Sem Homofobia” é um material do “Projeto Escola Sem Homofobia” do programa “Brasil Sem Homofobia³”, lançado em 2004 pelo governo federal, é um programa de combate à violência e à discriminação contra as pessoas LGBTQIA+ e de promoção da cidadania homossexual. Afirma o Conselho Nacional de Combate à Discriminação que um dos



é a educação e a mudança de comportamento dos gestores públicos. Buscamos a atitude positiva de sermos firmes e sinceros e não aceitarmos nenhum ato de discriminação e adotarmos um “não à violência” como bandeira de luta de Combate à Discriminação contra Homossexuais. (CONSELHO NACIONAL DE COMBATE A DISCRIMINAÇÃO, 2004, p. 7).

O documento também relata as dificuldades de ser travesti

A família [...] não aceita e o garoto é expulso de casa. O único meio de vida é a prostituição. Costumo comparar a travesti a uma ilha, só que ao invés de estar cercada de água por todos os lados está cercada pela violência. (CONSELHO NACIONAL DE COMBATE A DISCRIMINAÇÃO, 2004, p.8).

A partir do texto da imagem retratada na próxima página, é possível constatar que a motivação do crime é clara, é ser travesti. Segundo Conselho Nacional de Discriminação (2004) o Plano Plurianual - PPA 2004-2007 definiu, no âmbito do ‘Programa Direitos Humanos, Direitos de Todos’, a ação denominada Elaboração do Plano e para efetivar o compromisso, tem objetivo de:

promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais. (CONSELHO NACIONAL DE COMBATE A DISCRIMINAÇÃO, 2004, p. 11).

³CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

Figura 6: Notícias na Internet – Travesti (2).

AMAPÁ REDE AMAZÔNICA

orientação sexual ou gênero diferente que o do heterossexual.

“A homofobia, que é a aversão às pessoas LGBTs, tem várias formas de como é demonstrada. A violência física é a mais cruel, quando as pessoas são mortas devido à orientação sexual e à identidade de gênero. O Brasil ainda é o país que mais mata LGBTs”, lembrou.



Travesti foi morta em outubro de 2017, em ponto de prostituição — Foto: John Pacheco/G1

Na **noite do dia 29 de outubro de 2017, a travesti Niely Lafontayne, de 30 anos, foi morta** com um tiro no rosto e outro no abdome. O crime aconteceu em ponto de prostituição em Macapá, cometido por dois homens não identificados e, na época, o motivo ainda não era claro.

Fonte: FIGUEIREDO, Fabiana. ‘Jovens estão adoecendo por homofobia psicológica’, diz União Nacional LGBT. **G1 AP**, Macapá, 17 mai 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/jovens-estao-adoecendo-por-homofobia-psicologica-diz-uniao-nacional-lgbt.ghtml>. Acesso em: 10 de jul de 2019.

De acordo com o documento aqui em voga, o Programa “Brasil Sem Homofobia” possui alguns princípios, tais como:

1. A inclusão da perspectiva da não-discriminação por orientação sexual e de promoção dos direitos humanos de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais, nas políticas públicas e serem implantadas (parcial ou integralmente) por seus diferentes Ministérios e Secretarias.
2. A produção de conhecimento para subsidiar a elaboração, implantação e avaliação das políticas públicas voltadas para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual, com a garantia de que o Governo Brasileiro inclua o recorte de orientação sexual e o segmento GLTB em pesquisas nacionais a serem realizadas por instâncias governamentais da administração pública direta e indireta.
3. A reafirmação de que a defesa, a garantia e a promoção dos direitos humanos incluem o combate a todas as formas de discriminação e de violência e que, portanto, o combate à homofobia e a promoção dos direitos

humanos de homossexuais é um compromisso do Estado e de toda a sociedade brasileira.

É importante destacar que o

Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania de Homossexuais, Brasil sem Homofobia, sinaliza, de modo claro, à sociedade brasileira que, enquanto existirem cidadãos cujos direitos fundamentais não sejam respeitados por razões relativas à discriminação por: orientação sexual, raça, etnia, idade, credo religioso ou opinião política, não se poderá afirmar que a sociedade brasileira seja justa, igualitária, democrática e tolerante. Com esse novo Programa, o governo brasileiro dá um passo crucial no sentido da construção de uma verdadeira cultura de paz. (CONSELHO NACIONAL DE DISCRIMINAÇÃO, 2004, p. 13-14).

Além disso, o documento esclarece algumas dúvidas, tais como, a diferença entre sexo e sexualidade, identidade sexual, orientação sexual e homossexualidade.

O Projeto Escola Sem Homofobia⁴ foi financiado pelo Ministério da Educação por meio de recursos adquiridos pela Emenda Parlamentar da Comissão de Legislação Participativa e ocorreu em ação colaborativa com a ABGLT, Pathfinder do Brasil, ECOS – Comunicação em Sexualidade⁵, Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva e com a orientação técnica da SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação.

Em nota oficial, consta o ponto que o projeto estava propondo mudar, pois, a partir de embasamento em pesquisas e dados, foi constatada a presença forte e marcante da homofobia na sociedade e no ambiente escolar (BRASIL, 2010). Como exemplo do constante no projeto pode ser citado o trecho a seguir:

A pesquisa intitulada “Juventudes e Sexualidade”, realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no ano 2000 e publicada em 2004, foi aplicada em 241 escolas públicas e privadas em 14 capitais brasileiras. Segundo resultados da

⁴BRASIL. Ministério Público Federal. **Nota Oficial sobre o Projeto Escola sem Homofobia**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/informacao-e-comunicacao/eventos/direitos-sexuais-e-reprodutivos/audiencia-publica-avaliacao-programas-federais-respeito-diversidade-sexual-nas-escolas/projeto-escola-sem-homofobia/nota-oficial-sobre-o-projeto-escola-sem-homofobia/view>. Acesso em: 20 ago. 2019.

⁵ A ECOS possui diversos materiais, dentre eles, ela produz vídeos e DVDs educativos sobre: Sexualidade, Saúde Reprodutiva, Prevenção às DST/Aids, Direitos, Relações Familiares, Prevenção ao Uso Indevido de Drogas e à Violência de Gênero. ECOS. **Materiais Educativos**. Disponível em: <https://www.ecos.org.br/videos>. Acesso em: 22 ago. 2019.

pesquisa, 39,6% dos estudantes masculinos não gostariam de ter um colega de classe homossexual, 35,2% dos pais não gostariam que seus filhos tivessem um colega de classe homossexual, e 60% das(os) professoras(es) afirmaram não ter conhecimento o suficiente para lidar com a questão da homossexualidade na sala de aula.

O estudo "Revelando Tramas, Descobrimos Segredos: Violência e Convivência nas Escolas", publicado em 2009 pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, baseada em uma amostra de 10 mil estudantes e 1.500 professores(as) do Distrito Federal, e apontou que 63,1% dos entrevistados alegaram já ter visto pessoas que são (ou são tidas como) homossexuais sofrerem preconceito; mais da metade dos/das professores(as) afirmam já ter presenciado cenas discriminatórias contra homossexuais nas escolas; e 44,4% dos meninos e 15% das meninas afirmaram que não gostariam de ter colega homossexual na sala de aula. (BRASIL, 2010, s/n).

Abaixo, segue, na íntegra o texto contido na nota oficial sobre os produtos do Projeto Escola Sem Homofobia

O Projeto teve dois produtos específicos, a fim de alcançar o objetivo acima mencionado:

1) Um conjunto de recomendações elaborado para a orientação da revisão, formulação e implementação de políticas públicas que enfoquem a questão da homofobia nos processos gerenciais e técnicos do sistema educacional público brasileiro, que se baseou nos resultados de duas atividades:

a) A realização de 5 seminários, um em cada região do país, com a participação de profissionais de educação, gestores e representantes da sociedade civil, para obter um perfil da situação da homofobia na escola, a partir da realidade cotidiana dos envolvidos.

b) A realização de uma pesquisa qualitativa sobre homofobia na comunidade escolar em 11 capitais das 5 regiões do país, envolvendo 1406 participantes, entre secretários(as) de saúde, gestores(as) de escolas, professores(as), estudantes e outros integrantes das comunidades escolares. A metodologia da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp.

2) A incorporação e institucionalização de uma estratégia de comunicação para trabalhar a homossexualidade de forma mais consistente e justa em contextos educativos e que repercuta nos valores culturais atuais. A estratégia compreende:

a) Criação de um **kit de material educativo** abordando aspectos da homo-lesbo-transfobia no ambiente escolar, direcionado para gestores(as), educadores(as) e estudantes.

b) **Capacitação** de técnicos(as) da educação e de representantes do movimento LGBT de todos os estados do país para a utilização apropriada do kit junto à comunidade escolar. (BRASIL, 2010, p. 1-2, grifo do autor).

O kit de material educativo foi nomeado 'Kit Escola Sem homofobia' e, na época, jocosamente apelidado de "kit gay" pelo deputado pastor Marco Feliciano, o qual afirma que "querem implantar uma mentira na mente de todos através da cultura e de uma pseudociência. Isto pode gerar um transtorno na mente de nossos adolescentes".



Figura 7: Notícias na Internet – Ameaças.

24/02/2016 14h07 - Atualizado em 24/02/2016 14h21

'Dói muito', diz homossexual agredido na porta de escola em São José

Jovem diz ter sido vítima de homofobia; vítima e agressor estudam juntos. Aluno foi agredido a pauladas por cinco adolescentes na segunda (22).

Agredido a pauladas por cinco adolescentes na saída da escola em São José dos Campos (SP), um jovem de 18 anos está traumatizado. Ele diz que foi espancado na última segunda-feira (22) por ser homossexual. O caso é investigado pela polícia.

"Meu coração estava apertado. Deram paulada da minha cabeça, fiquei tonto, caí e não lembro de mais nada. Uma coisa que você deita no seu travesseiro e acorda de madrugada com aquelas vozes na sua cabeça. É algo que dói muito", disse o jovem, que por medo dos agressores prefere não se identificar.

Um dos suspeitos, de 16 anos, estudava na mesma sala que a vítima, em uma escola estadual na zona sul, e teria chamado os amigos para espancar o jovem. Durante as agressões, o estudante levou pauladas, chutes e pontapés principalmente no rosto. Ele precisou levar sete pontos na cabeça.

saiba mais

Aluno é agredido a pauladas na porta de escola na zona sul de São José

A vítima disse à polícia que vinha sendo ameaçado pelo colega desde o começo do ano letivo e acredita que o motivo é preconceito. "Ele falou que ia me pegar na hora da saída e ia me matar, e eu não dei motivos pra ele, sempre foi palavras, ofensas, que ele propagava", contou o jovem.

A vítima já tinha conversado com a direção da escola sobre as provocações que sofria. Na última segunda, dia da agressão, ele foi transferido de sala.

A tia do jovem está indignada com o sofrimento do sobrinho. "Um misto de revolta, indignação, isso está abalando assim psicologicamente a família toda", disse a mulher, que também não quis se identificar.

“
Ele falou que ia me pegar na hora da saída e ia me matar”
— Jovem agredido

Fonte: Globo (2016).

O kit 'Escola sem Homofobia' é composto por um caderno, 6 boletins denominados boletins e 3 mídias audiovisuais denominadas: "Medo de quê?", "Boneca na Mochila" e "Torpedo" e seus respectivos guias. Também compõem o kit um cartaz e uma carta de apresentação. O caderno é estruturado em três capítulos: a) Desfazendo a confusão; b) Retratos da Homofobia na escola e c) A diversidade sexual na escola. O projeto tem como proposta "contribuir para a desconstrução de

imagens estereotipadas” sobre LGBTQIA+, “e, promover como ganho a convivência e o respeito em relação às diferenças” (BRASIL, 2011, p. 11).

O capítulo denominado ‘Desfazendo a confusão’ apresenta e discute o conceito de gênero e a forma como os conteúdos das disciplinas escolares transmitem os modos de pensar, sentir e agir considerados apropriados ao sexo masculino e ao feminino, com adequações de contraposição um ao outro. Além disso, destaca a necessidade de conhecer alguns conceitos importantes para entender a diversidade sexual. Assim, propõe esclarecer dúvidas do senso comum e conceitos empregados erroneamente sobre a identidade de gênero e orientação sexual. Aborda a necessidade de atentar a informações e conhecimentos adquiridos no cotidiano escolar e nos **livros didáticos**, e a importância de falar do assunto como forma de enfrentamento ao preconceito e à discriminação contra a mulher e LGBTQIA+ (BRASIL, 2011, grifo nosso).

‘Retratos da homofobia na escola’ tem como propósito desocultar e desconstruir a homofobia no cotidiano escolar; explora conceitos que possibilitem discutir e compreender as sutilezas dos estereótipos criados em torno de LGBTQIA+; demonstra como o silêncio diante de manifestações homofóbicas pode conduzir a agressões e violências de todo tipo. Com isso, estimula a elaboração de um currículo que permita adotar a transversalidade como possibilidade de incluir, entre os temas sociais relevantes, o enfrentamento da discriminação e da violência decorrentes dos preconceitos relativos a gênero e orientação sexual. Destaca também, a importância de discussões acerca das práticas escolares, tal como, o currículo, em que subjazem conceitos dogmáticos, especulativos e naturalizantes sobre orientação sexual, seja por meio da linguagem utilizada no cotidiano do ambiente ou da forma em que os conhecimentos são oferecidos nos **livros didáticos** e nas disciplinas curriculares, assim como na organização sexual dos espaços da escola (BRASIL, 2011, grifo nosso).

Já o capítulo intitulado ‘A diversidade sexual na escola’ tem como proposta contribuir com reflexões e sugestões de atividades para a elaboração de plano de ação voltado para a elaboração de Projetos Político-Pedagógicos que contemplem o enfrentamento da homofobia na escola (BRASIL, 2011).

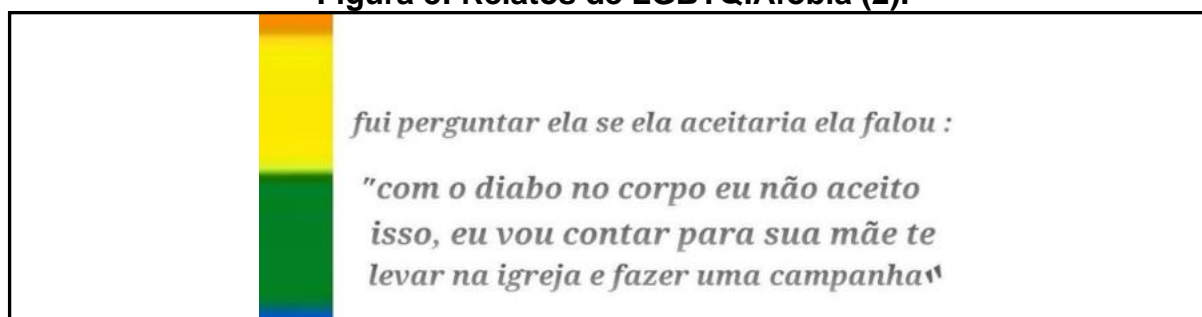
Nesta pesquisa verso sobre
Escola sem homofobia “não é a



o caderno e o bolesh 1. O caderno
resposta, mas apenas uma

ferramenta” (BRASIL, 2011, p. 14). Nesse sentido, o documento expõe apresentações conceituais e metodológicas, pois tem como objetivo modificar concepções didáticas, pedagógicas e curriculares, tais como rotinas escolares e formas de convívio social que operam como dispositivos pedagógicos de gênero e sexualidade que (re)produzem a homofobia (BRASIL, 2011). A não distribuição desse material e a resistência de conservadores evidenciam a presença da colonialidade e a possibilidade de ela estar em processo de intensificação, de modo a manter a estrutura hegemônica que utiliza o preconceito e a discriminação como ferramentas que subalternizam em função de uma única matriz cultural amparada fortemente em discursos religiosos. Digo religiosos, pois não posso assegurar que seja puramente de matriz cristã e sim ideológica de uma religiosidade tóxica mobilizada principalmente pela bancada religiosa na época (2011) e pelo então presidente da república Jair Bolsonaro, em campanha eleitoral de 2018, que pejorativamente denominou de “kit gay” um material tão importante para a prática de decolonizar o gênero.

Figura 8: Relatos de LGBTQIAfobia (2).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 06 jan. 2020. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B6_o1eqHu3q/. Acesso em: 06 de jan 2020.

É importante notar que esse material assume importância política, porque é um veículo que possibilita reflexões sobre preconceito e discriminação contra LGBTQIA+, e ainda pode ser um recurso que rompe com o sistema heterossexual, o qual, por exemplo, não considera lésbica ser mulher, gay ser homem porque estão fora da economia política da heterossexualidade (HARAWAY, 2004). Nesse sentido, a colonialidade do ser pode ser lucidamente apresentada quando se menciona que “ser um sujeito no sentido ocidental significava reconstituir as mulheres fora das relações de reificação (como presente, mercadoria, objeto de desejo) e apropriação (de bebês, sexo, serviços)” (HARAWAY, 2004, p. 226). Na categoria mulheres temos

transexuais, transgêneros, lésbicas e qualquer indivíduo que se identifique com o gênero. Assim, torna-se gritante a ideologia do sistema moderno/colonial quando Jair Bolsonaro, em um café com jornalista, declara que o Brasil não pode ser o país do turismo gay, mas “quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade⁶”. Discursos dessa natureza colocam a mulher como objeto e/ou comércio sexual na segunda década do século XXI em um pouco mais de 520 anos da invasão ocidental no Brasil.

Antes de entrar em uma discussão mais acurada desse assunto, vale ressaltar que no cenário de distribuição do material a mídia teve um papel marcante, pois políticos que manifestavam repúdio ao projeto recorreram ao apelo midiático para mobilizar os civis com objetivo de [tudo bem ser lésbica, mas não precisa se vestir como homem] impedir o desenvolvimento do projeto. É imprescindível destacar que o discurso empregado era de que o Governo Federal, por meio do kit, poderia incentivar práticas homoafetivas. Parece cômica a repercussão desse discurso estapafúrdio, mas não é, porque a lógica colonial reside na sociedade civil e tem maior afinco com a mobilização de informações de cunho *fake news*⁷.



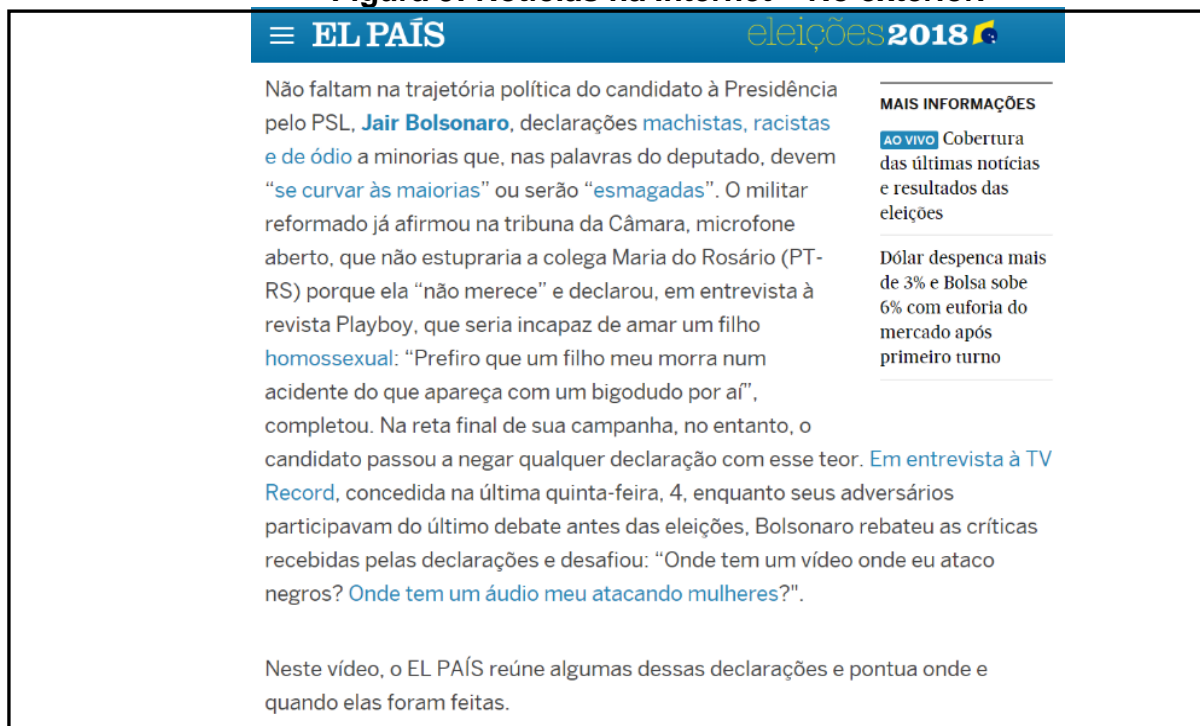
Em 2011 “após pressão de setores conservadores da sociedade e do Congresso Nacional, o material foi engavetado pelo governo”⁸ (NOVA ESCOLA, 2015). Apesar da não distribuição do material, sigo com o questionamento sobre a possibilidade de o caderno *Escola sem homofobia* contribuir para a decolonialidade, uma vez que a busca é de mecanismos para romper com o sistema moderno/colonial agregador da colonialidade do poder/ser/saber e principalmente do gênero.

⁶ GADELHA, I.; RANGEL, R.. ‘Brasil não pode ser o país do turismo gay’, diz Bolsonaro. **Crusoé**: uma ilha no jornalismo, Brasil, 25 abr 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro,e3fc1683369c71b5e887a6ed79493e4d680thtcd.html>. Acesso em: 28 de abr. 2019.

⁷ *Fake news* é um termo em inglês e é usado para referir-se a falsas informações divulgadas, principalmente, em redes sociais. De acordo com Rafael Batista via Mundo Educação, “apesar de parecer recente, o termo *fake news*, ou notícia falsa, em português, é mais antigo do que aparenta. Segundo o dicionário *Merriam-Webster*, essa expressão é usada desde o final do século XIX. O termo é em inglês, mas se tornou popular em todo o mundo para denominar informações falsas que são publicadas, principalmente, em redes sociais”. MUNDO EDUCAÇÃO. **Fake News**. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>. Acesso em: 30 abr. 2019.

⁸ NOVA ESCOLA. **Uma análise do caderno Escola sem Homofobia**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1579/uma-analise-do-caderno-escola-sem-homofobia>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Figura 9: Notícias na Internet – No exterior.



≡ EL PAÍS eleições2018

Não faltam na trajetória política do candidato à Presidência pelo PSL, **Jair Bolsonaro**, declarações machistas, racistas e de ódio a minorias que, nas palavras do deputado, devem “se curvar às maiorias” ou serão “esmagadas”. O militar reformado já afirmou na tribuna da Câmara, microfone aberto, que não estupraria a colega Maria do Rosário (PT-RS) porque ela “não merece” e declarou, em entrevista à revista Playboy, que seria incapaz de amar um filho **homossexual**: “Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”, completou. Na reta final de sua campanha, no entanto, o candidato passou a negar qualquer declaração com esse teor. [Em entrevista à TV Record](#), concedida na última quinta-feira, 4, enquanto seus adversários participavam do último debate antes das eleições, Bolsonaro rebateu as críticas recebidas pelas declarações e desafiou: “Onde tem um vídeo onde eu ataco negros? [Onde tem um áudio meu atacando mulheres?](#)”.

Neste vídeo, o EL PAÍS reúne algumas dessas declarações e pontua onde e quando elas foram feitas.

MAIS INFORMAÇÕES

AO VIVO Cobertura das últimas notícias e resultados das eleições

Dólar despensa mais de 3% e Bolsa sobe 6% com euforia do mercado após primeiro turno

Fonte: MARTIN, M. “Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas”. **EL PAÍS**, São Paulo, 14 fev 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html. Acesso em: 10 jun. 2019.

O KIT GAY NÃO EXISTE! Jair Bolsonaro apresentou outro material que se quer foi comprado pelo Ministério da Educação, tampouco integrou ao que foi denominado Kit Gay. O caderno *Escola Sem Homofobia* não foi lançado e não pode ser trabalhado na escola, então, sequer existiu o material Kit Gay.

Com a questão posta anteriormente, lanço da hipótese de que com a manobra política e ideológica para a interrupção do projeto em relação à distribuição do kit *Escola Sem Homofobia*, a sociedade civil e educadores podem criticar o material sem ao menos conhecê-lo. Além disso, pontuo outros questionamentos surgidos durante a investigação, acredito que podem auxiliar na resposta à questão central, e saliento que estes outros questionamentos, citados a seguir, podem ser aqui respondidos, ou não. a) qual o posicionamento de educadores em relação ao material?; b) como práticas educativas, em particular, no ensino de matemática, repercutem marcas da colonialidade?; c) o que pode estar sendo mobilizado por professores e estudantes?; d) a docência tem sido, de fato,



re(produtora) da colonialidade?; e) como criar espaços de transformação que rompam com a lógica colonial?; f) quais os desafios dxs educadores para a prática educativa?; g) como a comunidade escolar e a família têm se comprometido com o educar?; h) como problematizar e compreender as práticas educativas e os valores culturais intrínsecos a elas?; i) quais são os papéis dos Materiais na prática educativa e eles também repercutem a colonialidade? [*Aí se você fosse homem*].

SEGUNDA SESSÃO



2. COMO A FALA DE DELES, DELAS, DELXS CHEGOU A MIM...



Onda

*Conheci-o no Arpoador,
Garoto versátil, gostoso,
Ladrão, desencaminhador
De sonhos, ninfas e rapsodos.*

*Contou-me feitos e mentiras
Indeslindáveis por demais:
Eu todos ouvidos, tatos, vistas,
E pedras, sóis, desejos, mares.*

*E nós chamamos de bacanas
E prometemo-nos a vida:
Comprei-lhe um picolé de manga*

*E deu-me ele um beijo de língua
E mergulhei ali à flor
Da onda, bêbedo de amor.*

Antônio Cicero



2.1 O que poderia ser dito se não tivesse gravador de voz?

Considerando os objetivos desta pesquisa, utilizo a entrevista semiestruturada com quatro educadorxs de matemática que lecionam na rede pública com o fito de buscar respostas e refletir a partir do material caderno 'Escola sem homofobia' e de uma proposta de leitura de imagem do bolesh 1. Para diferenciar e identificar a fala de cada colaboradorx utilizo nomes fictícios e os dados foram produzidos individualmente nos locais e horários disponíveis pelxs entrevistadxs, com alternância de períodos matutino e vespertino.

Como nem tudo são flores, considero importante destacar os desafios enfrentados neste processo. De início, consegui contatar Rosimar, Adair, Lucimar e Darci, que aceitaram sem nenhuma resistência participar da entrevista, porém solicitaram que ocorresse no período de férias, visto que estavam com maior disponibilidade de tempo. Ao término do ano letivo, antes da data comemorativa do dia 25 de dezembro de 2018 encaminhei com antecedência, conforme combinado com minha orientadora e colaboradores da pesquisa, o material caderno *Escola Sem Homofobia* pelo aplicativo *whatsapp* ou e-mail. Xs professores foram orientados a fazerem a leitura e explorarem as atividades apresentadas no material. A nossa intenção era que se xs entrevistadxs não o conhecessem, teriam a possibilidade de um primeiro contato e de refletir sobre ele, razão pela qual foi-lhes solicitada uma leitura prévia.

Quando entrei em contato com xs colaboradores, me deparei com alguns desafios quanto a encontrar horários disponíveis, pois, alguns também aproveitaram para fazer viagens. Com algumas remarcações consegui realizar duas primeiras entrevistas com Rosimar e Lucimar. Com a Darci, um dia antes escrevi uma mensagem para lembrar nosso encontro marcado, assim como fiz com todxs. X mesmx me perguntou se era possível entregar o material impresso, pois havia tido dificuldades em baixá-lo no computador. Entreguei o material e marquei para quinze dias depois e em menos de uma semana elx havia entrado em contato solicitando que realizássemos a entrevista.

Fiz o máximo para deixar xs colaboradorxs à vontade para escolher o local em que se sentissem mais confortáveis. As entrevistas de Rosimar, Lucimar e Juraci

foram em suas respectivas residências, porém, Darci escolheu uma sala da escola em que trabalha durante o seu horário de “Hora Atividade”⁹. Expliquei à vice-diretora que o motivo pelo qual eu precisava ocupar o espaço escolar era a realização de uma entrevista com x professorx sobre minha pesquisa de mestrado e fui liberado.

De início, pensei que seria privacidade, mas elx escolheu a que estava preocupado com o como isso poderia comprometer a em responder a entrevista. Apesar abaixava o tom da voz quando bem.



em um local com maior sala dxs professores. Confesso conforto e a privacidade delx e entrevista e se elx sentiria dispostx de poucas interrupções ou alguém abria a porta, tudo ocorreu bem.

Adair era para ser umx colaboradorx de nossa pesquisa, mas remarcou diversas vezes e surgiram alguns problemas pessoais delx. No entanto, eu já estava pensando em umx colaboradorx reserva (Juraci) caso algo não ocorresse como planejado e entrei em contato. A entrevista foi realizada em poucos dias após a entrega do material.

Figura 10: Relatos de LGBTQIAfobia (3).

The image shows a screenshot of a news article. At the top, there is a photograph of a building facade with several flags, including the Brazilian flag and a rainbow flag. Below the photo, the article title is displayed in bold black text: "Professor de direito da USP chama casais LGBTs de aberração". Underneath the title, the author's name and date are listed: "por Marcio Rolim | 28 de fev de 2019". The main body of the article begins with the text: "Professor de Direito da USP chamou, aa última segunda-feira (25), casais LGBT de aberração e ainda criticou pessoas pobres. O docente da Universidade de São Paulo (USP) Eduardo Lobo Botelho Gualazzi distribuiu aos alun curso de Direito um texto em que defende". A small heart icon is visible at the bottom right of the article snippet.

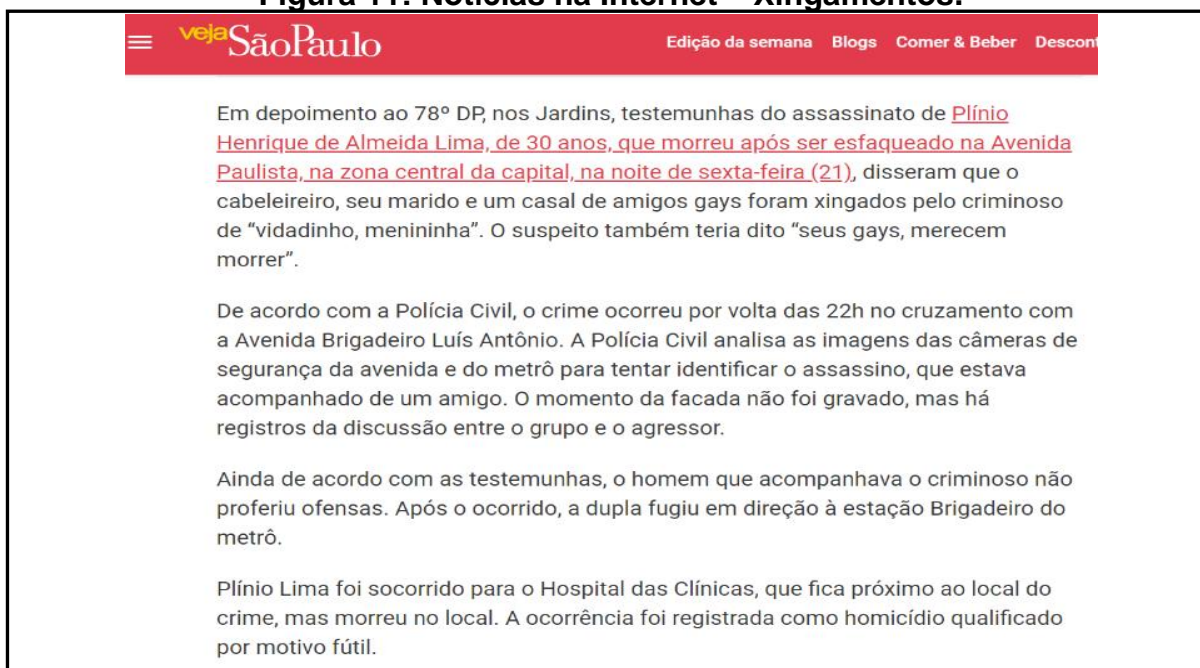
Fonte: ROLIM, M.. Professor de direito da USP chama casais LGBTs de aberração. **Hornet**, São Paulo, 28 fev 2019. Disponível em: <https://hornet.com/stories/pt-pt/professor-de-direito/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

⁹ Corresponde a 1/3 de sua carga horária para realizar atividades pedagógica, como preparação de aulas, elaboração e correção de provas, formação continuada, dentre outras atividades.

Algo interessante que ocorreu em todas as entrevistas foi o nervosismo dxs entrevistadxs, tanto pelo fato de o áudio estar sendo gravado, quanto pela temática.

Ao término da entrevista e desligamento do gravador, disseram muitas coisas que alimentariam nossa análise e algumas pessoas até começaram a discutir sobre o tema. Sem a presença do gravador, sentiram-se tão à vontade que falaram nome das pessoas e deram exemplos de situações cotidianas em relação ao que questionamos, porém, por conta do compromisso de sigilo e falta de autorização para tal, essas conversas adicionais não serão acrescentadas nesta pesquisa.

Figura 11: Notícias na Internet – Xingamentos.



Em depoimento ao 78º DP, nos Jardins, testemunhas do assassinato de [Plínio Henrique de Almeida Lima, de 30 anos, que morreu após ser esfaqueado na Avenida Paulista, na zona central da capital, na noite de sexta-feira \(21\)](#), disseram que o cabeleireiro, seu marido e um casal de amigos gays foram xingados pelo criminoso de “vidadinho, menininha”. O suspeito também teria dito “seus gays, merecem morrer”.

De acordo com a Polícia Civil, o crime ocorreu por volta das 22h no cruzamento com a Avenida Brigadeiro Luís Antônio. A Polícia Civil analisa as imagens das câmeras de segurança da avenida e do metrô para tentar identificar o assassino, que estava acompanhado de um amigo. O momento da facada não foi gravado, mas há registros da discussão entre o grupo e o agressor.

Ainda de acordo com as testemunhas, o homem que acompanhava o criminoso não proferiu ofensas. Após o ocorrido, a dupla fugiu em direção à estação Brigadeiro do metrô.

Plínio Lima foi socorrido para o Hospital das Clínicas, que fica próximo ao local do crime, mas morreu no local. A ocorrência foi registrada como homicídio qualificado por motivo fútil.

Fonte: VEJA SÃO PAULO. **“Seus gays, merecem morrer”, teria dito o assassino de homem na Paulista.** Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/policia-investiga-homofobia-assassinato-paulista>. Acesso em: 14 abr. 2019.

Percebo que existe uma preocupação em relação ao nome dx entrevistadxs, em relação à instituição em que trabalha e às pessoas que foram citadas ao término da entrevista. Ser pesquisador exige ética, por isso, não é minha intenção aqui detalhar o que foi dito após o desligamento do gravador.



2.2 Ontem vi no *whats* que professores são doutrinadores. Eu acho que “o que não é que canalhas travestidos de ‘educadores’ OMITAM a verdade e apresentem, somente, uma versão tendenciosa¹⁰”.

A partir deste título, serão apresentadxs xs educadores entrevistadxs nesta pesquisa, por temer que o ensino continue a apresentar, em diversos contextos, uma versão tendenciosa, a de padrões hegemônicos.

Lucimar é professora de matemática e leciona em escola pública, na rede estadual, em Paranaíba - MS. No momento da entrevista, atua no Ensino Médio, mas salienta já ter ministrado aulas no ensino fundamental II. A colaboradora mencionou ter ouvido falar sobre o material “Kit Escola Sem Homofobia”, porém, ainda não havia visto ou lido.

Já Rosimar está em como docente há um ano, *cidade de Paranaíba, fiquei vim para Campo Grande* (ROSIMAR, 2019). Ao ser ciência da existência do precisx ao responder que



início de carreira, começou a atuar segundo o colaborador “*comecei na um mês dando aula na rede municipal e onde peguei aula na rede estadual*” questionado se havia lido ou tomado caderno Escola Sem Homofobia foi bem não. Diante da negativa, ironicamente penso se não seria melhor ter-lhe perguntado se havia ouvido falar do kit gay.

Darci é uma professora com 25 anos de carreira, habilitada em Ciências e Matemática, e segundo ela, há 19 anos leciona matemática, por sentir mais facilidade nessa área. Além disso, já lecionou no Ensino Médio, mas seu “*objeto de concurso é o ensino fundamental II*” (DARCI, 2019). Ela é professora da rede estadual em Paranaíba – MS. Ao ser direcionada a mesma pergunta a ela sobre o material *Escola sem Homofobia*, Darci responde: – “*Já, já havia lido, eu sempre procuro ler porque surge alguns problemas desse tipo na sala de aula*”. Confesso que minha primeira impressão foi de estranhamento, - sem querer emitir julgamentos - pois ela poderia estar dizendo que havia lido por medo do tema, mas mais do que isso, ao transcrever a entrevista fiquei curioso para saber se o seu entendimento

¹⁰ FIAMENGI, F.. O medo dos "professores" doutrinadores é de que os alunos pensem. **JORNAL DA CIDADE, Brasil, 01 mai 2019.** Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/14400/o-medo-dos-equotprofessoresequot-doutrinadores-e-de-que-os-alunos-pensem>. Acesso em: 10 de jun de 2019.

sobre o termo 'problema' estava relacionado a atos homofóbicos ou a ter estudantes LGBTQIA+ na sala de aula.

Alerto que não estou aqui fazendo julgamento sobre a fala dx colaboradorx, mas sim desconfiando e questionando toda palavra dita por qualquer entrevistadx.

Figura 12: Notícias na Internet – Estupro.



Fonte: CARVALHO, K.. Para escapar de estupro, mulher trans morde o pênis de agressor. **ObservatórioG**, Brasil, 6 jul 2019. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/07/para-escapar-de-estupro-mulher-trans-morde-o-penis-de-agressor>. Acesso em: 10 jul 2019.

Juraci é professor desde 2010 e já atuou “*desde o primeiro aninho do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio*” (JURACI, 2019), mas até o momento da entrevista atua no Ensino Médio em escolas das redes pública em Paranaíba - MS e privada em Chapadão do Sul - MS. Novamente, fiz o questionamento sobre o conhecimento do material caderno *Escola Sem Homofobia* e a resposta foi a seguinte: “*Só conhecido como Kit Gay, agora lido não*” (JURACI, 2019).

O Kit Gay existe!

O Kit Gay foi criado devido à colonialidade do poder com a poder está o tempo todo em disputa conhecimento. Na campanha uma distribuição em massa de *fake* materiais subversivos amparados



imbricação ou cumplicidade da colonialidade do saber, pois o quando se trata de eleitoral de Jair Bolsonaro houve *news* que criaram sujeitos e por um discurso político-religioso

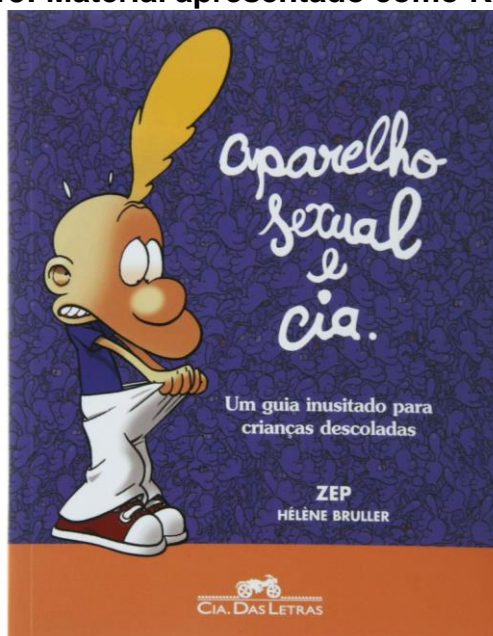
que teria como efeito a desmoralização da “família tradicional brasileira”, de modo a tornar criancinhas em “viadinhos e sapatões”. Foi uma avalanche de fragmentação de informações e várias pessoas passaram a acreditar em tais afirmações porque desconhecem o projeto *Escola Sem Homofobia*, desconhecem o significado de diversidade sexual, desconhecem o que é ser humano, porque estamos presos a

uma lógica eurocêntrica de que o homem, *cis*, branco, classe média, cristão é o digno de ser humano e, é a única verdade aceita.

Como se não bastasse tamanha distorção com o Projeto Escola sem Homofobia, na época, o candidato teria apontado também outro material ser o Kit Gay, que na verdade é um livro nomeado “Aparelho Sexual e Cia” e a assessoria de imprensa da editora declara que o livro “nunca foi comprado pelo MEC, como tampouco fez parte de nenhum suposto ‘kit gay’”¹¹.



Figura 13: Material apresentado como Kit Gay



Fonte: PERES, P.. Livro exibido por Bolsonaro faz parte de “kit gay”? Nova Escola, 30 ago 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12465/livro-exibido-por-bolsonaro-nao-faz-parte-de-kit-gay>. Acesso em: 23 ago. 2019.

A título de contribuição e para finalizar a discussão dessa sessão, apresento um trecho da entrevista da Professora Dra. Berenice Bento¹². O entrevistador lança a seguinte questão:

DM:Gostaria de saber sua opinião sobre a importância de investimento em materiais pedagógicos. Tivemos o caso do veto da presidente Dilma aos vídeos do chamado "kit gay" e você realizou uma ação importante de

¹¹ PERES, P.. Livro exibido por Bolsonaro faz parte de “kit gay”? Nova Escola, 30 ago 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12465/livro-exibido-por-bolsonaro-nao-faz-parte-de-kit-gay>. Acesso em: 23 ago. 2019.

¹² DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. In: **Cadernos Pagu**, n. 43, [s.l.], 2014, p. 475-497.

exibição e discussão desses vídeos na UFRN através do núcleo Tirésias. (DIAS, 2014, p. 489).

Ela responde:

BB: O Estado brasileiro precisa entender o que é violência de gênero, o que é homofobia, o que é transfobia. Os gestores públicos precisam se formar. Precisamos de políticas públicas. Não basta fazermos cursos de formação para os professores dos ciclos fundamental e básico. É algo frustrante, muito duro. É difícil produzir um pensamento que está tão naturalizado. É uma fissura nesse pensamento que está tão naturalizado. "Aqui existe desde sempre". "Foi Deus quem fez". "técnica" que utilizamos, nós do Núcleo Vou te contar uma Interdisciplinar Tirésias, quando fazemos cursos para adolescentes. Em determinado momento, perguntamos: "Tem algum heterossexual na sala? Por favor, levante a mão quem se considera heterossexual". O silêncio é total. O Raramente algum estudante levanta a mão. Logo depois, afirmamos: "Genial, nesta escola só temos gays e lesbicas. Que maravilha! Uma escola vanguarda!". Nesse momento, inevitavelmente, eles/as gritam: "não!! Eu não sou bicha!!! Eu não sou sapatão!!!". Essa experiência pode ser lida e interpretada de várias maneiras. Lembro-me, reiteradamente, do verso de Fernando Pessoa: "Os deuses são deuses porque não se pensam". O que esse exercício nos revela é que a naturalização da heterossexualidade é de tal ordem, que ninguém pensa sobre os processos a que foram submetidos para a produção dessa verdade última: os corpos são heterossexuais. Voltando à sua pergunta: eu escrevi um artigo de opinião sobre o veto da presidenta. A homofobia e a misoginia têm entrado como ponto de negociação nas campanhas eleitorais no Brasil, municipais, estaduais e federais. Em uma disputa interna no Senado, a bancada evangélica simplesmente negociou a retirada de um material que estava pronto e foi pensado por mais de dois anos. E então a presidenta declarou que o Estado não deve se envolver em questões privadas. Isso vai contra tudo o que o movimento feminista formulou e formula há décadas. Foi devido à politização do espaço privado que hoje temos a lei Maria da Penha. Um pai e uma mãe não têm direito de vida e de morte sobre o seu filho. O que a presidenta nos disse com essa declaração? Que se um menino é gay, e o pai não quer que ele seja gay, pode espancá-lo até que ele se torne heterossexual e isso é um problema da família. Que o Estado não deve interferir na intimidade e na privacidade das pessoas. Na universidade, reunimos o pessoal do Núcleo Interdisciplinar Tirésias; foram três dias de discussão e um abaixo-assinado; exibimos os vídeos como um ato de desobediência civil. Algumas pessoas defendiam que se tratou de um recuo estratégico da presidenta para garantir a governabilidade. Maldita governabilidade! Negocia-se tudo em nome desse pragmatismo que, a meu ver, tem feito a luta pelos Direitos Humanos no Brasil viver um profundo retrocesso. Não tenho nenhuma expectativa com o Governo Dilma. E acho que ainda teremos tempos piores. (DIAS, 2014, p. 489-490).



Figura 14: Notícias na Internet – Mãe Cristã.



Fonte: Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 14 nov. 2019. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B42rhhLn--i/>. Acesso em: 14 nov. 2019.



TERCEIRA SESSÃO





Quando o assunto é gênero: O que eles, elas, elxs disseram?

En Un Cuarto Casi Rosa

mira
estamos solos en este cuarto
pero alguien nos espia sin embargo
oyes
no oyes ni el rumor mas leve
sin embargo hay algo que se mueve...
besa
lo que ya sabe de ti
y apaga esta luz que nos divide
corro
estoy viajando a mil por hora
contigo en este cuarto casi rosa
aquí dentro no separaran
lo que dios ha permitido
por nosotros no decidiran aqui
acariciame y no te averguences
ríe y haz lo que te va
y veras que un dia de estos lo haras
fuera de aqui
sin miedo y a la luz del sol
sin evitar ya las miradas
sin miedo y a la luz del sol
con valentia y decision.
mira
nuestro amor se vuelve grande
nos hace estar estrechos en este cuarto
ahora fuera
vistamonos salgamos fuera
y demos luz a todos nuestros sueños
bajo este cielo azul que da fuerza
ya ninguno quitara
nuestras manos juntas y enlazadas
veras
sin miedo y a la luz del sol
sin evitar ya las miradas
sin miedo y a la luz del sol
con valentia y decision
y decision

Laura Pausini

Imagem – Olhares IV de Rose Bittencourt

3.1. O aluno veio e falou que achou uma BAITOLICE.

Agora, busco entender como foi a leitura do material pelos colaboradores e se conseguem desprender-se de crenças e tabus. Ao proferir a entrevista parto da prerrogativa de que:

Se as/os profissionais de educação tiverem sempre em seu horizonte a preocupação com a igualdade, estarão em condições de perceber as situações em que ela não é exercida plenamente – tanto na escola quanto na sociedade em geral – e poderão, desse modo, contribuir para uma reflexão crítica sobre tais relações, o que certamente conduzirá a práticas educacionais inclusivas e solidárias. (BRASIL, 2011, p.22).

A partir disso, questionei os profissionais acerca de seu entendimento sobre a diversidade sexual. Lucimar considera complexo e acredita estar “na individualidade



de cada um, no que ele sente, no que ele acredita, é acho que seria diversidade sexual isso” (LUCIMAR, 2019). Diante do exposto, indago que o material caderno Escola sem Homofobia deixa entender que a diversidade sexual se refere às múltiplas formas de vivenciar os afetos e a sexualidade (BRASIL, 2011), esse excerto do caderno desconstrói prerrogativas como o caso de combinatória

Figura 15: Notícias na internet – bixa e pomba-gira.



Fonte: OLIVEIRA, R.. Cabeleireiro é preso suspeito de matar homem após ser chamado de gay, em Anápolis. G1, Goiás, 21 nov 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/11/21/cabeleireiro-e-presosuspeito-de-matar-homem-apos-ser-chamado-de-gay-em-anapolis.ghtml>. Acesso em: 14 de dez 2019.

mencionado pela pesquisadora Deise Xavier, até porque a diversidade sexual ultrapassa tentativas de conceituações devido à incapacidade de quantificar ou descrever todas as formas de desejo sexual, afetivo ou de identidade. Ademais, me leva a concordar que falar de diversidade sexual é de antemão falar de heterossexualidade e homossexualidades, é dissertar os aspectos relacionados a desejos e não-desejos dos humanos.

É um problema bem complexo né? É... por exemplo, quando se fala de preconceito da diversidade sexual eu acho que não é nem tanto preconceito, mas a violência psicológica que há nesse contexto né? Porque as pessoas, elas têm muito... rejeição ainda de lidar com isso. (DARCI, 2019).

Ao não responder sobre a pergunta a ela direcionada, Darci tenta falar sobre o preconceito em relação à diversidade sexual e não se dá conta que se refere a diferentes possibilidades de expressão da sexualidade humana, que além de falar de homossexualidades, bissexualidade e outras, também inclui a heterossexualidade. “*Antigamente tinha uma norma, tem até hoje a norma, só que*



*antigamente não tinha ou **não era considerada essa diversidade sexual que existe hoje, tipo um homem com homem***” (JURACI, 2019, grifo do autor). Conclui-se então que ela é mal interpretada, pois as pessoas veem a diversidade como algo negativo e relacionado à diferença, e ser diferente é algo que ninguém quer ser.

A sexualidade é singular e plural, e qual o sentido da vida se todos possuíssem os mesmos desejos e fosse todos iguais? “Ser igual é uma característica de azulejo na parede e, mesmo assim, há quem misture” (MÃE, 2018, p.32). Convenho com Juraci que existe essa normatização dos corpos e das identidades porque está amparada no modelo hegemônico da colonialidade que dita uma sexualidade “normal”.

A missão civilizatória usou a dicotomia hierárquica de gênero como avaliação, mesmo que o objetivo do juízo normativo não fosse alcançar a generalização dicotomizada dos/as colonizados/as. Tornar os/as colonizados/as em seres humanos não era uma meta colonial. A dificuldade de imaginar isso como meta pode ser vista nitidamente quando percebemos que a transformação dos/as colonizados/as em homens e mulheres teria sido uma transformação não em identidade, mas em natureza. (LUGONES, 2014, p.938).

Esse processo recai sobre a desumanização pela colonialidade do ser, aliás a norma passa a existir a partir da invasão colonial e de fato desde então vivemos em uma guerra que busca deslegitimar negrxs, indígenas, mulheres e LGBTQIA+ como humanos.

Género, casta, raza y sexualidad son, quizás, las cuatro formas de diferenciación humana que han servido más frecuentemente como medios para transgredir la primacía de la relación entre yo y el Otro, y para obliterar las huellas de la dimensión trans-ontológica en el mundo civilizado concreto. Em la modernidad, la diferenciación racial altera la forma como funcionan las otras formas de diferenciación humana. La división racial en la geopolítica del planeta altera todas las relaciones de dominación existentes. La idea de raza o, más bien, el escepticismo misantrópico maniqueo colonial, no es independiente de categorías de género y sexualidad, ya que la feminización y cierto tipo de erotismo son parte fundamental de la misma. He argumentado aquí que el entrecruzamiento entre raza, género y sexualidad puede ser explicado, aunque sea en parte, por su relación con la no-ética de la guerra y su naturalización en el mundo moderno/colonial. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 153).

Ou ainda, muitas vezes narrativas acompanhadas da expressão “na minha época” coloca no esquecimento, a meu ver efeito proposital da colonialidade, de que o “colonialismo serve, pues, como antesala al liberalismo, aun antes de que aparezca el nazismo” (MALDONADO-TORRES, 2007, p.153).

O desconhecimento de conceitualizações e categorizações do que seja diversidade sexual, se traduz na dificuldade de compreensão da leitura do caderno Escola Sem Homofobia e como atuar no seu reconhecimento e na valoração da diversidade. Sendo assim, as opiniões dadas nas entrevistas não se aproximaram de nosso pensamento conceitual adotado para esta pesquisa e nem do material desenvolvido pelo Projeto Escola Sem Homofobia, mas parece evidenciar a concretude do projeto colonial.

Desconfio de que o desconhecimento acerca da diversidade sexual e da identidade de gênero esteja atrelado ao currículo que a escola opera onde se manifestam as relações de poder e as práticas cotidianas, seus valores morais, culturais e históricos construídos desde o processo formativo de professores e a sua construção enquanto cidadãos. Com isso, o currículo, o livro didático e as práticas pedagógicas não são neutros e podem até mesmo corresponder aos objetivos reais do Estado pela manutenção do poder.



Para isso, a partir da leitura do material pelxs entrevistadxs, busquei investigar o entendimento de Lucimar acerca de gênero e sexualidade.

Eu não sei muito assim sobre, mas acredito que gênero não seja só feminino e masculino, ou talvez seja né? Está na identidade do indivíduo. Aí não sei. Sexualidade é como ela se descobre, se descobre como feminino ou masculino, não sei. (LUCIMAR, 2019).

Ficou evidente certa insegurança na fala dx colaboradorx ao responder o questionamento. É compreensível a insegurança e não distinção ao falar sobre esses termos, visto haver sobre eles, uma confusão ou hibridização. Importa questionar se gênero e sexualidade são problemas na escola. As discussões sobre esses aspectos, nesse ambiente, se esvaziam, mas com toda a certeza é atribuído constantemente no espaço escolar o gênero de forma dicotômica, apesar da diversidade de manifestações da sexualidade, já que

[...] associam a um gay características *efeminadas* e a uma lésbica atributos *masculinizados* (na grande maioria das vezes, por puro estereótipo), o que está por trás disso não é a sexualidade, mas a rigidez das normas de gênero, que impede ou tenta sufocar as manifestações de identidades que simplesmente se reconfiguram, não seguindo o padrão, mas, ao contrário, contestando-o. (BRASIL, 2011 , p.28).

A fala de Rosimar pode mostrar a determinação do gênero por vias biológicas e apresenta uma confusão entre gênero e sexo, e ainda são configuradas pela estereotipia, como se os estereótipos fossem um documento de identidade.

Gênero até recentemente pra mim era masculino e feminino, hoje parece que "tô" ampliando um pouco, mas [...] a pessoa pode se declarar o gênero que ela tem, se ela falar que é masculino e feminino ao mesmo tempo, tudo bem...e sexualidade[...] eu vejo como assunto relativo a condição humana de prazer. [...] o gênero não é relacionado ao instinto, é relacionado ao estereótipo, da condição humana. (ROSIMAR, 2019).

É pela imposição brutal do sistema moderno colonial de gênero que se tem determinado acerca de ser ou não humano e/ou promíscuo. De acordo com Lugones (2014), a dicotomia hierárquica opera como uma marca do humano e se tornou/é uma ferramenta normativa para condenar xs colonizadxs. A partir dessa lógica dicotômica a escola e todos os dispositivos que a contêm atuam.



Quando Darci assume o não entendimento sobre gênero e sexualidade, declara que “*sexualidade é o homem e a mulher*”. Nesta frase percebo o quão forte a colonialidade de gênero está operando, pois embora não tenha entendido o questionamento a ela direcionado, sua percepção deixa transparecer a falta de discernimento sobre o significado da palavra sexualidade, que é associada ao ato de tão somente homem e mulher “fazerem relações sexuais”, sem incluir outras configurações sexuais. E ainda, minha percepção acentua com a narrativa de Juraci, quando menciona: “*sexualidade para mim é o ato sexual, ou sexo [...]*”.

Para melhor compreensão do que trata a sexualidade, trago um excerto de Louro (2000) da obra ‘O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade’.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa idéia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 5-6).

Em contextos escolares, sexualidades não-heteronormativas são difíceis de expressar, visto que, são entendidas como condutas promíscuas, não-humanas, animais. É importante entender que as identidades não-heteronormativas são consideradas inapropriadas para um corpo considerado de homem, pois a lógica colonial/moderna requer sua inexistência. Em outro âmbito, também são consideradas impróprias do corpo considerado feminino no qual caracterizam-se que essas identidades possam vir a disputar o poder, o local de centro do homem, heterossexual, branco, rico e cristão.



É possível perceber a presença de uma espera, uma pretensão de que o corpo defina a identidade. Além disso, a identidade atribuída ao corpo pode torná-lo subalternizado. Por outro lado, a identidade não está atrelada somente ao aspecto sexual, mas também à territorialidade, à etnia, à classe, à geração e à religião. E ainda, um mesmo corpo possui múltiplas identidades, porém as brancas, ricas, heterossexuais e masculinas não são marginalizadas, o que torna válida a discussão da colonialidade operante nesse sistema moderno/colonial por meio de curvas e embarços que atravessam a todxs.

Essas descaracterizações colocam pessoas como excêntricas, animais e bestializadas, negam identidades não correspondentes a caracteres de normalidade. Para Lucimar, a identidade de gênero é *“exatamente como ela (pessoa) se identifica, é porque teve muitas né? Mudanças. Se ela se identifica como homem, como mulher, mulher trans, acho que tem essa variedade”* (LUCIMAR, 2019, grifo do autor).

O gênero que a pessoa se identifica, que **eu acho errado ter essa classificação**, esse monte de classificação, e exemplo: uma pessoa que tem uma identidade, uma pessoa que está no corpo de uma mulher, só eu ela identifica-se como homem e gosta de homem, então isso é identidade” (JURACI, 2019, grifo do autor).

A pessoa se identificar com aquilo que ela é (DARCI, 2019).

[...] a pessoa se identifica com aquele gênero, [...] não é uma coisa que ela nasceu e tem que ser imposto aquilo a ela, é uma coisa que ela vai se identificando durante a criação cognitiva dela, ela se identifica conforme ela vai se vendo no mundo, **não é porque ela nasceu em determinado sexo que vai implica[r] que o gênero dela é aquele** (ROSIMAR, 2019, grifo do autor).

Alicerçando em Guacira Louro (1997), as identidades de gênero estão continuamente se construindo e transformando; portanto, são instáveis e passíveis de transformações, cercadas de relações sociais, atravessadas por discursos, representações e práticas, com arranjos e desarranjos de suas formas de habitar este mundo e viver nele. Xs entrevistadxs evidenciam em suas concepções que identidade de gênero se refere à forma como o indivíduo se identifica ou não. Vale ressaltar que ela não está, necessariamente, atrelada ao sexo biológico, como pondera Rosimar. Têm meu aval as palavras de Juraci quando afirma que categorias não devem existir, assim também quando, metaforicamente, questiona a

necessidade de se colocar as pessoas em caixas. [*Leitorx, para que colocar as pessoas em caixas?*] Como pontua Butler (2017), gênero é performativo, ou seja, não cabe afirmar ou negar, embora haja nomeações por meio de repetições de atos que acabam por torná-los verdadeiros. Portanto, cabe a todxs a desconstrução de algumas pseudoverdades.

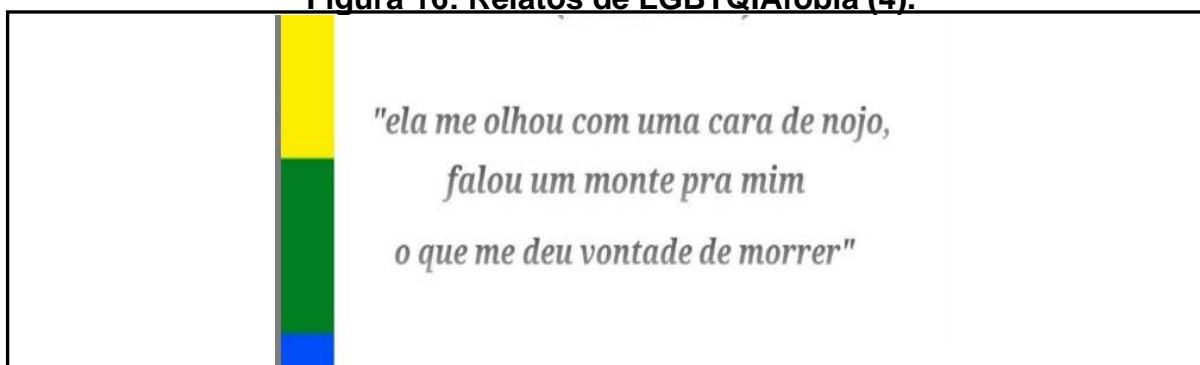
Diante do que Lucimar aponta como *mudanças*, infiro que com movimentos feministas e LGBTQIA+ essas identidades atualmente têm encontrado espaços que rompem a bolha de identidades almeçadas e evocado seu lugar de fala. Para tanto, têm se rompido camadas que alocam algumas identidades mais profundas de subalternidade, como, raça, cor, etnia e classe. Louro (2000) ressalta:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. (LOURO, 2000, p. 4).

Entretanto, apesar desses rompimentos importantes, a escola pode e se configura um ambiente torturante para pessoas que não se enquadram em padrões de gênero e de humano colonialidade do ser, não binário, mas também etnia e classe. Assim como moderno o que é ser bárbarx, negrx? Sendo a colonialidade civilizado que são propostos. A agride somente o homossexual ou não identidades que alicerçam em raça, pondera Walsh (2012), nesse mundo primitivx, subdesenvolvidx, índix ou sustentada pela religião, ciência e educação, opera como uma espécie de sagrado que intenta domar nossas vontades de viver e mudar o mundo.



Figura 16: Relatos de LGBTQIAfobia (4).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 06 out 2019. Instagram: lgbtdadepressao.). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3S-Nu6n3Fj/>. Acesso em: 06 out. 2019.

3.2 Indecisão, regra de transição, confusão: elxs não sabem o que são.

São notórias situações de perseguições que amputam a identidade, a vontade de viver, pelo fato de não seguir a norma. Essa prática tem o intuito de regular os corpos e as identidades não heteronormativas ou que fogem da lógica hierárquica colonial/moderna capitalista. Dessa forma, ver, ouvir, saber ou muitas vezes ser alvo de discursos, “piadinhas”, imagens, textos, assédio sexual ou violência, possibilita reconhecer identidades estigmatizadas.

A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura (LOURO, 2000, p.17).

Diante desses fatos, afloram outros questionamentos: a) a existência dessas pessoas é percebida no ambiente escolar? b) como elas vivem nesse espaço educacional? c) haveria ali de respostas a essas indagações, aos entrevistados: *na(s) escola(s) percebido a presença de nesse grupo?* (EDUARDO)



escolar? b) como elas vivem nesse indivíduos LGBTQIA+? Em busca foi proferida a seguinte questão *em que você trabalha tem estudantes que se enquadram*

Sim, muitos (JURACI, 2019).

Sim, com certeza (LUCIMAR, 2019).

Diante dessas afirmativas, novamente surge uma indagação: se elxs são notadxs, por que são excluídxs? A escola presa à marca colonial cria uma imagem idealizada de pessoa, e ser LGBTQIA+ não é o ideal. Entretanto, uma certeza se impõe: não há um indivíduo sequer dotado de todos os atributos corporais, estéticos e comportamentais considerados perfeitos e ideais, de modo a satisfazer algum padrão ou norma social.

Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, "normais" (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc.) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos "outros" (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. Por tudo isso, podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas. (LOURO, 2000, p. 9-10).

Ainda sobre a questão proferida pelo pesquisador

Sim, no ensino médio, bastante frequência tem alunos que não vou citar o nome [...], mas sabe? Ela é do gênero feminino só que ela se veste com roupas que o pessoal considera sendo do gênero masculino. Ela é lésbica e na fala dela você percebe que ela se identifica com o gênero masculino, não posso enquadrar ela no gênero feminino, tenho que respeitar a identidade dela e outros tantos alunos. (ROSIMAR, 2019).

Tem, vários alunos, alguns até que...alguns alunos a gente percebe que eles estão naquela [...] indecisão, regra de transição, que eles não sabem o que eles são. (DARCI, 2019).

Sobre as proposições de Rosimar, ao identificar um gênero em umx estudante, é compreensível, visto sob o que rege a identidade, mas essa forma de análise deve ser desconstruída, porque

Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam. (LOURO, 2000, p. 9).

O material caderno *Escola sem homofobia* contribui com essa desconstrução ao tratar de identidade de gênero, a saber:

A confusão entre identidade de gênero e orientação sexual é recorrente. Quando achamos que um rapaz é gay por ser delicado ou revelar traços efeminados, na verdade estamos assumindo equivo- cadamente que, por

não se comportar de acordo com o rígido padrão masculino dominante, ele não é um “homem de verdade”. Uma garota interessada por determinados esportes, com opiniões definidas, cheia de iniciativa e que goste da companhia dos rapazes não é necessariamente lésbica. Por outro lado, alguém pode encarnar ao máximo os estereótipos de um gênero (por exemplo, um homem interpretar o “machão”), mas essa pode ser apenas uma forma de “despistar” para que ninguém desconfie de seus verdadeiros desejos. Não é, portanto, possível deduzir o caminho (apontar a seta) para onde se direciona o erotismo de alguém. Em qualquer caso, uma coisa é certa: apenas a própria pessoa pode saber (e declarar, se quiser) qual é sua orientação sexual (BRASIL, 2011, p. 30).

O lugar de onde eu e você é caracterizado centro, e então é um criar um centro. Em outras uma identidade a um corpo está que identifica o Outro como realizar o encobrimento desse movimento da Educação Matemática de “fincar estacas”¹³, pois ela age como marcadores de fronteiras coloca, a identidade, o Outro à margem.



leitorx falamos pode ser perigo, visto que a intenção não é palavras, dizer que a atribuição de presa ao sistema colonial/moderno diferente seria o mesmo que Outro. Faço analogia com o movimento da Educação Matemática de “fincar estacas”¹³, pois ela age como marcadores de fronteiras coloca, a identidade, o Outro à margem.

A heterossexualidade é tida como referência e tratada como natural, universal e normal, por isso ela é intensamente vigiada. Por esse viés, a fala de Darci evidencia o quão vigilante está frente a algo considerado antinatural; portanto, é de antemão a colonialidade do ser.

La colonialidad del ser no es, pues, un momento inevitable o consecuencia natural de las dinámicas de creación de sentido. Aunque siempre está presente como posibilidad, ésta se muestra claramente cuando la preservación del ser (en cualquiera de sus determinaciones: ontologías nacionales e identitarias, etc.) toma primacía sobre escuchar los gritos/llantos de aquellos cuya humanidad es negada. (MALDONADO – TORRES, 2007, p.150).

A colonialidade do ser vem o limite do ser, “al punto de y para producción de sentido establecido (MALDONADO – TORRES, 2007, produz a diferença ontológica inacessíveis as características do



tornar concreta a barreira limítrofe, producir un mundo donde la sobrepase la justicia” p. 151). Em outras palavras, ela moderna/colonial e torna que é normal. No tocante à frase

¹³ KILPATRICK, Jeremy. Ficando estacas: uma tentativa de demarcar a educação matemática como campo profissional científico p. 99-120. *Zetetiké*, v. 4, n. 1, 1996. Texto discutido na disciplina obrigatória do PPGEdMat intitulada Aspectos históricos e epistemológicos da Educação Matemática.

“que eles não sabem o que eles são” (DARCI, 2019), caso o interlocutor esteja disposto a dar-lhes a devida atenção, aconselha-se deixá-lxs se manifestarem, afinal, elxs podem não estar indecisxs, mas conscientes do que não são ou não desejam ser; não são essa norma que pode amputar a vida e dilacerar o ser.

Aqui parece um presságio da negação de que a escola deve discutir gênero e sexualidade, mas tal atitude gera o silenciamento e o apagamento dessas pessoas. Como acentua Louro (1997), parece que não discutir esse tema implicará na sua ausência dentro do âmbito escolar. Todas as pontuações aqui realizadas acerca da colonialidade presente nessa instituição educacional também se aplicam às indesejáveis temáticas, rejeitadas e silenciadas.

Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula — assumidamente ou não — nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes. (LOURO, 1997, p. 131).

O relato dx professorx ilustra bem esse fato

Os adolescentes têm uma forma muito estranha de agir com isso e eles acabam fazendo muitas piadas em relação a gênero, eu ouvi algumas. Eu já cheguei interferir, naquela questão mesmo que teve no ENEM¹⁴ do dialeto lá, na sala, o aluno veio e falou assim que achou uma “**baitolice**”, alguma coisa assim, mas usou um termo muito inadequado e aí eu questionei, fiquei brava, questionei: mas por que você está falando isso? Ai o outro já entreviu falando que achou desnecessária aquela questão e o outro já falou que gostou muito. E a pessoa que usou esse termo, depois que eu questionei ela, ela falou pra mim que ela não quis dizer o que ela disse, ela só quis dizer que achou diferente e foi isso. Mas achei bem preconceituoso. (LUCIMAR, 2019, grifo do autor).

[...] tem alguns colegas dentro da própria escola, entre os colegas...surge[m] piadinhas e essas piadinhas nada mais passa a ser homofobia, né? (DARCI, 2019).

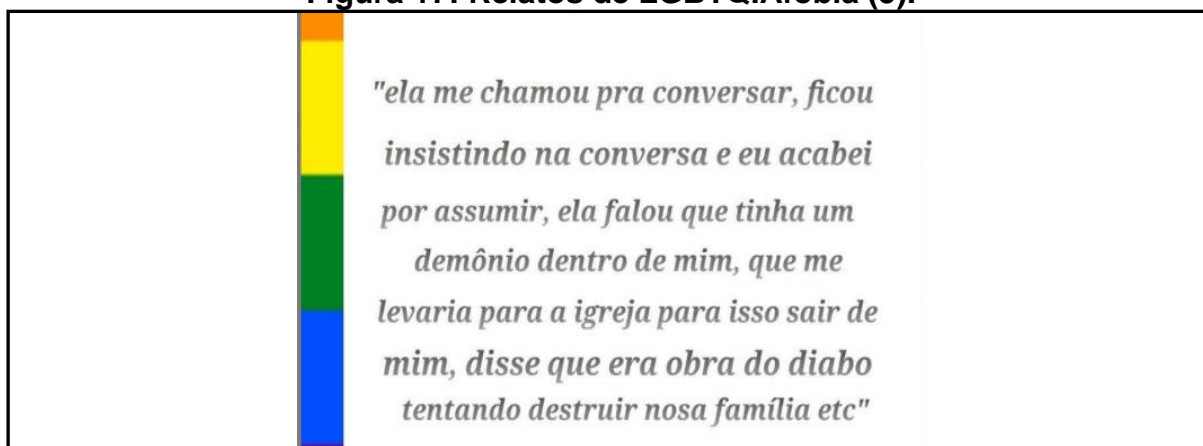
É importante notar que o preconceito sofrido pode culpabilizar a vítima por não corresponder a padrões heteronormativos. Os confrontos são entendidos como uma discussão ou briga qualquer, o que omite essa casualidade como homofobia. “Por isso até uma

¹⁴ O Exame Nacional do Ensino Médio no ano de 2018 trouxe um texto sobre o pajubá, linguagem que permeia por meio de membros da comunidade LGBTQIA+, sendo, muitas palavras provenientes do yourubá, língua tipicamente africana.



desgraça pode virar motivo de pilhéria ou transformar-se em piada” (BRASIL, 2011, p.33). Com relação a essa questão, a educação é uma maneira que permite e reforça o silenciamento de identidades “excêntricas”, na esteira de Dussel (1993), que e reforça o silenciamento de identidades “excêntricas”, na esteira de Dussel (1993), que reforça o encobrimento do outro em função de “si mesmo”.

Figura 17: Relatos de LGBTQIAfobia (5).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 25 set 2019. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B22ldJqH24I/>. Acesso em: 25 set. 2019.

São necessárias intervenções diante de discursos de inferiorização da diferença, pois, podem acarretar uma naturalização da violência, em que se legitima a relação hierárquica da heterossexualidade. É insuficiente apenas identificar discriminações como violência de gênero ou homofobia. Em relação a esse aspecto, fiz alguns questionamentos a Lucimar.

Em algum momento você já abordou essa temática com alunas/alunos e/ou com colegas de trabalho? Se sim, de que forma você o fez? (EDUARDO, 2019).

Ah! não diretamente, mas já conversei sobre, porque tem alunos que de certa forma se sentem ameaçados por outros alunos dentro da sala e eu já conversei, mas não diretamente sobre isso, mas falando que o aluno podia contar comigo, que se estava acontecendo alguma coisa, por que que ele se sentia ameaçado? Mas fora isso acho que não. Também, tipo assim, já em muitos diálogos, em falas que eles falam, eu sempre bato em cima da tecla, “**ai aquele Viado lá!**” eu falo assim: não existe esse termo, você está falando do animal que vive lá? Porque eu não conheço esse termo. Eu tento não dar corda para as piadas ou para assuntos, para as falas que eles falam, até corrigir ou me posicionar. Não gosto quando ouço essas coisas (LUCIMAR, 2019, grifo do autor).

O medo ou a falta de conhecimento para a abordagem de temas que tangem a gênero e sexualidade tem se caracterizado um grande empecilho a educadores e torna inalcançável a modificação de marcadores e crenças que naturalizam a heterossexualidade compulsória, machista, patriarcal, misógina e rege sobre uma moral dogmática cristã e familiar [até onde isso não é proposital, não é mesmo *leitorx?*]. Acentua-se então novo questionamento na busca por entender em que proporção se apresentam o medo, o desconhecimento; e se eles são naturais ou propositais. Nesse sentido, comentários recorrentes como citados por Lucimar, “*aí aquele Viado lá!*”, “*baitolice*” são marcadores da diferença a quem não correspondem a heteronorma. Essa hostilidade pode estar estritamente relacionada com características consideradas femininas; portanto, a violência não é somente contra homossexuais ou não heterossexuais, mas de forma (in)direta pode estar direcionada às mulheres. O que para homossexuais não é ofensa e sim um privilégio, ser comparadx a mulheres.

O que tem sido entendido como “feminização” de “homens” colonizados parece mais um gesto de humilhação, atribuindo a eles passividade sexual sob ameaça de estupro. Esta tensão entre hipersexualidade e passividade sexual define um dos domínios da sujeição masculina dos/as colonizados/as. (LUGONES, 2014, p. 937).

Não obstante, a mulher europeia era tida como reprodutora passiva do capitalismo a serviço do homem branco e tão pouco se considera(va) mulheres colonizadas como humanas, visto que “a confissão cristã, o pecado e a divisão maniqueísta entre o bem e o mal serviam para marcar a sexualidade feminina como maligna” (LUGONES, 2014, p. 938).

Quando Lucimar indaga “*você está falando do animal que vive lá?*”, pode ser que o autor do discurso sobre o termo o qual elx profere, mesmo de maneira inconsciente, remeta essas configurações como animais irracionais, ou para, além disso, são ainda entendidos como há pouco tempo atrás (cerca de 520 anos), como Lugones (2014, p. 937) bem nos fala que “hermafroditas, sodomitas, viragos e os/as colonizados/as, todos eram entendidos como aberrações da perfeição masculina”.

Lucimar tem percebido a presença de pessoas que, de alguma

forma, se enquadram na comunidade LGBTQIA+, e ao tentar recordar de algum caso de homofobia ou discriminação já mensurado anteriormente, parece confundir ou busca entender se as piadinhas e preconceito são a mesma coisa e após pensar afirma “*sim, muitas piadinhas*”. A se considerar meu *lócus enunciativo*, as piadinhas, não me soam divertidas, mas uma tentativa de apagamento do Outro em uma grave e pungente naturalização. Para exemplificar esse cenário podem ser citadas as exposições de programas de humor, seja pela TV, canais de *You Tube*, redes sociais ou outras redes midiáticas que jocosamente se divertem à custa de pessoas não heterossexuais; usam caricaturas e linguagem e é comum ver professores e colegas de classe usarem tais passagens para simplesmente dar altas gargalhadas. Basta observar ao redor.

São considerados entretenimento assistir as drags, trans e bixas cantarem e dançarem; é divertido ver personagem negrx umbandista ser possuído por gays ou lésbicas (mas Jesus não pode nem ser cogitado em ser gay), sem contar as pessoas cis que assumem um personagem não heterossexual para tornar os encontros em família divertidos. O humor cáustico tem tantas outras extensões que parece ser divertido estuprar a lésbica, espancar o gay, ridicularizar o bissexual, se satisfazer com a *trans* altas horas da noite e depois desprezá-la diante da sociedade, sim aquela mesma que os fazem gozar. É ódio, assassinar as *trans*, as *drags* de forma ritualística e vexatória para depois matá-la, e nesse cenário de horror também pode-se dizer que não é divertido para a sociedade ver um homem espancando uma mulher; vê-lo ejacular em uma mulher dentro de um ônibus ou em uma fila e assediar uma mulher em uma festa, embora ela se negue a corresponder. NÃO É NÃO!!!

Com esses e tantos outros relatos fica evidente o fato de serem corriqueiros comportamentos similares, não somente no ambiente escolar, mas em todos os segmentos da sociedade. Podem ser mencionados ainda o uso de palavras, de gestos e do corpo para a transmissão de valores e a colocação de juízos de valor.

Por ser um local passível de acobertamento da discriminação, a escola pode favorecer a LGBTQIAfobia, caso seus integrantes não repudiem as piadas de mau gosto, os insultos, as caricaturas. A aceitação dessas hostilidades pode transmitir a sensação de que os indivíduos ridicularizados são bestiais e meros alimentadores de um *stand up comedy*. Fantástico, não?!

Assim, de forma consciente ou não, além de o livro didático ser um grande agente de manutenção do sistema colonial/moderno/capitalista, professorxs e estudantes também expressam sua posição em relação a gênero, sexualidade, raça, etnia, classe e religião.

Esse cenário está em constante transformação, a partir do posicionamento de diversas pessoas desse nicho, que passaram a ressignificar as piadas e zombarias, ou seja, não querem ser chamadas de ‘viadinho, bixinha, mulherzinha’, dentre outros codinomes, mas sim de ‘viadão, bixona e mulherão’, visto que são pessoas autossuficientes. Aliás, é um privilégio serem comparadas às mulheres, as quais há tempos têm lutado pela equidade e pela conquista de direitos; estão em luta contra um Estado opressor, contra o patriarcado e a violência. Com base nesses fatos, cabe o questionamento: o que os homens têm feito para discutir a masculinidade compulsória?



De acordo com o relatório da OMS¹⁵ o número de suicídio de homens é largamente maior que o de mulheres. Tal informação nos leva a refletir se esses dados não seriam decorrentes da submissão masculina a uma rede de narrativas e verdades as quais impedem a expressão de sentimentos e opiniões, de tal forma que elxs se tornam seres assujeitados. [*Essa questão é para você leitorxs*].

As experiências escolares transcendem o currículo prescrito, mas abrangem as experiências vividas com colegas, professores, agentes da educação. Toda essa interação contribui para a construção da identidade, por isso, é importante a forma como a temática deste texto é apresentada no âmbito educacional, visto que, pode ser manifestada pelo gestual, pela linguagem, vestuário, normas escolares, no PPP da escola, na organização da estrutura física da instituição, dentre outras.

¹⁵ OPAS BRASIL. **Folha informativa - Suicídio.** Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 23 dez. 2019.

3.3 Faziam *bullying* com ele, parece que ninguém tomava atitude.

Ao tratar do assunto diversidade sexual, Rosimar destaca que profissionais no contexto em que ele trabalha “*ignora, não trabalha esses assuntos*”, visto que aponta a necessidade de a temática **diversidade** ser discutida. Além disso, menciona “*eu tive problema com isso na escola, acho que fui o único professor da turma que trabalhou*”. Diante o exposto, o colaborador relatou que:

Porque tinha um aluno no sexto ano, Carlos que ele era homossexual e outros alunos faziam...tinham preconceito e faziam bullying com ele, parece que ninguém tomava uma atitude, eu entrei já no meio do ano nessa turma, então, peguei um filme que falava de bullying geral, que era “um grito de socorro” passei pra turma, conversei, expliquei que aquilo era um crime e tal, parece que parou, ele não reclamou, não vi mais os colegas tendo essa atitude de bullying com ele, então, parece que é ignorado um pouco essa parte da diversidade. (ROSIMAR, 2019).

Neste relato, o colaborador, aproveita o filme para falar sobre diversidade em um modo geral e após a discussão na aula de matemática o professor acredita que a intolerância à diversidade sexual no que diz respeito ao estudante Carlos foi resolvida. Provavelmente, na aula de matemática, os estudantes não tenham mais esse comportamento, mas e nas demais disciplinas curriculares, e no pátio, no intervalo, momento do lanche, como está o tratamento sobre a diversidade?



Gestoras/es e educadoras/es não enfrentam aquilo que não enxergam e não conhecem. Se não enxergam, é como se o problema não existisse. Porém há, nas escolas, jovens que não se encaixam nas normas sociais vigentes quanto à sexualidade e ao gênero, e estudantes que vêm de famílias homoparentais e são submetidas/os à discriminação e ao desrespeito (BRASIL, 2011, p. 79).

Ainda sobre a ocultação do tratamento sobre a temática na escola, por profissionais da educação, corroboro o posicionamento de Louro (2000):

elas e eles devem estar dispostos a estudar a postura de suas escolas e a ver como essa postura pode impedir ou tornar possíveis diálogos com outros professores e com estudantes. As professoras precisam perguntar como seu conteúdo pedagógico afeta a curiosidade do/a estudante e suas relações com os/as estudantes. Elas devem estar preparadas para serem incertas em suas explorações e ter oportunidades para explorar a extensão e os surpreendentes sintomas de sua própria ansiedade. Mas juntamente

com a análise de por que a sexualidade é tão difícil de ser discutida no conteúdo escolar, deve também haver uma disposição de parte das professoras para desenvolver sua própria coragem política, numa época em que pode não ser tão popular levantar questões sobre o cambiante conhecimento da sexualidade. Isso significa que a sexualidade tem muito a ver com a capacidade para a liberdade e com os direitos civis e que o direito a uma informação adequada é parte daquilo que vincula a sexualidade tanto com o domínio imaginário quanto com o domínio público. (LOURO, 2000, p. 110-111).

A partir de falas como a de Rosimar que denunciam a intolerância, a insegurança ou até mesmo o desconhecimento, devemos usar de expressões como “por quê, para quê” para que não seja perpetuada a desinformação, a qual representa a intencionalidade da matriz colonial/moderna, visto que, “o conhecimento é criado e é transformado de acordo com desejos e necessidades particulares assim como em resposta a exigências institucionais” (MIGNOLO, 2017, p. 24).



Ademais, nos idos 520 anos, “o conhecimento está ancorado em projetos com uma orientação histórica, econômica e política” (MIGNOLO, 2017, p. 24). Esse projeto, sem mais delongas, é a colonialidade, não obstante ao que concerne a discussão aqui posta trata-se da colonialidade do ser e saber. Essas duas celebram a insegurança e a desinformação das pessoas sobre a diversidade sexual e gênero.

Em busca de entender se os profissionais da escola recebem queixas dos estudantes sobre violência e discriminação, apresentei aos entrevistados, a seguinte pergunta: Em algum momento você já recebeu reclamações de alunas/alunos ou da família deles sobre algum tipo de violência sofrida em relação à homofobia?

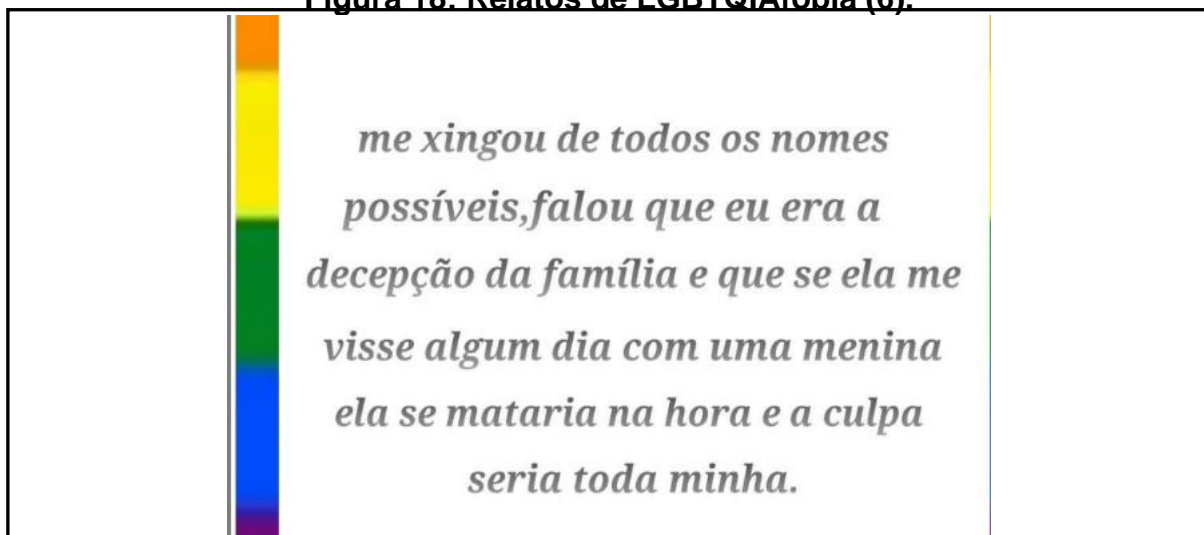
Da família não, só do aluno. (ROSIMAR, 2019).

Não diretamente, **dos pais não**. Mas você percebe quando o aluno está se sentindo incomodado, tendo um aluno que você conhece já, claro que vai questionar ele, mas diretamente o aluno chegar e me falar: não. Mas eu já presenciei. (LUCIMAR, 2019, grifo do autor).

Em análise à resposta de nossos colaborados, intriga-me o trecho em que menciona “dos pais não”, já que a família é uma instituição autorizada pelo ‘CISstema’ moderno/colonial a guardar e garantir as normas de gênero, sexo e sexualidade de seus membros formadores, de tal forma e tanto que tem licença para privar os corpos da dissidência e instaurar como norma a heteronormatividade. O

efeito imediato é o alto nível de medo/insegurança de uma pessoa ao declarar sua orientação sexual à família, até porque a LGBTQIAfobia começa em casa. A família é o armário entre quatro paredes. Ainda sobre esse questionamento:

Figura 18: Relatos de LGBTQIAfobia (6).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 25 set 2019. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7QqwdCHhV4/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

A discriminação e a violência podem ser combatidas quando o agressor percebe que a vítima possui apoio, que não raro é negado pela família, a qual exerce seu papel de guardião da sexualidade, mas tão somente apresenta o mesmo comportamento hostil e de animosidade percebidos na sociedade. Há também casos em que os progenitores ou responsáveis por menores, com medo de expô-los a situações ameaçadoras, tentam maquiá-los/ocultar a orientação sexual deles, por conseguinte, gerando discriminação e violência.

Dessa forma, compreendemos que para apoiar é necessário buscar entender, por exemplo, o que é a diversidade sexual; o que é identidade de gênero; o significado de gênero, sexo, sexualidade, homossexualidade, transexualidade, para assim, poder exercer a necessária empatia e sentir as aflições do oprimido e então poder ajudá-lo.

[Como você leitor faria caso se deparasse com uma situação ou recebesse queixa de discriminação ou homofobia?].

Com certeza eu conversaria, falaria com a direção da escola sobre medidas que poderiam ser tomadas, mas também conversaria com a sala se for na sala de aula isso acontecer, mas eu tentaria de alguma forma ajudar sim. (LUCIMAR, 2019).

Coletivo de Pesquisa e Estudos em Literatura e Gênero Federico García Lorca, que uma forma de ajudar a informar e alfabetizar as pessoas gênero, sexualidade e identidade devemos explicar e/ou mostrar as e, ainda, que discriminação por gênero é crime¹⁶.



combater a homofobia é a de no que se refere aos temas, de gênero. Com isso, entendo que consequências das ações violentas orientação sexual e identidade de


Figura 19: Notícias na Internet – Lésbica assassinada a facadas.

Gênero e sexualidade

LGBTFOBIA

Pai mata namorada de filha quando ela era pedida em casamento

Virginia Guitzel

 Marie Castañeda

terça-feira 9 de janeiro de 2018 | Edição do dia

Anne Mickaelly de apenas 23 anos foi assassinada na noite deste domingo (7), quando havia ido à casa da namorada para pedi-la em casamento. A jovem foi assassinada a facadas na noite desse domingo (7), na quadra 519 de Samambaia. O pai de 46 anos, da garota com quem a vítima mantinha um relacionamento amoroso é o principal suspeito deste brutal crime de lesbofobia. No local, antes de fazer o pedido, Mickaelly soltou alguns fogos de artifício. Irritado, o suspeito pegou uma faca e correu atrás da vítima. Ao ser alcançada após alguns metros de corrida, ela foi esfaqueada na cabeça e no rosto. A jovem morreu no local e o homem fugiu e permanece foragido.

Fonte: GUITZEL, V.; REISNER, M. Pai mata namorada de filha quando ela era pedida em casamento. **Esquerda Diário**, Brasil, 09 jan 2018. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Pai-mata-namorada-de-filha-quando-ela-era-pedida-em-casamento>. Acesso em 10 de julho de 2019.

Assim como a proposta do caderno *Escola Sem Homofobia* é

¹⁶BARIFOUSE, R.. STF aprova a criminalização da homofobia. **BBC News**, Brasil, 13 jun 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>. Acesso em: 13 jan. 2020.

Incentivar debates e críticas sem medo de sanções negativas por opinar e defender posturas contrárias. A escola pública como um espaço laico e democrático da diversidade deve, em seu bojo, atentar para ações de diálogo entre as diferenças, de produção coletiva, de respeito à singularidade de cada uma/um, de desenvolvimento da autonomia, para que os sujeitos criem e recriem seus significados. (BRASIL, 2011, p.15).

É com esse pressuposto que continuei o diálogo da entrevista e fui em busca em saber se o corpo docente tem conhecimento de condutas sexuais e prefere acreditar que todas/os são iguais e trata-as/os indistintamente, Lucimar se posiciona dizendo:

Pesado hein...alguns sim, mas nem todos, tem gente que tem consciência né? mas não todo mundo, boa parte trata igual. [...], mas não tratar diferente porque é gay, ou bi, ou sei lá, mas com certeza eles falam né? Não na frente dos alunos. (LUCIMAR, 2019).



Ao utilizar a expressão “pesado hein” x entrevistadx deixa transparecer o quão delicado é o assunto para elx. Então prefere estabelecer uma relação de balança, ou seja, quer denunciar, mas não se compromete com a denúncia. Além disso, fica a sensação de que alguns profissionais da educação apresentam, de uma forma ou outra, certa aversão a indivíduos não heteronormativos. Comportamento grave, a meu ver, uma vez que a profissão docente deve estabelecer relação com a pluralidade cultural, social, de gênero, entre outros temas.

Para Rosimar, a gestão da escola onde trabalha propaga a ideia de que “*deve todos ter o mesmo tratamento, de forma igual*” e na sua concepção pessoal seria de “*forma igual dentro da especificidade de cada ser*” (ROSIMAR). Já para Juraci, na escola em que trabalha tenta emitir uma ideia de correta, mas afirma que heterossexualidade é o correto.

Em relação à concepção do termo ‘correto’, mencionado por Juraci, a fala de Darci, ao que parece inconsciente, ilustra atitudes de intolerância e homofobia na escola. Para elx os alunos “*são tratados todos igual*”, mas “*às vezes o aluno[...] está com esse problema de opção sexual, [...] alguns não tem maturidade e chamam atenção*” (DARCI, 2019).

Tomara a posição de Darci no excerto anterior fosse a mesma de Mignolo (2017, p. 31): “uma opção de vida, de pensar e de fazer”, mas a opção a que ele se refere é opção decolonial. Por outro lado, há quem acredite ou entenda ser possível gostar ou sentir atração por indivíduos do mesmo gênero ou do gênero oposto, como se fosse uma escolha subjetiva. A partir disso, apesar de ainda não concordar e estudiosxs da área estarem à procura de um termo que melhor se agregue a tal situação, por hora, o termo mais adequado a ser adotado ainda é ‘orientação sexual’.

Quando empregamos aqui a expressão **orientação sexual**, estamos, portanto, referindo-nos à atração que um indivíduo sente por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Ou seja, esse termo não tem relação alguma com a orientação dada por alguém, pela família ou pela sociedade quanto ao sexo pelo qual uma pessoa deva se sentir atraída. (BRASIL, 2011, p. 28, grifo do autor).

[Leitorx, qual sua orientação sexual ao olhar no espelho, você consegue ser o que, não é?].

Destarte, a orientação sexual não estabelece estrita relação de escolha, pois ela independe da consciência, além do mais, não se aprende a ser *gay*, *lésbica*, *bi* tampouco somos forçosamente ensinados a sermos heterossexuais *[ou será que forçadamente ensinam a ser heterossexual, leitorx?]*. Em outros termos, não se escolhe ser heterossexual, como também não é possível se olhar no espelho e afirmar/decidir: “hoje serei bissexual”. Outra situação surreal também se apresenta quando o indivíduo ‘resolve’ ser diferente de sua essência, algo que realmente não é, pois

O risco desse pensamento é o de que, ao se guiarem pela ideia da “opção”, as pessoas que de algum modo não se conformam às convenções de gênero e de sexualidade também podem ser levadas a se “corrigir” para “optarem” por aquilo que supostamente seria o “correto”. (BRASIL, 2011, p.69).

Diversas pessoas são mortas a cada instante, tanto quando algum LGBTQIA+ não está em conformidade com a norma, quanto umx heterossexual que não consegue atingir os padrões de



normalidade. Como bem relata Darci sobre o que considero um assassinato

O aluno fez o maior “**escarcel**” no corredor para chamar a atenção mesmo, até com **roupas depravadas**. A escola chamou **ele**, conversou, orientou esse aluno, então, a escola fez esse trabalho de orientar [...] **ele** como deve **comportar na sociedade**. Ele é diferente, mas o comportamento **dele** na sociedade tem que ser igual. (DARCI, 2019, grifo do autor).

Quero chamar atenção que, ao atribuir um gênero, espera-se que a pessoa corresponda aos atributos próprios de homem, construídos culturalmente, ou seja, “seu comportamento social não era o que se esperava dos homens” (BRASIL, 2011, p. 26). Esse fato pode estar relacionado ao que entendem como abdicação do “poder de macho”.

Durante muito tempo, os homossexuais masculinos foram “identificados” (muitas vezes até por eles próprios) por seus trejeitos considerados “femininos”; pode-se dizer o mesmo em relação às lésbicas, por seu comportamento visto como “masculinizado”. Assim como eles/as, travestis e pessoas transexuais permaneceram incompreendidas/os e eram duramente tratadas/os com desprezo, abuso e violência por não se encaixarem na heteronormatividade. Atualmente, em função de todos os questionamentos, transformações e conquistas relativos a **o que é ser homem e/ou mulher**, que abrangem desde a cultura popular até o saber científico, as fronteiras começam a ficar menos nítidas e, conseqüentemente, o mundo a tornar-se mais arejado. (BRASIL, 2011, p. 30).

Na mesma lógica, Louro (1993, p. 76) destaca que conseqüentemente, “todos os sujeitos e comportamentos que não se “enquadram” dentro dessa lógica ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios”. O que é justificado pela invasão colonial regida pela colonialidade, uma vez que, os comportamentos variam conforme a localidade.

Ao serem questionadxs quando os estudantes se fazem presentes sobre sua sexualidade xs pesquisadxs comentam:

Olha, eu nunca percebi algo diferente, de tratar mal por eles serem assumidos, mas... acho que nunca vi não. Tem um julgamento, principalmente os religiosos, religiosamente tem os comentários, até mesmo entre os alunos né? mas geralmente, tipo assim, não é tratado mal, mas tem um olhar diferente sabe? Dá pra você ver e acredito que eles mais do

que ninguém sentem isso na pele, mas dá pra perceber sim. (LUCIMAR, 2019).

O trailer do filme “Com amor, Simon¹⁷” de preferência a partir do 1min e 15s trata da questão relacionada ao ato de ‘assumir’ e destaca como seria se o papel fosse o contrário, se “assumir” heterossexual.

A identidade é uma produção discursiva que perpassa diferentes marcadores sociais, seja étnico-racial, gênero, sexualidade, classe e territorialidade, ela é um marcador para si próprio e para a sociedade. Em outras palavras, declarar uma identidade é um ato político. Por exemplo, declarar-se gay é admitir um estilo de vida e integrar-se a uma comunidade; é fugir das amarras que delimitam o ser; é caminhar pela margem fronteiraça. Além disso, ser *gay*, *lésbica*, *trans*, *bi* ou *pan* não anula outras identidades como ser *brasileirx*, *negrx*, *indígena*, *assalariadx*, entre outras. Muito pelo contrário, é interseccional.

Considero que o ideal seria a extinção do verbo ‘assumir’ quando se tratar de temas identitários, já que ele remete a culpa, a pecado, a crime. Não ser heterossexual não implica ser ou deixar de ser culpado, pecador ou criminoso; portanto, nada há para assumir. E, NÃO SOMOS culpadx e nem pecadorxs.

“Sair do armário”, como alguns denominam, é diferente de assumir um relacionamento, assumir que é racista, homofóbico ou machista. Se declarar *bixa*, *viado* ou *sapatão* é um ato político que conseqüentemente traz à tona a declaração de existência de uma sociedade tóxica imbuída pelo patriarcado. Evidenciar as amarras do patriarcado, do sexismo, ser o indivíduo que insulta e incita ódio assume ser transfóbico. A meu ver, um ato heroico, político e de

Para Darci, quando xs fazem presentes



da colonialidade é diferente de contra as travestis e não declarar a condição sexual é resistência. estudantes LGBTQIA+ se

[...] eu acho que professores e diretor tratam ele normal, como se ele fosse um humano qualquer, um ser humano normal (DARCI, 2019).

¹⁷ FOX 2000 PICTURES. **Trailer do filme:** Com amor, Simon. 2018. 1 vídeo (2:20 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5oG2vFyVJA>. Acesso em: 13 jan 2020.

Na passagem “tratar ele normal” infiro haver o entendimento de tratar como indiferente, munido de direitos e livre para se expressar. O tratamento afirmado por Darci, “como se ele fosse” um humano traz a negação da humanidade; em outras palavras, há a negativa de que a diversidade existe e prefere-se vendar os olhos, o que pode ser confirmado quando aparece a expressão “humano normal”, também verificada na fala de Juraci.

Geralmente com receio [...]. Perante a sala são assumidos com normalidade, como outro qualquer, todos nós somos diferentes (JURACI, 2019).

Tal fato se aplica porque a homofobia presume que todos sejam heterossexuais; é a contestação de quem é visto como anormal, desviante, imoral, doente ou pecadorx. Uma vez detectada a existência do desvio da norma – x anormal – “a negação passa a ser hostilidade, condenando muitas vezes essa pessoa a viver na invisibilidade, de forma clandestina, sem valorização social ou reconhecimento público” (BRASIL, 2011, p. 34)



Assim, as respostas de meus colaboradores confirmam a hipótese de que a escola tem sido um ambiente alentador para a comunidade LGBTQIA+ e também para heterossexuais, uma vez que destacam a presença da norma; logo, a colonialidade também está ali.

Uma minoria aceita com naturalidade, já uma boa parte da comunidade escolar, alguns toleram, outros são intolerantes, mas a aceitação natural é por uma minoria da comunidade. (ROSIMAR, 2019).

Lucimar ao desconfiar de nunca ter visto alguma atitude discriminatória o julgamento religioso como discriminação ou intolerância. A religião tem impactado a sociedade brasileira, pois pregadores/pastores/missionários, dentre outros, são considerados paladinos ou porta vozes dos valores religiosos, os quais determinam e usam como única verdade a heterossexualidade compulsória e desqualificam qualquer outra forma de viver o gênero, a sexualidade e o desejo.

Figura 20: Relatos de Perseguição na Escola

“[...] Eu tava saindo do colégio [...] eu e um amigo, andando normal. Aí começaram a mexer comigo, me chamando de ‘bichinha’, vieram por trás e começaram a segurar meu braço de uma forma que eu não podia me mexer. Começaram a gritar no meio da rua. [...] Eram três. Um segurou um braço e o outro segurou o outro braço e começaram a apertar. Eles diziam: **‘Vai, confessa que você é viado!’** Eu gritando pelo amor de Deus para eles pararem. E esse meu amigo, tava com medo e foi embora, me deixou sozinho. Eu acho que ele estava combinado com eles três. Um deles segurou com tanta força que **quebrou meu braço** assim [mostra uma saliência entre o cotovelo e o pulso, sequela da fratura]. Depois disso, quando eles me soltaram, eu fui à diretora, com o braço doendo demais, com muita dor. A diretora me levou pra casa e conversou com meus pais. [...] Meu pai me abraçou e ficou quieto, disse que não ia falar pra minha mãe. Eu disse que podia contar. Eu fui ao pronto-socorro só no dia seguinte, porque já estava de noite, **eu dormi com o braço quebrado** e só fui ao outro dia.

Fonte: (BRASIL, 2011, p.35, grifo do autor)

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. (BUTLER, 2017, p. 53).

[...] e isso é algo realçado, sobretudo pelas religiões – que o desejo sexual só deve existir quando vinculado a um sentimento “maior”, reprimimos aquelas sensações que julgamos não cumprirem esse destino supostamente elevado, numa determinada ordem: conhecer, interessar-se, paquerar, apaixonar-se, casar-se, ter filhos. A consequência disso é que, ao longo da vida, acabamos por reiterar que as relações afetivas e sexuais somente são “normais” entre pessoas de sexos opostos. Quem não se enquadra, sofre todo tipo de coerção – cultural, social, física, histórica e até financeira – que a/o obriga a “controlar” seus desejos. Contudo um desejo reprimido não desaparece; o que ocorre é que ele, na maioria das vezes, é escondido, podendo ressurgir com mais força num outro momento. Quando a **preferência** sexual é ocultada ou camuflada, ficamos totalmente à mercê das poderosas convenções sociais e da consequente repressão gerada quando cruzamos essa *imaginária* fronteira entre o gênero e a sexualidade. (BRASIL, 2011, p. 28-29).

Não menos importante é a declaração final: “mas dá pra perceber sim” (LUCIMAR, 2019). SIM! A homofobia existe e somente uma pessoa cega de ódio e carregada em crenças tabus se nega a ver. Digo nega, porque essas pessoas querem de toda forma implementar uma espécie de cura, seja psicológica, hormonal, religiosa, estupro corretivo e no insucesso, a morte. É decepcionante viver em um Estado-Nação constitucionalmente laico que na prática não é laico.

3.4 Preciso de uma preparação, a vontade de usar eu tenho, porque eu sei que, eu tenho alunos que sofrem homofobia[...]

Cotidianamente ouvem-se apoio para lidarem com temas quando há, são insuficientes ou superficial. Diante disso, percebe-se materiais e projetos específicos ações de combate à



docentes se queixarem da falta de diversos na sala de aula, e que abordados de uma forma se também a ausência de para tratar diversidade sexual e LGBTQIAfobia.

Importa refletir se alguma escola tem se preocupado em promover ações de informações e combate à discriminação e homofobia. E se o fazem, será que ocorre o envolvimento da disciplina de matemática?

uma das escolas que eu lecionei, no ano passado, promoveu uma ação sobre gênero, sobre feminicídio, [...] eles fizeram...professor de sociologia coma professora de história, eu não participei do projeto, mas na questão da violência contra a mulher. [...] foi o projeto de mais destaque na feira (ROSIMAR, 2019).

(risos) não (LUCIMAR, 2019).

A gente não desenvolve nenhum tipo de projeto, só assim, se surge algum caso dentro da escola, só orientação com as pessoas envolvidas mesmo (DARCI, 2019).

Não (JURACI, 2019).

Destaca-se, dessa forma, a materiais específicos e cursos de combate à LGBTQIAfobia, como *Sem Homofobia*, que distribuiria públicas de Ensino Médio, com o temática aqui proposta.



necessidade de criação de formação de enfrentamento e era proposta do *Programa Brasil* materiais didáticos às escolas fito de auxiliar na abordagem da

Considerando que xs colaboradores tenham feito a leitura do caderno *Escola Sem Homofobia*, indaguei-xs sobre a possibilidade de buscar apoio no material para a preparação de suas aulas.

Sim. Então, isso que é um ponto, preciso de uma preparação, a vontade de usar eu tenho, porque eu sei que, eu tenho alunos que sofrem homofobia e que trabalhar aquilo em uma aula de matemática é interessante, é necessário, só que não tenho uma preparação, eu “ia” precisar correr atrás, preparar para fazer esse uso, ainda não sei, porque não é pegar, chegar lá, pegar uma atividade que está exposta, chega lá e trabalhar, assim tem que ter uma orientação de como chegar trabalhando aquilo, pra talvez até não promover uma homofobia dentro da sala se não for bem trabalhado. (ROSIMAR, 2019).

Nossa! Se fosse uma coisa que fosse...usaria sim! Se a escola aprovasse, né? Mas eu usaria sim, achei bem interessante o material depois que eu analisei, acho que tem dinâmicas bem interessantes [...]. Em um dado momento em que eu perceber [...] alguma coisa que me chamasse atenção, tipo as piadas que as vezes rola, chamaria eles para conversar e quem sabe fazer uma dinâmica daquelas, seria interessante. (LUCIMAR, 2019).

Eu vou ser sincera, pra mim usar ele eu tenho que ter um embasamento melhor, é complicado eu falar que usaria e não usaria, isso daí depende do projeto que a escola montar, se a escola montar um projeto [...], eu usaria, mas você sabe que é um assunto complexo, ele é um assunto que a gente tem que ter um preparo muito grande [...]. (DARCI, 2019).



Tem alguns trechos no material de informação que eu poderia utilizar no início da aula, mesmo sendo uma aula de matemática, se eu pegar, ler lá que existe a narrativa da normalidade, que o homem tem que casar[-se] com a mulher e a mulher tem que casar com homem. Tem, sabe? Todas essas informações, ler essas informações e debater no começo de aula e se conseguir algum conteúdo ligar, ou fazer uma pesquisa ou fazer alguma coisa assim, com certeza eu usaria, mas eu não uso, tomei conhecimento agora do material. (JURACI, 2019).

A possibilidade de utilizar esse material torna possível considerá-lo uma ferramenta com potencialidade de contribuir para a desconstrução de crenças e tabus estigmatizados, pois ele poderia auxiliar para a decolonialidade, desprender algumas amarras do patriarcado e da heteronormatividade. No entanto, a utilização do material ou qualquer discussão não deve ser limitada ao início da aula, mas no decorrer e fora dela, visto que esse tema na discussão aqui posta se configura como currículo oculto da aula de matemática. É sabido que quando se trata de direitos direcionados às pessoas marginalizadas e subalternizadas em relação à camada da sociedade conservadora, dogmática, sexista, heteronormativa, aquela que no quadro de colonizada torna-se colonizadora surgem problematizações e hostilidades, no que concerne a um material com essa abrangência.

Essa sociedade sobrecarregada de machismo, homofobia, discriminação e violência gerou pressão para que o governo suspendesse a veiculação do kit *Escola*

Sem Homofobia quando, movida por más intenções, disseminou *fake News* e renomeou o material como *kit gay*, de tal modo que atingisse a idoneidade da tradicional família brasileira. Dessa forma, quem não se informou acerca do real conteúdo do documento passou a crer que esse tinha por propósito incentivar a homossexualidade, a pedofilia e a promiscuidade.

Ao falar de família, deve-se ter a presunção de que “arranjos familiares se multiplicam e se modificam” (LOURO, 2000, p. 5). Aliás, os arranjos familiares, nos dias atuais, são tão diversos que também são compostos por dois pais, duas mães, mãe solo, pai solo, sem contar que as mulheres são majoritariamente chefes de família no Brasil. Seria essa família tradicional brasileira que o material desrespeita? A princípio, aparenta ser um equívoco ou uma suspeição ideológica dessa parcela da população, a qual nomeia os indivíduos conforme as suas diferenças e tem sido classificada de ‘os ricos, os conservadores, a elite’, entre outras nomenclaturas.

Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente — ela é dependente de uma situação e de um momento particulares. (LOURO, 19977, p. 49-50).

Mas o que de fato significa a ameaça deste kit *Escola Sem Homofobia* para esse modelo padrão de família (pai, mãe e filhos heterossexuais, ricos e cristãos)? A pesquisadora e autora Louro destaca que desde os idos da década de 70 e 80 já vem sendo anunciado esse tipo de reação, segundo a qual a “Nova Direita identificando o ‘declínio da família’, o feminismo e a nova militância homossexual como potentes símbolos do declínio nacional” (LOURO, 2000, p.38).

Ainda em relação ao fato de se questionar qual moralidade tem sido infringida e o motivo pelo interesse exacerbado pelos comportamentos sexuais do corpo humano, Louro argumenta que



[..] uma série de preocupações diferentes mas relacionadas: as relações entre homens e mulheres; o problema do desvio sexual; a questão da família e de outros relacionamentos; as relações entre adultos e crianças; a questão da diferença, seja de classe, gênero ou raça. Cada uma dessas tem uma longa história, mas nos últimos duzentos anos elas se tornaram preocupações centrais, freqüentemente se centrando ao redor de questões sexuais. Elas ilustram o poder da crença de que os debates sobre a sexualidade são debates sobre a natureza da sociedade: tal sexo, tal sociedade (LOURO, 2000, p.38).

É possível inferir que a ameaça está na importância simbólica desse material para as classes subalternizadas e marginalizadas, a qual tem o “poder” de destronar o “poder vigente”. O Estado é um macho opressor, assassino, estuprador, violento, e seu poder opera em sistema moderno/colonial que tem diretamente massacrado, com seus tentáculos, no mínimo quatro eixos relacionados, a saber: gênero, sexualidade, raça e classe. Não podemos deixar de ver essa intersecção, pois,

No está provocada solamente por la separación categorial de raza, género, clase y sexualidad, separación que no nos deja ver la violencia claramente. No se trata solamente de una cuestión de ceguera epistemológica cuyo origen radica en una separación categorial (MGNOLO et al, 2014, p. 14).

O fato mais surpreendente não é a reação dessa sociedade alienada à colonialidade, mas como educadores e gestores não tiveram a veemência de conhecer o material antes de lançar um posicionamento contra ou a favor. Uma comunidade da qual se espera criticidade para ler, ver e ouvir, sobretudo no tocante a um material que poderia auxiliar em situações diversas do cotidiano escolar, relacionadas à diversidade sexual. Tudo leva a crer que cada indivíduo da sociedade brasileira tem um fascista dentro de si.



o material que se preze uma escola sem um tipo de fobia ele não tem como ser um material ruim, nem perverso, nem indutivo, nada, como ele já foi colocado e através dessa colocação de que “queremos uma ideologia de gênero colocada e estabelecida” isso já tem, pra mim, já tem uma ideologia de gênero colocada, a heteronormalidade, só que...uma coisa contra um tipo de fobia ser chamado de ruim é incoerente (JURACI, 2019).

É absurdamente estranho o posicionamento da sociedade contra políticas de combates à discriminação e à violência por LGBTQIAfobia, uma vez que, o artigo 5º da Lei 8.069/90 dispõe que

nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.¹⁸

¹⁸ BRASIL. **Lei 8.069/90 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 24 fev. 2020.

Esse projeto auxiliaria a suprir as demandas dxs estudantes no que concerne ao direito à vida, à manifestação sexual, ao direito de ser respeitadx, já que os profissionais da educação nem sempre estão dispostos a mediar certas situações e acabam por anular o diálogo, embora não raro sejam vistos como autoridades, as quais, infelizmente, transmitem a pseudoimagem de super-heróis, salvadores do mundo, quando, na realidade, também precisam de ajuda para realizarem um bom trabalho. Mas não julgo, porque temos a péssima mania de vestir uma capa de super-heroína na escola como se ela fosse salvar o mundo, o que é um equívoco, visto que, esquecemos que ela também faz parte do mundo e precisa ser salva.

3.5 O livro didático é o primeiro universo que o aluno vai conhecer...

Não tem Kit *Escola Sem Homofobia* na escola, o Kit Gay é uma invenção ideológica que existe na cabeça das pessoas, LGBTQIA+ são agredidxs, ameaçadxs, assediadxs, estupradxs e mortxs psicologicamente na escola e fisicamente na calçada em frente ao portão principal. Tais afirmações parecem, a princípio, não trazerem correlação com o subtítulo desta sessão; porém, torna-se imperioso refletirmos: [*Carx leitorx deve estar a perguntar “autor o que isso tem a ver com o subtítulo desta sessão?”*], veja [*querída leitorx*], se há estudantes e educadores na escola, supostamente há material didático de apoio que versem sobre os conteúdos curriculares obrigatórios, mas o que há dentro deles? Segundo (DARCI, 2019), o livro didático “*é importante porque auxilia, orienta, ele dá um norte, até mesmo no currículo escolar e no processo de ensino-aprendizagem*” (DARCI, 2019).

Em sua maioria, os livros didáticos não abordam questões ligadas a gênero e sexualidade. Em busca de confirmar essa afirmação, questionei xs informantes se já haviam percebido alguma manifestação LGBTQIA+ em âmbito escolar.



Não, eles não abordam (ROSIMAR, 2019).

Não, não nos livros de matemática (JURACI, 2019).

Não, dos que conheço tem nenhum (DARCI, 2019).

Nenhuma (JURACI, 2019).

O efeito disso é um mascaramento ou silenciamento de questões ligadas à temática deste estudo. Com isso, provoca a invisibilidade de identidades e corpos que não estão em estrita conformidade com a heteronormatividade. Além disso, esses livros podem estar ditando normas, como a linguagem, o modelo de família, dentro outros.

Por isso, faz-se necessária a implementação de políticas para a produção de materiais didáticos - tal como o livro didático, cujas imagens e textos são deveras informativos - que discutam a diversidade sexual, como exige a pluralidade de nossa sociedade.

Não obstante, a escola deve respeitar constitucionalmente a laicidade e se abster de esferas religiosas sobre o educar, ação que pode assumir uma forma de tortura ou de assassinato às crianças. Esses debates devem ser considerados nas aulas, em reuniões pedagógicas, em formações continuadas, na elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola.

Com isso, busco ouvir a opinião dxs participantes desta pesquisa sobre as políticas públicas do Ministério da Educação em relação ao livro didático.

Particularmente eu acho que não é um material tão completo, mas é um material bom sim. Mas, não completo. (LUCIMAR, 2019).

[...] tem que ter um livro didático, tem que ter um material de apoio, só que em cada realidade é diferente. Agora, numa comunidade que não tem acesso à tecnologia aquele livro didático vai ser o mundo do aluno, o primeiro universo que o aluno vai conhecer. (DARCI, 2019).

Se o livro didático é um universo, por que não contempla a diversidade, mas tão somente a colonialidade, o patriarcado e todas as imbricações correlatas?

3.6 A travesti morre, ninguém sabe seu nome, enunciam daquele que ninguém nunca conheceu...

Figura 21 – Greice Kelly assassinada.



Fonte: MICHELS, E. Ex-miss gay de três lagoas é assassinada. HomoTransfobia Mata, Três Lagoas, 18 abr 2012. Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/2012/04/18/ex-miss-gay-de-tres-lagoas-e-assassinada/>. Acesso em: 20 de ago de 2019.

Nem mesmo a morte livra Greice Kelly da transfobia. É a triste realidade deste país, sumariamente, ainda colonial.

Há diversos dilemas enfrentados na escola pela comunidade LGBTQIA+, tal como, a questão do nome social, o qual causa constrangimento e gera recusa de aceitação por grande parte das pessoas. Os sanitários são outro aspecto causador de ridicularização, ao serem categorizados por gêneros dicotômicos, considerados apenas o sexo biológico: masculino e feminino.

Os indivíduos LGBT são submetidos a isolamento social, zombaria e agressões por parte de seus colegas. O ambiente escolar, assim, se torna tão opressor, que o indivíduo transgênero se sente expulso do ambiente, o que culmina no abandono escolar. Em vez de serem tipificados como “evasão”, esses casos deveriam ser classificados como “expulsão”, pois são

frutos de omissões da pedagogia escolar alinhada às normas de gênero hegemônicas (BENTO, 2001, p. 553).

Darci traz um relato ocorrido no passado sobre a questão de hostilidade em torno do nome social de uma mulher *trans*:

[...] apesar de eu não ter preconceito nenhum, nunca tive, porque desde quando eu dei aula lá há 20 anos atrás eu tive aluno, eu tinha uma aluna que ela era assumida. No entanto, um dia eu queria um buraco pra entrar dentro, na chamada, Augustinho. “- Augustinho”, olhei na sala assim ela levantou o dedo, não sei se você conhece ela chama Patrícia, mas o nome dela é Augustinho, ela disse meu nome é Patrícia (em voz baixa, talvez imitando), nossa minha cara, tipo assim eu não tinha percebido e não sabia também, nessa época a coordenação não passou nadinha, porque se tivesse passado logicamente eu jamais teria feito isso, eu teria chamado pelo nome dela que ela usava lá né? E não teria feito aquilo lá, eu chamei Augustinho umas 3 ou 4 vezes e os alunos começaram a dar risada, no entanto, depois peguei uma amizade com ela, por isso que falo tinha piadinha, mas era menos naquela época do que agora, agora é pior (DARCI, 2019).

Primeiramente, gostaria de chamar a atenção para a frase “*apesar de eu não ter preconceito nenhum*”, porque é desnecessária essa justificativa quando não há preconceito. Esse fato retrata a armadilha de um campo de frases discriminatórias, como: “não sou racista, até tenho um amigo negro”, “não sou machista, tenho mãe e filha”, entre outras tantas.

Ainda em relação à conjuntura do nome social, x colaboradorx enfatiza de maneira hiperbólica que o fato ocorreu há algum tempo, todavia, embora tenha havido grandes avanços, ainda não é possível perceber mudanças tão relevantes acerca da utilização do nome social. O decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016, assinado, na época, pela presidente Dilma Rousseff, dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. O documento entende nome social por “designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida”. Além disso, a portaria do MEC, publicada em 18 de janeiro de 2017, acrescenta o direito ao nome social nas chamadas na Educação Básica, em caso de ser menor de 18 anos possua declaração assinada pelos pais. Com isso, o nome social foi confundido com apelido e diversas escolas fazem matrículas de estudantes e utilizam apelido como

nome social, o que contraria o decreto aqui mencionado e, mais uma vez, instaura um apagamento pela colonialidade do ser.

Nesse sentido, a existência de pessoas *trans* no ambiente escolar torna a escola um lugar estranho ao sistema esperado, pois o sistema moderno/colonial não consegue colocar em prática a hierarquia dicotomizada. Isso deve-se ao fato de esses corpos preambularem na margem desse sistema, ou seja, ora está dentro, ora está fora dessa bolha imaginária e rizomática que opera a colonialidade.

Outro aspecto a se destacar sobre o relato de Darci é de que xs autorxs cidadxs nesta dissertação estão corretíssimxs, pois é destruída a prerrogativa de que sexo determina gênero; o nome com intuito de tornar aquele corpo masculino, fazê-lo homem não se concretiza. A sexualidade é subjetiva e plural; as pessoas não são objetos cujas formas podem ser definidas; não se torna o que o outro quer, mas sim o que o indivíduo quiser ser. [*Leitorx, seu nome te define?*].

X travesti, x transexual e x transgênero utilizam de seu nome social como artefato político, como reconhecimento de sua identidade diante essa sociedade opressora. Isso é, sobretudo, a valorização da humana. Por isso, pensar e repensar a escola instituição pertencente ao Brasil à América necessário e urgente. É a necessidade e a avaliar a função da escola, o conhecimento e produções, a sua responsabilidade social e



dignidade enquanto Latina é urgência de suas política.

O nome social é das pessoas *trans* é um luta do reconhecimento social e da luta de permanência na escola e em qualquer outro. Nessa perspectiva, essa instituição tem seus conservadorismo, no Cristianismo e na conservação da colonialidade, e o movimento feminista e LGBTQIA+ estão aí para questionar a hegemonia e ressignificar os papéis sociais na intenção de tornar todxs iguais, no que diz ao acesso, permanência e valorização de ser humanx.

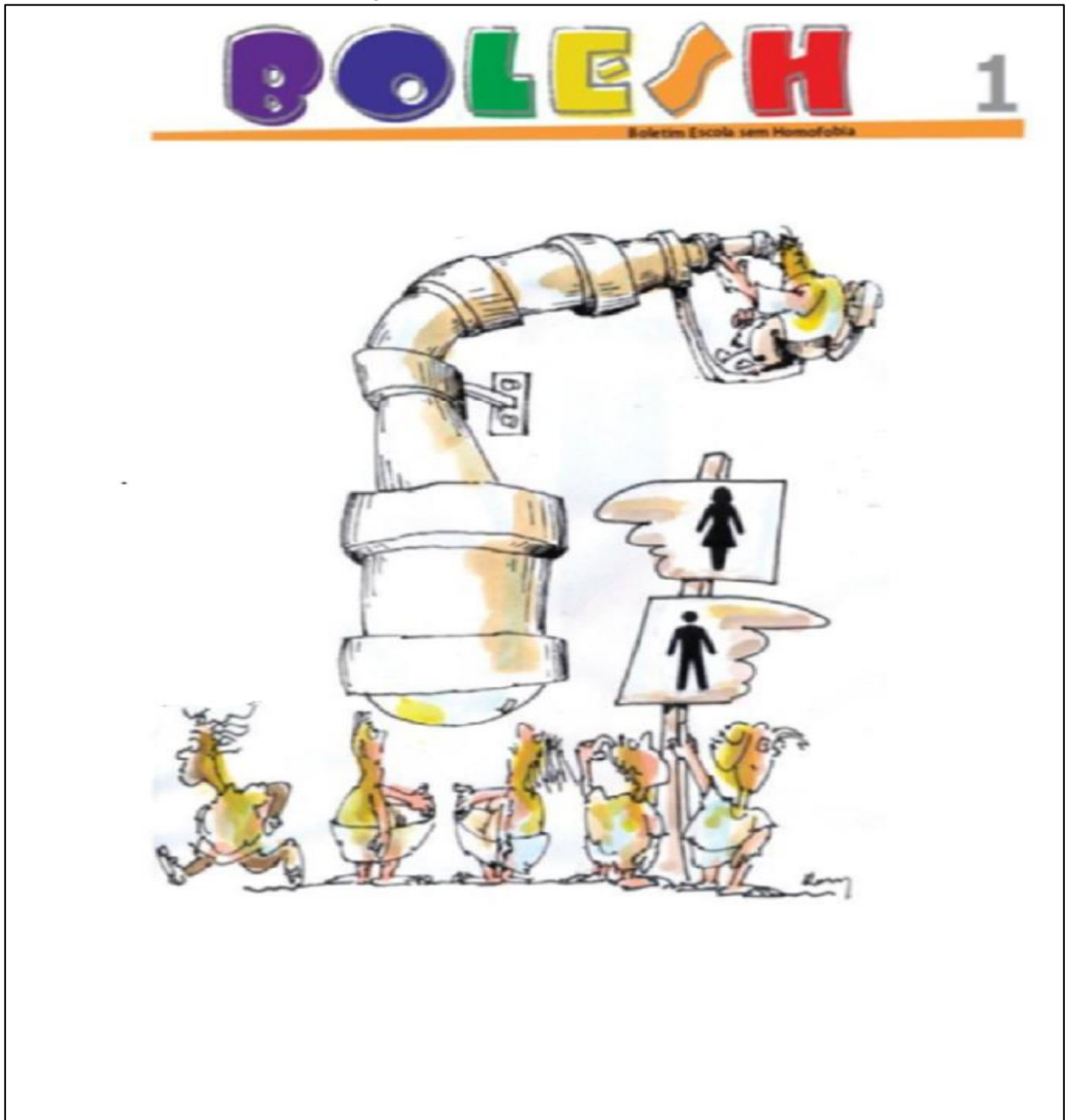
símbolo de acesso e ambiente. pilares no

3.7 Leitura de Imagem: o que os olhos veem e a mente entende?

Essa foi uma a atividade proposta da entrevista, cuja imagem é parte do kit *Escola sem Homofobia*, nomeadamente, bolesh 1; foi apresentada aos participantes da pesquisa e a seguir foi-lhes feito o questionamento acerca das suas impressões sobre ela.

Para tanto, quero que você a olhe, analise-a, leia-a. [*leitorx, qual a sua leitura sobre essa imagem?*].

Figura 22: Ilustrações do caderno Escola Sem Homofobia.



Fonte: (BRASIL, 2011, p.103).

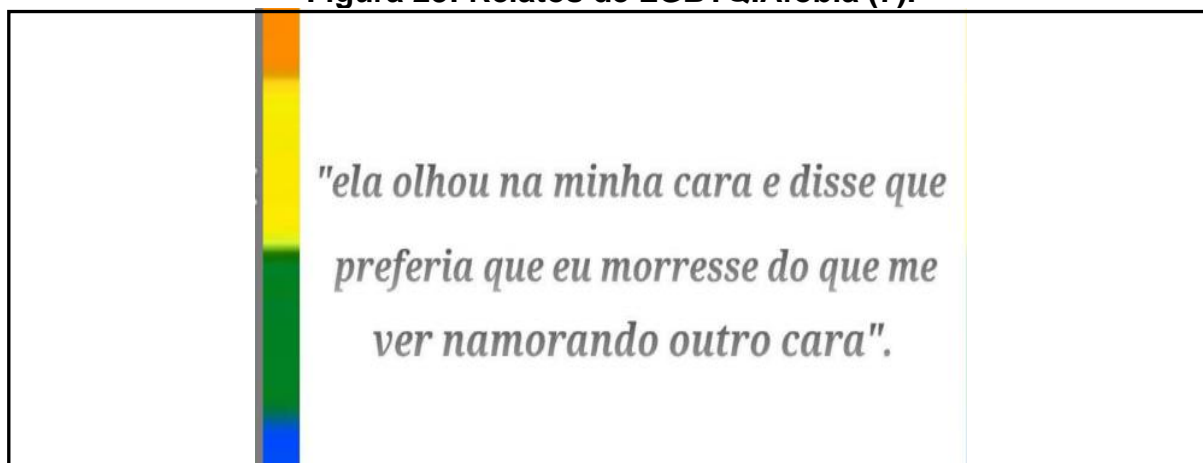
[*E aí leitorx? Quais foram suas impressões?*] A partir da leitura de imagem, apresento a você a leitura de meus colaboradores sobre a imagem. Ao trazer essas narrativas faço alguns questionamentos a mim mesmo [*e para você leitorx*] e alguns comentários.

A leitura que eu tenho é que sempre que tem a designação **numa porta**, em qualquer lugar, de homem e mulher tem alguém **vigiando** o seu gênero né? Fala: você é isso, você é aquilo, ele não te permite uma identidade de gênero. **E olha! Define isso pelo órgão genital também porque a imagem**

é bem clara, ele só leva em conta o órgão genital da pessoa pra falar o gênero dela, mais nada. Acho que é isso. (ROSIMAR, 2019, grifo do autor).

A leitura de Rosimar vai ao encontro de minhas argumentações. Como bem diz, as designações estão em todo lugar, mas quem as designa? [*você quem designa leitorx? Você perpetua a heterossexualidade compulsória, o patriarcado, a homofobia?*]. As designações e a vigia são embasados na heteronormatividade, “há muitos “fiscais” que também estão presentes nas práticas e espaços da escola, a fim de vigiar e controlar condutas, punindo quem ousa cruzar determinadas fronteiras” (BRASIL, 2011, p. 67).

Figura 23: Relatos de LGBTQIAfobia (7).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 23 jan 2020. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7qwMLEHgj4/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

Quando Rosimar enfatiza a definição por órgão genital ele reforça meu alerta de que é nada mais do que uma definição equivocada e sexista “que separa o mundo em machos e fêmeas – numa ordem do sexo biológico – e que será reproduzido na ordem social” (BRASIL, 2011, p. 62). Além disso, “vemos a dicotomia do gênero operando normativamente na construção do social e nos processos coloniais de subjetificação opressiva” (LUGONES, 2014, p. 943) e, não obstante, silencia a definição pela genitália, uma vez que a criança é intersexual. Assim, pode-se deduzir que a invenção do gênero seja apenas um mecanismo de controle.



Da imagem dá pra perceber que esse cara...que isso é uma luneta ou parece e **ele tá analisando o órgão genital**, alguns (riso) **esse daqui tá fugindo**. E aqui tem um homem e uma mulher, ou seja, ele tá analisando

pra ver se é um homem ou uma mulher. E aí tem um carinha aqui que **parece que tá em dúvida** porque talvez ele não se... tá em dúvida entre homem e mulher, um nem quer saber (LUCIMAR, 2019, grifo do autor).

A imagem sempre tem um fiscalizando, olhando e se eu tivesse a visão desse aqui poderia ser o Deus né? Porque tudo hoje rege a heterossexualidade como norma perante a bíblia, da procriação, da reprodução e o único caminho que você pode escolher é homem ou mulher, só que também não tem como você escolher porque essa tá falando **que tem alguém olhando pra você, que fala o que você deve ser**. E tem só um caminho, ou você nasceu mulher tem que ser mulher, se nasceu homem tem que ser homem, perante a definição já colocada, é isso que eu vejo nessa imagem. (JURACI, 2019, grifo do autor).

Lucimar e Juraci também percebem a designação pelo órgão genital. Isso se deve porque gênero é socialmente construído (LUGONES, 2007) e nesse caso, amparado por uma cultura europeia. Louro argumenta:

Pois se o gênero é construído, ele não é necessariamente construído por um "eu" ou um "nós" que se coloca antes daquela construção em qualquer sentido espacial ou temporal de "antes". De fato, não fica claro que possa haver um "eu" ou um "nós" que não tenha sido submetido, que não tenha sido sujeitado ao gênero, onde a generificação é construída, entre outras coisas, pelas relações diferenciadoras pelas quais os sujeitos falantes se transformam em ser. Submetido ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o "eu" não precede nem segue o processo dessa generificação, mas emerge apenas no interior das próprias relações de gênero e como a matriz dessas relações. (LOURO, 2000, p. 116).

Nessa linha, me parece que o "eu" é desautorizado pelo "nós", que conseqüentemente é desautorizado pelo "outro", mas quem é o "outro"? A norma? Será o "outro" quem performatiza o gênero em função da norma? Acerca dessa questão, recorro a Butler (2017) ao falar da interpelação médica: "é menino ou menina?".



Consideremos a interpelação médica que, apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser "neutro" em um "ele" ou em uma "ela": nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse tornar-se garota da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma (LOURO, 2000, p. 116).

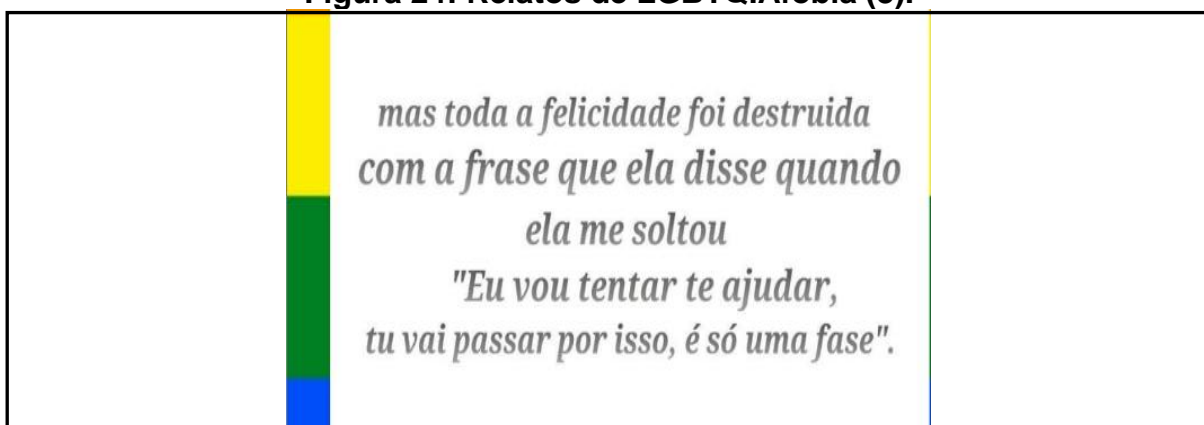
Muitas vezes essa interpelação parece ser sustentada por uma espécie de sagrado, como bem sustenta Juraci, ao tratar que x personagem na parte superior

da imagem pode ser “Deus” e Darci parece ir à mesma esteira, ao inferir que há “alguém lá em cima dando a luz”.

Pessoas indecisas procurando saber a identidade delas, acho que é isso. E tem alguém lá em cima dando a luz (risos). (DARCI, 2019).

[...] a geopolítica e a corpo-política (entendidas como a configuração biográfica de gênero, religião, classe, etnia e língua) da configuração de conhecimento e dos desejos epistêmicos foram ocultadas, e a ênfase foi colocada na mente em relação ao Deus e em relação a razão. Assim foi configurada a enunciação da epistemologia ocidental, e assim era a estrutura da enunciação que sustentava a matriz colonial. (MIGNOLO, 2017, p.6).

Figura 24: Relatos de LGBTQIAfobia (8).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 29 set 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3AgwPbngzr/>. Acesso em: 29 set. 2019.

É essa lógica de sagrado, organizada ideologicamente, a qual persegue estudantes LGBTQIA+, quando se afirma que sua existência é contrária à lei de Deus. Na verdade, isso se dá com o colonialismo como forma de controle do colonizado, tendo em vista o fato de que o meu deus poderia não ser cristão, mas sim de matriz hindu, asiática ou africana, como o Orixá Oxumaré, que em seis meses do ano é homem e nos outros seis meses é mulher.



[...] de acordo com a Constituição, não tem religião. Vivemos numa república, onde existe a separação entre Estado e Igreja, e isso deve ser respeitado. Por mais que se deturpem de forma preconceituosa essas informações, é bom lembrar que não existe no Brasil nenhum dispositivo da lei que proíba ou criminalize as relações homossexuais autoconsentidas entre adultos, tampouco a travestilidade e a transexualidade. O que acontece frequentemente é que muitos operadores da lei (advogados, juízes, promotores e autoridades policiais) abusam de seu poder e, tomados por seus preconceitos pessoais, tratam as/os LGBTs como criminosas/os (BRASIL, 2011, p. 41).

Destarte, não há nenhum documento que proíbe a homossexualidade, mas existe uma ideologia deturpada que mata diversas pessoas a cada dia no Brasil.

Após a leitura da imagem do bolesh1, propus a leitura do texto “É homem ou mulher”, é componente do Kit Escola Sem Homofobia, disponível no Anexo I.

Eu acho que então a imagem, as pessoas **já nascem sendo homem, sendo mulher**, então, mas na verdade a sociedade impõe isso, né? Que a mulher tem que agir só daquele jeito, o homem só daquele jeito, e isso assim vem desde...só que as mudanças vêm acontecendo e não é bem assim, né? Tem pessoas que nascem, como diz, com a vagina, mas não se consideram mulher e mesma coisa do homem. Aí tem essa parte aqui que fala aqui ó (referindo ao texto): a mulher não pode... tem que ficar, fazer o serviço de casa, não pode morar sozinha, mesmo que ela seja mulher, mulher mulher mesmo, considerado como mulher, hoje é recriminada se você for morar sozinha, se você for ter uma vida sozinha, agir do seu jeito, “ah mulher não pode fazer isso”, eu cresci ouvindo isso, eu ainda sou dessa geração que mulher não podia fazer isso, mulher tinha que ficar lá na cozinha, lavando louça, desde criança e eu cresci assim. Hoje não, hoje é diferente, eu ponho meus filhos lavar louça, meus filhos lava louça, na minha época “meu Deus!” menino, eu...por exemplo, eu vivi um contexto assim,[...] a gente morou na fazenda e minha paixão era ir pro curral mexer com gado, minha paixão, andar a cavalo e mexer com gado. E minha mãe me tacava serviço pra eu não ir e eu fazia o serviço correndo pra ir, fugia lá pro curral. Eu vivi num contexto desse; [...] sempre fui muito molecona mesmo, mas assim, na minha cabeça normal, mas acho que **não tem nada a ver você fazer a mesma coisa que homem faz e homem fazer a mesma coisa que mulher faz**, acho que isso aí não tem nada haver. Isso é coisa que colocaram na cabeça, que as pessoas colocaram na cabeça, porque que homem não pode lavar louça. **Qual que é a diferença do homem lavar o prato e uma mulher lavar o prato? Nenhuma.** Por que que homem não pode lavar roupa? Se a mulher lava. Por que tem que sobrar tudo para a mulher dentro de casa, é errado? (DARCI, 2019, grifo do autor).

Importa lembrar que ninguém nasce homem ou mulher, mas que é atribuído, de forma dicotômica, um gênero conforme o sexo biológico, e dessa forma, omite-se, por exemplo, a existência de pessoas intersexuais e andrógenas. Pensando em América Latina, a colonialidade faz com que a pessoa nasça com uma marca que condiciona a determinado comportamento e estilo de vida que ela não escolheu.



O sistema de poder global, capitalista, moderno colonial, que Anibal Quijano caracteriza como tendo início no século XVI nas Américas e em vigor até hoje, encontrou-se não com um mundo a ser estabelecido, um mundo de mentes vazias e animais em evolução. Ao contrário, encontrou-se com seres culturais, política, econômica e religiosamente complexos: entes em relações complexas com o cosmo, com outros entes, com a geração, com a terra, com os seres vivos, com o inorgânico, em produção; entes cuja expressividade erótica, estética e linguística, cujos saberes, noções de

espaço, expectativas, práticas, instituições e formas de governo não eram para ser simplesmente substituídas, mas sim encontradas, entendidas e adentradas em entrecruzamentos, diálogos e negociações tensos, violentos e arriscados que nunca aconteceram. (LUGONES, 2014, 941).

Ou seja, precisou tornar os colonizados em primitivos, deshumanizar, satanizar uma sociedade autossuficiente para a Europa ser considerada desenvolvida.

Outro aspecto esclarecer é sobre a escravidão no Brasil, a qual gerou tortura, exploração sexual, maus-tratos e muitas outras atrocidades por volta de quatro absurdos séculos e “abolida” [*sabemos que ninguém ficou livre da noite para o dia, não é mesmo leitorx?*] em 13 de maio de 1888, no entanto, são aproximadamente 130 anos de abolição da escravatura.

É importante esclarecer, que a sociedade não é construída com base em evolução, aliás esta é uma concepção colonialista, visto que a sociedade europeia se considerou sendo o fim da história, obtendo o ápice do desenvolvimento. O que é uma grande mentira.

É, acho que eu vi a imagem bem parecida com o texto, fala que...e essa questão aqui que ele traz histórica, é bem isso, se for pegar aí 300 anos atrás o negro era escravo, então,...se eu for pegar mais antigamente lá na Grécia o homem era [superior] a mulher né? A mulher era escrava também do homem, então, acho que tem que chegar num momento que tem que evoluir esses preconceitos aqui. A sociedade é construída em cima de evoluções, se não evoluísse até hoje o homem seria escravo, a mulher escrava e o homem branco ia ser o dominador de tudo, então, enquanto não avançar nesse preconceito de gênero, esse preconceito sexual, racial, que ainda existe, a sociedade vai sofrer muito, não vai alcançar o mínimo de paz que precisa. De crimes que a gente vê que acontece até hoje é por conta do preconceito e mesmo quem se diz contra isso, faz piadinha sobre o tema e tal, ridiculariza, então isso aí é uma forma velada de “tá” apoiando aquela violência, acho que enquanto a gente não se choca com o que acontece não vai ter um mínimo de paz na sociedade. E a questão ali de vigiar gênero pelo órgão genital é o que acontece, se a mulher nasceu com uma vagina ela tem que casar com homem, tem que cuidar da casa, e assim, eu já pensei assim, eu tinha esse pensamento também, eu trabalhava fora e eu chegava em casa, eu “o homem” precisava fazer nada, entendeu? E aí minha esposa me mostrou que não era bem assim, ela começou a estudar também e começou a conversar comigo sobre isso. E eu vejo que...acho que homem e mulher têm que ter o mesmo direito de trabalhar tanto fora quanto em casa, de morar sozinho, de...hoje no Brasil a questão dos relacionamentos, o homem que pega muito é bem visto, a mulher que pega muito é malvista, sabe? Isso tá implícito, aliás está explícito aí na nossa sociedade e é uma visão muito machista, então não tem como falar que uma sociedade não é machista, eu acho que é bem isso, se você tem um pênis, é do gênero masculino, você pode mais, ainda tem isso na nossa sociedade. (ROSIMAR, 2019).

Lucimar abarca outras estereotipas que podem ser estar sendo usadas pela sociedade, como seios e cabelo. Diversas vezes pessoas se deparam com situações em que não conseguem atribuir um pronome para o indivíduo, pois a estereotipia e a vestimenta, numa concepção colonial de normalidade, definem como homem, mas possui seios. Daí, questionam: eu devo chamar de ele ou ela? Para tanto, basta se desprender do preconceito e das amarras do patriarcado e perguntar como a pessoa prefere ser chamada.

Eu acredito que, é ainda continuando que seja essa análise mesmo porque tem um homem e uma mulher, então ele tá analisando através do órgão sexual, do seio, pra analisar se é homem ou mulher independente do que aquela pessoa sente, sabe? Só pelo o que ela tem no corpo dela. E alguns tem dúvida quanto a isso e talvez nem todos se encaixem, tipo, talvez não se encaixem como homem ou mulher. Porque é através do órgão que ele determina se é homem ou mulher, o homem tem pênis, a mulher tem vagina, seio, também tem a questão do cabelo, muito julgado. (LUCIMAR, 2019).

Que eles colocam que pra ser homem tem que ter pênis, peito cabeludo, pra ser mulher tem que ter vagina, ser feminina, ser dona de casa, ser submissa ao sexo masculino. E sempre tem alguém vigiando, só que aqui você olha nas crianças, embaixo aqui [referindo a imagem], você vê que muitas delas que estão confusas, por isso que coça a cabeça, coçar a cabeça é confuso. Por quê? Porque eles colocaram que existe esse modelo, de homem gostar de mulher e mulher gosta de homem, homem é superior, mulher é insuperior [inferior], então, isso daí, historicamente já tem mudança, mulher mora sozinha, mulher vota, mulher trabalha, pouco mudança porque em questão de salário a mulher ganha menos do que o homem. Violência doméstica a mulher geralmente é que apanha do homem, e caso até de fisicamente o homem é mais forte que a mulher, só que é um problema isso, seríssimo, cultural e a escola só omite, porque é dever da escola. Se a escola, ela forma o cidadão integral, crítico para a sociedade, é... para se atuar coletivamente, atuar com liberdade, atuar pela conscientização e a escola não está fazendo isso. (JURACI, 2019).

É importante notar que a mesma imagem possibilitou diferentes leituras, e nas leituras dos colaboradores percebe-se que apresentaram uma designação equivocada, visto que, gênero, os gostos, os desejos, as atividades sociais não fazem correspondência com o sexo biológico. Então questiono, se a vida cotidiana não estabelece relação com os órgãos genitais, então qual a justificativa de tanto incômodo com quem não é heterossexual? Em que uma pessoa LGBTQIA+ prejudica a vida de pessoas que não são? [*Por que te incomoda, leitrox?*] Será a liberdade de ser quem quiser ser?

QUARTA SESSÃO





4. Colonialismos, Colonialidade e Decolonialidade: o que isso tem a ver com a Educação Matemática?

para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente.

Nelson Maldonado-Torres

*Nós já temos encontro marcado
Eu só não sei quando
Se daqui a dois dias
Se daqui a mil anos
Com dois canos pra mim apontados
Ousaria te olhar, ousaria te ver
Num insuspeitável bar, pra decência não nos ver
Perigoso é te amar, doloroso querer
Somos homens pra saber o que é melhor pra nós
O desejo a nos punir, só porque somos iguais
A Idade Média é aqui
Mesmo que me arranquem o sexo, minha honra, meu prazer
Te amar eu ousaria
E você, o que fará se esse orgulho nos perder?*

Jorge Vercillo - Avesso



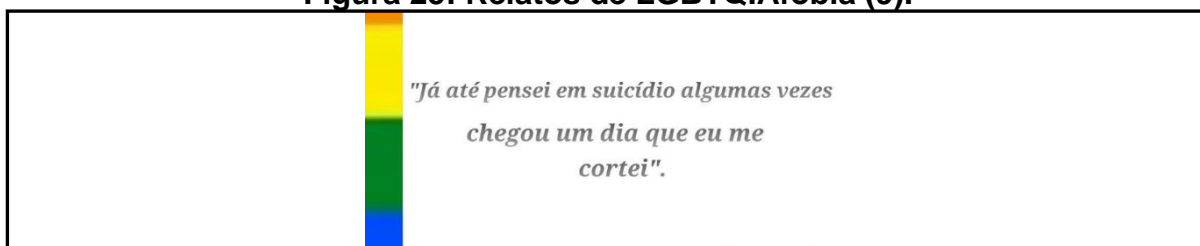
Tendo conhecimento de produções do coletivo Modernidade/Colonialidade, formado por pensadores de diferentes áreas do conhecimento, com objetivo de construir um projeto epistemológico-ético-político amparado na crítica à modernidade europeia e estadunidense e seus pressupostos de controle histórico, filosófico e sociológico, não consegui encontrar outra postura teórico-metodológica com a qual me afinasse tanto para o desenvolvimento da minha pesquisa.

O grupo dos pensadores da decolonialidade, um grupo eminentemente latino-americano, possui uma característica peculiar que gostaria de destacar: heterogeneidade e transdisciplinaridade, pois, apresenta uma dimensão de pensamentos diferentes das estruturas dominantes e mantém um diálogo horizontal com diversos campos do conhecimento. Apresento aqui alguns intelectuais do coletivo, tais como o semiólogo argentino Walter Dignolo, o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado Torres, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, a linguista norte-americana radicada no Equador Catherine Walsh, a filósofa argentina María Lugones, entre outros e outras.

A produção deste coletivo me instiga a refletir acerca do meu e do nosso modo de ser, de ver e viver neste mundo, no que tange a questões étnico-raciais, de gênero, classe e religião, pensando também enquanto Educação, e Educação Matemática na América Latina, e especificamente, no Brasil. Para começo de conversa, considero importante deixar claras algumas diferenças entre os estudos pós-freqüentemente, coloniais e estudos decoloniais, pois, para nos situarmos são considerados como equivalentes e também juntamente ao leitor em relação às implicações lógicas e epistemológicas que cada um aborda.



Figura 25: Relatos de LGBTQIAfobia (9).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 27 jan 2020. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B72K6EiJ0cb/>. Acesso em: 27 de jan 2020.

Os estudos pós-coloniais são estudos de lócus eminentemente asiático, que buscam refletir sobre a relação antagônica entre colonizador e colonizado, a saber, os principais pensadores que questionam a ordem discursiva sobre o mundo colonizado Franz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire, Edward Said, Stuart Hall. Os estudos decoloniais têm seu lócus de enunciação na América Latina e como os estudos pós-coloniais, também discutem a relação colonizador/colonizado e fazem um diálogo com esferas da economia, da política e da cultura. Entretanto, toda enunciação tem um lugar de origem e esse lugar é quem define a força e a relevância do nosso discurso. Os estudos pós-coloniais e estudos decoloniais possuem loci de enunciação diferente no que tangem às experiências que marcaram a trajetória colonial particular de cada um deles. Para Mignolo:

não é tanto a condição histórica pós-colonial que deve reter nossa atenção, mas os loci pós-coloniais de enunciação como formação discursiva emergente e como forma de articulação da racionalidade subalterna (MIGNOLO, 2003, p. 139).

Os estudos pós-coloniais ou pós-colonialismo são uma categoria de análise crítica que surge em meados da década de 1980, cuja principal bandeira foi questionar um conjunto de pressupostos construídos sobre a ótica do colonizador, ou seja, questionar a meta-narrativa da modernidade legitimada pelos colonizadores. Boaventura de Souza Santos (2003) destaca que:



O pós-colonialismo deve ser entendido em duas acepções principais. A primeira é a de um período histórico, aquele que se sucede à independência das colônias, e a segunda é a de um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado (SANTOS, 2003, p. 26).

Nas palavras de Grosfoguel (2008), os estudos pós-coloniais “conceptualizam o sistema-mundo capitalista¹⁹ como sendo constituído principalmente pela cultura, ao passo que a economia política vê nas relações económicas o factor determinante primordial” (GROSFOGUEL, 2008, p. 125). Nesse sentido, é possível dizer que a crítica pós-colonial toma o sistema capitalista como cultura, porque a cultura capitalista faz com que uma determinada sociedade siga esse sistema e torne os princípios enraizados, com hábitos culturais capitalistas. Por isso, “os Estudos Pós-Coloniais [...] estão a necessitar de uma intervenção descolonial” (GROSFOGUEL, 2008, p.130). Mas não só por isso, pois há muitas outras questões postas, como destacam os pensadores da decolonialidade. Não contemplar a América Latina nessa relação colonizador/colonizado, quando se sabe que esse continente sofreu na carne anos e anos de colonização cruenta, que deixou feridas abertas ainda hoje, por exemplo, é uma delas.

Em momento algum há intenção de quem quer que seja de negar a importância dos estudos pós-coloniais, posto que é a partir deles que outros levantes intelectuais são trazidos à tona, como os estudos de subalternidade e os estudos latino-americanos ou decolonialidade. Os estudos subalternos surgem na Índia, cujas obras relevantes foram os livros de Gayatri Spivak *Pode o subalterno falar?* e *O local da cultura*, de Homi Bhabha, ambos imigrantes indianos se fazendo ouvir em universidades europeias e americanas. Os estudos subalternos se propõem revisar a historiografia da colonização inglesa e a independência das colônias do mesmo, ou seja, fazem uma análise histórica subalternos como sujeitos históricos. Os estudos pós-coloniais, sem dúvida, foram um marco em universidades do centro, uma tomada de voz da periferia. Nomes como o do palestino Edward Said me fizeram ver que a



¹⁹ Concordo com Grosfoguel (2008, p. 125) no que se refere ao termo capitalismo “Chamar “capitalista” ao actual sistema-mundo é, no mínimo, equívoco. Tendo em conta o eurocêntrico “senso comum” hegemónico, a partir do momento em que usamos a palavra “capitalismo” as pessoas pensam de imediato que estamos a falar de “economia”. No entanto, o “capitalismo” é apenas uma das múltiplas e enredadas constelações da matriz de poder colonial do “sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno europeu”. É importante, mas não a única. Dado o seu enredamento com outras relações de poder, destruir os aspectos capitalistas do sistema-mundo não seria suficiente para destruir o actual sistema-mundo. Para o transformar seria essencial destruir um todo histórico-estrutural heterogéneo a que se chama a “matriz de poder colonial” do “sistema-mundo””.

ideia de oriente, por exemplo, foi uma invenção do ocidente. Sua obra clássica – *Orientalismo* – é considerada a obra fundadora dos estudos pós-coloniais. Foi traduzida para mais de trinta línguas, e fez com que a voz do intelectual palestino fosse ouvida em muitos e diferentes lugares. Nessa obra fundadora, por exemplo, Said argumenta que o ocidente produziu uma narrativa deturpada acerca do oriente, produziu um “outro” diferente da cultura hegemônica, um “outro” bárbaro e selvagem, ou seja, uma visão que atendia aos interesses coloniais, sem dúvida. O sociólogo jamaicano, Stuart Hall, também foi um nome importante nos estudos pós-coloniais e se firmou como referência nos estudos de identidade, questão cara aos estudos pós-coloniais. Mas faltava quem fizesse ecoar a voz da América Latina, pois como bem argumenta o filósofo argentino, Enrique Dussel, o projeto de modernidade encobriu e apagou a América Latina e os estudos pós-coloniais, e, embora discutissem as relações entre colonizador e colonizado, não conseguiram fazer ouvir a voz latino-americana. É nesse cenário que surge a decolonialidade.

Com a origem do coletivo Modernidade\Colonialidade, pelos idos dos anos 1990, a América Latina tenta rever as páginas de suas narrativas que foram apagadas desde 1492. A colonialidade, sem dúvida, é o lado mais sombrio e obscuro da Modernidade. Segundo o peruano Aníbal Quijano, um dos mais influentes nomes do coletivo Modernidade/Colonialidade, a colonialidade é

[...] uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial / étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder, y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia cotidiana y a escala social. (QUIJANO, 2014, p. 285).



O padrão de poder tende a evidenciar algumas formas de existência e saber, além de invisibilizar outras, de acordo com as dimensões Norte-Sul global e com a relação colonizador/colonizado. É por meio deste padrão que surgem as formas de legitimação e cientificidade dos modos de ser e saber. Um aspecto marcante do coletivo²⁰ é a maneira como a colonialidade é vista: “a colonialidade é constitutiva da modernidade e não derivada” (MIGNOLO, 2005, p. 75). Isso se deve ao fato de ele afirmar que não há

²⁰ A partir deste momento, quando eu me referir ao coletivo Modernidade/Colonialidade, usarei apenas a expressão “coletivo”.

modernidade sem colonialidade, uma vez que considera a colonialidade como a pauta oculta e obscura da modernidade (MIGNOLO, 2017). Os estudos decoloniais, que evidenciam o loci enunciativo *na* e *da* América Latina, surgem como movimento intelectual para a libertação e/ou emancipação dos sujeitos e epistemologias da margem. Nesse sentido, o pensamento decolonial tem a potencialidade de revisar as bases epistemológicas existentes em virtude da colonialidade.

Tal pensamento nos possibilita pensar fora das raízes epistemológicas fincadas e que operam significativamente no modo de ver e viver no mundo. Essas bases epistemológicas estão legitimadas, mas junto a elas também está legitimada uma única verdade, uma crença, uma concepção de humano. A presença da igreja foi marcante, e tornou o discurso legitimador por meio da catequese cristã, ação crucial para a conquista de terras e preservação da hierarquia.

Desse modo, a verdade soa como algo que tende a ser totalitário, exatamente para sujeitos que foram convencidos a não pensar que possa existir outras epistemologias fora desta operante, pois quando falamos dessas bases epistemológicas, devemos sim questionar se elas pensam na humanidade e em outras formas de humanidade. Nesse aspecto, entendo que essa acepção está relacionada ao colonialismo. Por mais que para alguns possa parecer algo óbvio, penso ser importante ressaltar que colonialismo e colonialidade, apesar de estarem relacionados, são movimentos distintos. Assim, nunca é demais esclarecer que:



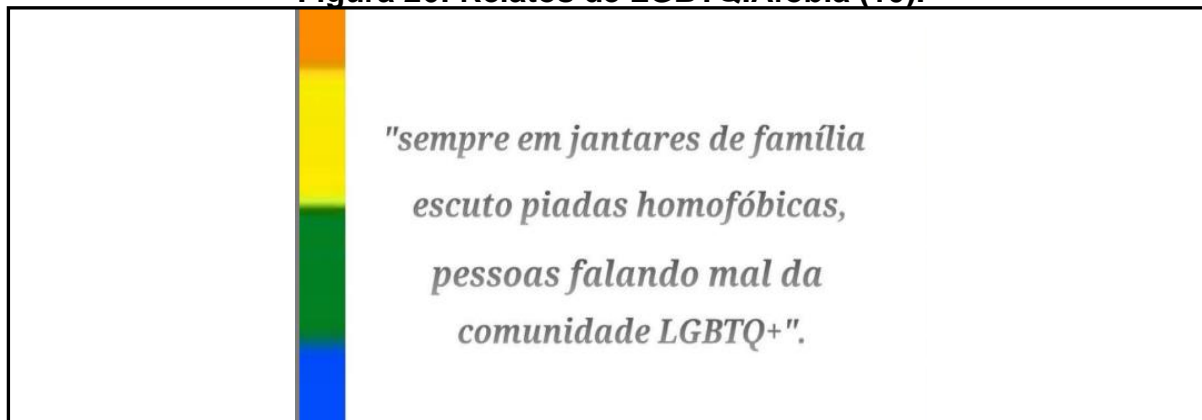
Dizer colonialidade não é o mesmo que dizer colonialismo. Não se trata de uma forma decorrente nem antecedente da modernidade. Colonialidade e modernidade constituem duas faces de uma mesma moeda. Da mesma maneira que a revolução industrial europeia foi possível graças às formas coercivas de trabalho na periferia, as novas identidades, direitos, leis e instituições da modernidade, de que são exemplo os Estados-nação, a cidadania e a democracia, formaram-se durante um processo de interação colonial, e também de dominação/exploração, com povos não-ocidentais.(GROSGUÉL, 2008, p. 125).

E ainda, de acordo com Quijano

El colonialismo es, obviamente, más antiguo, en tanto que la colonialidad ha probado ser, en los últimos quinientos años, más profunda y duradera que el colonialismo. Pero sin duda fue engendrada dentro de éste y, más aún, sin él no habría podido ser impuesta en la intersubjetividad del mundo, de modo tan enraizado y prolongado. (QUIJANO, 2007, p.93 *apud* QUIJANO, 2014, p. 285).

Assim, o colonialismo é uma forma de sobrepor uma cultura (europeia) a outra (colônia). Como, por exemplo, percebe-se esse ocorrido na América Latina e em específico no Brasil durante o processo de colonização, no qual impuseram por meio da religião, da linguagem e pelo modo de ser (não somente por este). Introduziram o cristianismo sobre as concepções de crença, e por meio desta, modificaram a linguagem e o modo de ser e viver dos indígenas. Nesse caso, o colonialismo veio como estratégia ideológica para dominar o território a ser colonizado. Dessa forma, poderíamos nos perguntar: qual o objetivo dos colonizadores? O objetivo estava pautado em enriquecimento econômico, em que consistia explorar os recursos naturais. Essa prática ocorreu fortemente pelo capitalismo comercial. A título de exemplificação, é como se a sociedade europeia se caracterizasse desenvolvida, habitasse um local “superior”, isolado das sociedades “primitivas”, mas para manter a existência dessa sociedade “superior” é necessário criar colônias “encapsuladas” para “coletar” recursos, como se fossem fazenda da nobreza.

Figura 26: Relatos de LGBTQIAfobia (10).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 28 jan 2020. Instagram: lgbtdadepressao, Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B74hhbTgJKK/>. Acesso em: 28 de jan 2020.

O colonialismo se dá com a chegada de um povo [colonizador/dominador] com uma identidade pertencente a ele no território de um outro povo [colonizado/dominado] com uma identidade diferente da dele. A partir de então, por meios políticos, militares, entre outros, forçam a sobreposição identitária sobre os povos pertencentes ao território de chegada, a fim de explorar os recursos e as riquezas desse novo lugar. Para isso, estabelece uma relação hierárquica e dicotômica



entre colonizador e colonizado. Lembremos que esse fato ocorreu na América Latina em 1492 com o encobrimento da Abya Yala pela implantação do projeto colonial. Na verdade, colonialismo rima com imposição, dominação, expropriação, sangue, morte real e simbólica.

Importante ressaltar que é possível diferenciar dois formatos de colonização: exploração e povoamento. O primeiro retira os recursos naturais e as produções decorrente deles e conseqüentemente comercializadas pelos colonizadores. Já o segundo, consiste em povoar, ou seja, destaca-se o interesse em desenvolver a região colonizada, ampliar seu território civilizatório. Todos os países que compõem a América Latina foram explorados de forma vergonhosa pelos colonizadores europeus. O colonialismo, sem dúvida, age como uma máquina de destruição, a qual arranca tudo que encontra pela frente, com um só fim: poder sobre o outro. Mas talvez, a criação e a dominação mais perversa do colonialismo seja a colonialidade, pois ela assume muitas faces e disfarces. Maldonado - Torres observa que o colonialismo



denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta idéia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

O colonialismo ultrapassa a barreira da imposição econômica, política ou administrativa, pois apesar da independência das colônias e, por conseguinte, a libertação do colonialismo, no cerne de tudo impera a colonialidade; ela está mais do que nunca viva, isto é, os efeitos perversos do colonialismo. Nesse âmbito, a partir do processo de colonização-colonialismo a Europa (ao lado dos Estados Unidos, não nos esqueçamos disso) tem sido considerada centro mundial do capitalismo, pois é deste centro que surge o padrão de poder, que cria o “outro” e dita como o restante do mundo deve ser e agir.

Mignolo (2017) observa que antes da chegada dos europeus às colônias, havia vida inteligente, organizada econômica e politicamente, quer na África, na Ásia e na América Latina. “Por último, os incas em Tawantinsuyu e os astecas em Anahuac eram duas civilizações sofisticadas até a época da chegada dos espanhóis” (MIGNOLO, 2017, p. 3). O coletivo afirma que a Modernidade foi um projeto colonial porque ela se deu a partir do que se considerava civilizatório até então, ou seja, a Europa; daí, ser impossível pensar na Modernidade sem ligá-la a um projeto de colonialidade fortemente arraigado nos discursos das grandes narrativas. Questionar esse projeto de Modernidade/Colonialidade tem sido uma das principais bandeiras dos pensadores e pensadoras da decolonialidade.

[...] muitas organizações transnacionais não oficiais (em vez de não governamentais) se manifestando não apenas “contra” o capitalismo e a globalização, e questionando a modernidade, mas também abrindo horizontes globais, embora não capitalistas, e se desvinculando da ideia de que há uma modernidade única e primária cercada por outras periféricas ou alternativas. (MIGNOLO, 2017, p.3).

A globalização surge como movimento emancipatório que se utiliza da Modernidade/Colonialidade, como instrumento de dominação das culturas, das religiões, da economia que é o modo como foi introduzido o padrão colonial de poder. Tal matriz colonial de poder é instituído por quatro domínios ou níveis inter-relacionados. Imagine um ponto (controle), deste ponto surgem quatro linhas: controle da autoridade, controle da economia, controle do gênero e da sexualidade, controle do conhecimento e da subjetividade. Essas linhas que ditam o padrão colonial de poder, mas não operam em movimentos lineares e independentes ou separados, são rizomáticas, com curvas e embaraços ideologicamente elaborados.

O que sustenta as quatro “cabeças”, ou âmbitos inter-relacionados de administração e controle (a ordem mundial), são as duas “pernas”, ou seja, o fundamento racial e patriarcal do conhecimento (a enunciação na qual a ordem mundial é legitimada). (MIGNOLO, 2017. p.5).

A colonialidade é entendida como modelo ou projeto da modernidade regido com um padrão ou matriz colonial de poder

que como efeito naturaliza a hierarquização e produz a subalternidade, a qual, apesar do fim do colonialismo, se estende para além dele. Segundo Quijano (1992), ela é o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez que o colonialismo como uma ordem política explícita foi destruída. Nesse sentido, o surgimento dessa matriz colonial surge no processo de conquista, de colonização com o propósito de sanar os problemas de diferentes níveis e organizar o controle político e econômico da Europa. Como bem nos assegura Mignolo (2014), a matriz colonial é aquela que regula, desde então, modos de vida europeus, sociedade e economia europeias em relação com a sua expansão crescente na parte não-europeia do mundo. Desse modo, vemos que ela estabelece relações de poder de forma natural, e essa naturalização é a porta que possibilita a reprodução de relações e hierarquias impostas, como territoriais, de raça, gênero, cultura, classe e epistêmica.

Para tanto, no projeto europeu/ocidental a modernidade é intrínseca à colonialidade, como tenho repetido reiteradas vezes:

A modernidade produz feridas coloniais e patriarcais (normas e hierarquias que regulam o gênero e a sexualidade) e racistas (normas e hierarquias que regulam a etnicidade), promove o entretenimento banal e anestesia o pensamento. (MIGNOLO, 2014, s/n).

Mignolo (2008) não define a modernidade como processo histórico e sim como uma narrativa de um período histórico. Além disso, a modernidade é vista sob um olhar de caráter heroico e triunfante por quem estava auxiliando na construção e emancipação da mesma, mas na verdade, a história que estava se construindo era a do capitalismo imperial e junto a ela a modernidade/colonialidade.

nos sentimos desprezados, menores e sem valor diante do mundo europeizado e estadunidense. É a impiedosa colonialidade do poder.

Quijano (2000, 2001, 2007) nos brinda con su concepto de colonialidad del poder, que expresa la estructura global de poder creada por el colonizador para controlar la subjetividad de los pueblos colonizados. La invasión del imaginario del Otro y su occidentalización se dio a través de un discurso — moderno/colonial— que idealmente destruye el imaginario del Otro, mientras reafirma el propio. (SILVA, 2013, p.481).

A colonialidade do saber não fica atrás da colonialidade do poder em termos de perversidade. Aliás, a meu ver, uma complementa a outra, pois a colonialidade do saber trata do conhecimento e bem sabemos como as relações de poder se colocam em disputa o tempo todo quando se trata de conhecimento. A colonialidade do saber consiste em crer que há uma perspectiva única do conhecimento, no caso, a eurocêntrica e estadunidense. E digo mais, o conhecimento legitimado pelas universidades, o conhecimento academicista. O que se produz fora desses eixos é considerado como menor, como não conhecimento. Um claro exemplo de colonialidade do saber.

A colonialidade do saber está atrelada à geopolítica do conhecimento que diz respeito à negação e à invalidação dos conhecimentos não-europeus. É importante destacar que esse viés da colonialidade legitima uma razão que produz um conhecimento pautado como hegemônico/eurocêntrico/masculino e universal. Convém observar que a colonialidade “se mantém viva em manuais de aprendizagem” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131) e com isso a colonialidade do saber pode estar operante no livro didático e em práticas pedagógicas ao reproduzir e valorizar as estruturas de poder fundadas por relações de opressão como o patriarcado e a heteronormatividade, que valorizam conhecimentos produzidos pelos homens brancos heterossexuais e como resultado desqualificam conhecimentos dos desenvolvidos por LGBTQIA+, mulheres, negrxs e indígenas. De forma geral, a colonialidade do saber por meio da apropriação e ocultação da cultura e conhecimentos atrelados a ela desvanece os saberes tecnológicos e filosóficos do não-europeu.

É importante considerar que grupos inferiorizados, como exemplo, negrxs e indígenas, não raro têm sido considerados como problemas e não como sujeitos que

enfrentam problemas. Isso ocorre devido às estruturas do sistema relacionadas ao processo de raciocínio e produção de conhecimento que emprega uma avaliação que os tornam transparentes, sob a ótica das ciências humanas e sociais. Nessa lógica, todo conhecimento que emerge do homem europeu, cristão, heterossexual, burguês é legítimo, pois a sua condição de ser a torna válida, o que não se pode afirmar sobre o sujeito fora dessa linha caracterizante.

Nesse sentido, Mignolo (2008) vê a necessidade de promover desobediências epistêmicas, pois, para ele, essa é uma medida que possui potencialidade inicial do processo de decolonialidade do saber, pois deve propor o desprendimento da racionalidade moderna. Com isso, podemos inferir que a intenção é romper com a sustentação da superioridade epistêmica e a inferiorização de outras epistemologias e formas de produção

En América Latina, las relaciones, significados y prácticas que emanan del significado del concepto de colonialidad del saber son articulados en el “discurso del desarrollo” reproducido por sistemas de educación, comunicación e innovación eurocéntricos o centrados en el modelo norteamericano. (SILVA, 2013, p. 486).

A colonialidade do ser, como toda forma de colonialidade, se constrói no apagamento dos outros. Ela se revela perversa na medida em que faz com que x índix se acredite um selvagem, x negrx se acredite um incapacitado, enfim, faz com que aqueles que não compõem o eixo hegemônico, se sintam bárbaros, primitivos, seres humanos inferiorizados, bestializados.

La colonialidad del ser “ocurre cuando algunos seres se imponen sobre otros, ejerciendo así un control y persecución de diferentes subjetividades como una dimensión más de los patrones de racialización, colonialismo y dominación” (Walsh, 2007: 105). La colonialidad del ser naturaliza la esclavitud y la servidumbre, legitima el genocidio en nombre del progreso y banaliza la violencia, la desigualdad y la injusticia. La colonialidad del ser emerge de la colonialidad del poder manejada por el Estado moderno, y de la colonialidad del saber liderada por la ciencia moderna. El ser europeo emerge junto con la invención del Otro, que puede y debe ser conquistado, domesticado y explotado. (SILVA, 2013, p. 487).

Para Maldonado-Torres (2008, p. 94) “colonialidade do Ser sugere que o Ser, de certa maneira, contraria a nossa própria existência”, ou ainda:

Si la colonialidad del poder se refiere a la interrelación entre formas modernas de explotación y dominación, y la colonialidad del saber tiene que ver con el rol de la epistemología y las tareas generales de la producción del conocimiento en la reproducción de regímenes de pensamiento coloniales, la colonialidad de ser se refiere, entonces, a la experiencia vivida de la colonización y su impacto en el lenguaje. (MADONADO-TORRES, 2007, p. 129-130)..

Maladonado-Torres afirma que a colonialidade do ser pode melhor ser entendida a luz do ego do conquistador e do ceticismo misantrópico.

El escepticismo misantrópico define a sus objetos como entes sexuales racializados. Una vez los tales son vencidos en la guerra, se les ve como perpetuos sirvientes o esclavos, y sus cuerpos vienen a formar parte de una economía de abuso sexual, explotación y control. La ética del ego conquiro deja de ser sólo un código especial de comportamiento, que es legítimo en periodos de guerra, y se convierte en las Américas — y gradualmente en el mundo entero —, por virtud del escepticismo misantrópico, la idea de raza y la colonialidad del poder, en una conducta que refleja la forma como las cosas son (una lógica de la naturalización de diferencias jerarquizadas socialmente, que alcanzará su clímax en el uso de las ciencias naturales para validar el racismo en el siglo XIX). La concepción moderna del mundo está altamente relacionada con la idea del mundo bajo condiciones de conquista y guerra. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 139).

Diante disso, temos que a colonialidade não admite o colonizado como humano porque este nunca chegará à condição de europeu. Sob o enfoque da lógica, a partir do silogismo “penso, logo existo”, podemos destacar que a colonialidade não reconhece o sujeito subalternizado como ser que pensa, então, só é dada a existência àquele que faz jus à razão, ou seja, quem pensa é o europeu (colonizador).

E, por fim, não menos importante que as outras formas de colonialidade, nos deparamos com a colonialidade da natureza, que também apresenta sua faceta perversa e cruenta. Quem muito contribuiu com isso foi um dos grandes nomes da modernidade: Descartes. Para o filósofo, a natureza e os animais deveriam ser submissos ao homem. O filósofo nem cogitava a ideia de que homem, animal e natureza pudessem fazer parte de uma mesma rede. Assim separados, animal e natureza se tornam objetos.

La colonialidad de la naturaleza (Walsh, 2007, 2008; Escobar, 2011) se refiere a la separación entre hombre y naturaleza, tanto bajo la noción esencialista de la naturaleza como “salvaje”, por fuera del dominio humano, como bajo la división binaria cartesiana naturaleza/sociedad. Según Escobar (2011) la prevalencia de una percepción esencialista de la naturaleza la convierte en objeto de dominación y, por tanto, de control para

su explotación (Escobar, 2011). Para Walsh (2008), la separación cartesiana cultura/naturaleza descarta enteramente la relación milenaria entre los seres humanos y los no humanos, los mundos espirituales y ancestrales, negando incluso la premisa de que los humanos somos parte de la naturaleza, estableciendo el dominio sobre las racionalidades culturales e intentando eliminar y controlar los modos de vida, los sentidos, los significados y las comprensiones de la vida. Como resultado, la colonialidad de la naturaleza es la colonialidad de la vida, que descarta de la esfera de la existencia lo mágico-espiritual-social (Walsh, 2008). (SILVA, 2013, p.489).

A bem da verdade, essas quatro categorias de colonialidades que apresentamos se sustentam em uma só: a colonialidade do poder. A palavra de ordem é o poder sobre o outro. A colonialidade do poder usurpa e aniquila os modos de produção de conhecimento, os saberes, os símbolos, signos, significados, dita novas configurações. Nesse aspecto, ocorre a naturalização da episteme imposta pelo invasor europeu, a subalternização epistêmica do colonizado e a negação de processos históricos antes da colonização. Além disso, o outro (colonizado) passa a assumir a imagem/identidade de europeu, pois, em outras palavras:



[...] não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo. (QUIJANO, 2005, p. 126).

A colonialidade do poder opera sobre mulheres, indígenas, negrxs que são sujeitados a situações de opressão por meio do patriarcado, uma vez que são vistas e colocadas em condições subalternas em relação ao homem branco. Além disso, a colonialidade do poder está atrelada à classificação, à categorização e à hierarquização dos povos por meio da raça, nomeadas como inferiores ou superiores; exprime a relação de controle do trabalho, recursos e produtos dos povos subalternizados. Por meio da utilização do discurso ocidental, em um processo de 'lavagem cerebral', o colonizador invade identidade do colonizado e o torna um reprodutor desse discurso, tal como uma marionete.

Neste ponto, me atenho a dizer que “a colonialidade do poder ainda exerce seu domínio, na maior parte da América Latina, contra a democracia, a cidadania, a nação e o Estado-nação moderno” (QUIJANO, 2005, p.135), ou seja, “a

colonialidade do poder é o eixo que organizou e continua organizando a diferença colonial, a periferia como natureza” (MIGNOLO, 2005, p. 72).

Figura 28: Relatos de LGBTQIAfobia (11).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 14 out 2019. Instagram: lgbtdadepressao, Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3mjWHkHfZn/>. Acesso em: 12 de nov 2019.

Aos olhos dos diferentes tipos de colonialidade ainda somos primitivos e atrasados e, na melhor das hipóteses, exóticos. Esse apagamento da América Latina no projeto de Modernidade é uma ferida aberta e, talvez, um dos mais entusiastas para discutir essa questão seja Enrique Dussel, filósofo argentino, que vive na Cidade do México desde a década de 70, quando precisou deixar seu país de origem na condição de exilado. Atualmente é professor na Universidade Autônoma do México e um dos nomes mais importantes do coletivo para discutir a questão da modernidade tardia. Aliás, Dussel nem considera o termo modernidade; ele fala em transmodernidade.

Em seu livro 1492: *o encobrimento do outro. A origem do “mito da modernidade”* Dussel revisita a Modernidade criada pelos europeus e, com muita sensibilidade local consegue demonstrar grandes falácias da Modernidade e ainda ressalta que, na contramão da grande narrativa, a Modernidade está longe de ser o paraíso descrito nos livros de História utilizados nas escolas. Pelo contrário, trata-se de um período de imposição e domínio da cultura hegemônica em detrimento daquelas que não se encaixavam no padrão do que era considerado perfeito na visão dos colonizadores, ou seja, o mundo deles. Como brilhantemente argumenta Dussel, o lado obscuro da Modernidade, o lado que a grande narrativa e os livros de

história não dizem, está na escravidão dxs negrxs, nos massacres indígenas, nos estupros femininos, no apagamento das identidades ameríndias. Esse lado obscuro ninguém conta com orgulho, salienta Dussel. O colonizador, antes de qualquer coisa, é um ególatra e a ele só interessa propagar a ideia de progresso e desenvolvimento atrelados à Modernidade.

A Modernidade, para muitos, é um fenômeno só e exclusivamente europeu. [...] Nestas conferências, queremos provar que a Modernidade é realmente um fato europeu, mas em relação dialética com o não-europeu como um conteúdo último de tal fenômeno. [...] A Modernidade originou-se nas cidades europeias medievais, livres, centro de enorme criatividade. Mas “nasceu” quando a Europa pôde se confrontar com o seu “Outro” e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando pôde se definir como um “ego” descobridor, conquistador, colonizador da Alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer forma, esse Outro não foi “descoberto” como Outro, mas foi “en-coberto” como “si-mesmo”. (DUSSEL, 1993, p. 7-8).

Enrique Dussel propõe o termo transmodernidade para tentar, de alguma forma, cavar o espaço dos não-europeus no projeto de Modernidade, ou seja, uma superação da Modernidade tal como foi posta pela grande narrativa. E por que não pós-modernidade? Segundo Dussel (2016), a pós-modernidade é o momento final da modernidade euro-americana, ou seja, o centro da Modernidade.



Assim, o conceito estrito de “transmoderno” indica essa novidade radical que significa o surgimento – como se a partir do nada – da exterioridade, da alteridade, do sempre distinto, de culturas universais em desenvolvimento, que assumem os desafios da Modernidade e, até mesmo, da pós-modernidade euro-americana, mas que respondem a partir de outro lugar, *other location* (Dussel, 2002), do ponto de sua própria experiência cultural, diferente da euro-americana, portanto capaz de responder com soluções completamente impossíveis para a cultura moderna única. Uma futura cultura transmoderna, que assume os momentos positivos da Modernidade (mas avaliados com critérios diferentes a partir de outras culturas antigas), terá uma pluriversalidade rica e será fruto de um autêntico diálogo intercultural, que deverá ter claramente em conta as assimetrias existentes. Um mundo pós-colonial e periférico, como o da Índia, em completa assimetria em relação ao centro metropolitano da era colonial, sem deixar de ser um núcleo criativo de renovação de uma cultura milenar e decisivamente distinta de qualquer outra, capaz de propor respostas inovadoras e necessárias para os desafios angustiantes que o planeta nos lança no início do século XXI.

“Transmodernidade” indica todos os aspectos que se situam “além” (e também, cronologicamente, “anteriores”) das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna, e que atualmente estão em vigor nas grandes culturas universais não europeias e foram se movendo em direção a uma utopia pluriversal. O diálogo intercultural deve ser transversal, ou seja, deve partir de outro lugar, para além do mero diálogo entre eruditos do mundo acadêmico ou institucionalmente dominante. Deve haver um diálogo

multicultural que não pressupõe a ilusão de simetria inexistente entre as culturas. Aqui estão alguns aspectos críticos do diálogo intercultural em relação à transmodernidade. (DUSSEL, 2016, p. 63).

Aqueles que lutam contra a colonialidade, contra a episteme hegemônica europeia vêm reivindicar e evidenciar seu lócus enunciativo em todas as categorias de opressão, sejam políticas, ideológicas, epistêmicas, econômicas, culturais, educacionais e religiosas. Uma luta para a existência de um mundo plural, em dimensões diversas.

Xs pensadorxs da decolonialidade tentam criar terminologias que possam dar conta do projeto outro de Modernidade, do projeto de transmodernidade e de decolonialidade e o termo diferença colonial, proposto por Walter Mignolo, se insere nesse rol de vocábulos inclusivos e decoloniais. “A diferença colonial cria as condições para situações dialógicas nas quais uma enunciação fraturada é mobilizada pela perspectiva subalterna como reposta ao discurso e perspectivas hegemônicas” (MIGNOLO, 2000, p. 44).

Figura 29: Manchete – Mulher trans.



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 25 out 2019. Instagram: lgbtdadepressao Disponível em: https://www.instagram.com/p/B4C2_uwn4BL/. Acesso em: 12 de nov 2019.

A diferença colonial se constitui como manifestação de resistência à dominação colonial, em que se utiliza da lógica europeia para criar diálogos com culturas dominantes, a fim de restituir conhecimentos de povos subalternizados. Para isso, busca fraturar a estrutura lógica de dominação colonial e, se obtém êxito,

ganha espaço para valorizar e legitimar seus conhecimentos, ou seja, histórias locais, projetos globais.

A transcendência da diferença colonial só pode ser feita a partir de uma perspectiva de subalternidade, de descolonização e, portanto, a partir de um novo terreno epistemológico onde o pensamento de fronteira é exercido. (MIGNOLO, 2000, p. 45).

Para Lugones (2014, p. 947), “o diálogo não só é possível na diferença colonial, mas necessário para aqueles/as resistindo a desumanização em localidades diferentes e entremescladas”. Cabe lembrar que o pensamento fronteiriço decorre do contexto da diferença colonial.

el pensamiento fronterizo es algo más que una enunciación híbrida. Es una enunciación fracturada en situaciones dialógicas que se entrelazan mutuamente con una cosmología territorial y hegemónica (ideología, perspectiva). (MIGNOLO, 2003, p. 9).

Dessa maneira, o pensamento fronteiriço assume um lócus enunciativo, a partir de uma epistemologia subalterna em uma fratura do sistema capitalista colonial. Nesse espaço, se permitem outras formas de produzir conhecimento e pensar, bem como articular conhecimentos de loci subalternos com os loci hegemônicos.

Mignolo vê o pensamento fronteiriço como uma alternativa de decolonialidade do saber, que tenta romper a ideia de universalização do conhecimento, pois este potencializa discussões na margem, uma vez que habita entre centro/periferia, moderno/colonial. Com isso, o pensamento fronteiriço provoca fissuras nas hierarquias intelectuais, econômicas, políticas e territoriais. Como bem ressalta Nolasco (2012, p.42), o pensamento fronteiriço “que estrutura a crítica bárbara e selvagem, situar-se nas bordas e margens das histórias locais que sua perspectiva epistemológica tem de ser de natureza subalterna”, em que ele entende que habitar na borda é uma articulação de uma epistemologia fronteiriça.

Além disso, o pensamento fronteiriço não nega o pensamento europeu e sim ressignifica e evidencia seu lócus enunciativo e propõe soltar-se de amarras da dominação colonial e evidenciar a existência de outros modos de pensar, outras epistemes, outras culturas e outras lógicas, que problematizam e dialogam com o pensamento hegemônico europeu, de modo a possibilitar a inserção de outras

lógicas de pensamento. Pensar na fronteira é ser e existir na borda, pois ela separa e une modernidade e colonialidade.

Ao se tratar de estratégias decoloniais, é importante destacar que Catherine Walsh implementa o termo interculturalidade para criar outros espaços de organização social, mas para isso é preciso criar um outro espaço imaginário social em que se permita habitar outros modos de viver e de outros saberes. Diante disso, compreendemos ser importante ressaltar que existem dois vieses de interculturalidade: a funcional e a crítica (WALSH, 2013). A interculturalidade funcional integra a diferença constitutiva dos povos subalternizados e silenciados, mas as estruturas opressoras de poder permanecem estáveis. Nessa concepção vemos que não há o interesse em provocar fissuras no padrão imposto, ou seja, apenas se pretende suavizar os conflitos sociais. Para Walsh a interculturalidade funcional

tiene por objetivo disminuir las áreas de tensión y conflicto entre los diversos grupos y movimientos sociales que focalizan cuestiones socio-identitarias, sin afectar la estructura y las relaciones de poder vigentes. (WALSH, 2013, p. 152).

A interculturalidade funcional, dentro de uma lógica neoliberal, é tida como discurso oficial do Estado. Em contrapartida, a interculturalidade crítica rompe com estruturas sociais de poder que oprimem povos, culturas, saberes e epistemologias outras, pois, assim como afirma o renomado mestre Paulo Freire (1987, p. 68) “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”. É uma proposta para toda a sociedade, pois, ela propõe questionar as estruturas hierárquicas sustentadas pela colonialidade.



Se trata de cuestionar las diferencias y desigualdades construidas a lo largo de la historia entre diferentes grupos socioculturales, étnico- raciales, de género, orientación sexual, entre otros. Se parte de la afirmación de que la interculturalidad apunta para la construcción de sociedades que asuman las diferencias como constitutivas de la democracia y sean capaces de construir relaciones nuevas, verdaderamente igualitarias entre los diferentes grupos socioculturales, lo que supone empoderar aquellos que fueron históricamente considerados inferiores. (WALSH, 2013, p. 152).

De acordo com Catherine Walsh, a interculturalidade crítica é uma proposta ética e política que se orienta pela construção de sociedades democráticas, em que se pretende articular igualdade e reconhecimento das

diferenças culturais com o propósito de romper a hegemonia monocultural, ao contrário da interculturalidade funcional que objetiva incluir comunidades quilombolas e indígenas no modelo de sociedade homogeneizante.

Mignolo diz que a interculturalidade deve ser entendida no contexto do pensamento e projetos decoloniais.

A inter-cultura, na verdade, significa inter-epistemologia, um diálogo intenso que é o diálogo do futuro entre cosmologia não ocidental (aymara, afros, árabe-islâmicos, hindí, bambara, etc.) e ocidental (grego, latim, espanhol, alemão, inglês e português). (MIGNOLO, 2008, p. 316).

Ainda de acordo com o pesquisador argentino, esses novos saberes só são possíveis de serem quando se pratica a desobediência epistêmica.

o pensamento e a ação descoloniais focam na enunciação, se engajando na desobediência epistêmica e se desvinculando da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais – uma visão da vida e da sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais. (MIGNOLO, 2017, p. 6).

A desobediência epistêmica é uma opção descolonial e, de acordo com Mignolo (2008, p. 14), ela não é uma política de identidade e sim de identidade em política, pois, a primeira reforça o pensamento colonial e suas relações dicotômicas e a segunda é uma opção descolonial, que tem a potencialidade de criar teorias políticas fora das bases categóricas. Com isso podemos entender que a desobediência epistêmica se opõe ao pensamento hegemônico para romper com as concepções legitimadas pelos dominantes.

O pensamento fronteiriço, a interculturalidade e a desobediência epistêmica são opções descoloniais, pois, “a opção descolonial demanda ser epistemicamente desobediente” (MIGNOLO, 2008, p. 323). A opção descolonial e o pensamento descolonial são o fazer descolonial. É, como argumenta o professor Nolasco (2012), uma opção de vida.

Para visualizarmos a colonialidade e nos despir do pensamento hegemônico europeu é necessário “aprender a desaprender, a fim de voltar a aprender” (MIGNOLO, 2008, p. 323). Diante disso, podemos dizer que a decolonialidade objetiva tirar a capa de ovelha do monstro, para visualizarmos a colonialidade e que,

a partir de práticas sociais, políticas e epistêmicas os sujeitos subalternizados possam lutar contra ela. Segundo Grosfoguel (2008, p. 130-131),

Há que desenvolver uma nova linguagem descolonial para representar os complexos processos do sistema-mundo colonial/moderno, sem estarmos dependentes da velha linguagem liberal destas três áreas. Por exemplo, o facto de os teóricos do sistema-mundo caracterizarem o sistema-mundo moderno como uma economia-mundo leva muitas pessoas a pensar erroneamente que a análise do sistema-mundo consiste em analisar a chamada “lógica económica” do sistema.

Para superar a colonialidade é necessária uma intervenção política e pedagógica. Por isso, acredito que pedagogia descolonial pode ser chave para essa intervenção, pois, é entendida como a necessidade de ler o mundo para intervir na reconfiguração da sociedade. Ler um mundo outro e de uma forma outra. Ela atribui e faz necessária a politização da ação pedagógica. Nesse sentido, parte da ideia de uma práxis política, que tem como princípio fundamental, contrapor a geopolítica hegemônica monocultural, em detrimento de uma forma outra de pensar e trabalhar a educação, uma forma outra que dê visibilidade aos “corpos matáveis”²¹; que enfrente e transforme estruturas e instituições que regem suas práticas educativas e relações sociais em função da lógica epistêmica ocidental, da gendração²² dos corpos, controle do sexo, da sexualidade e seus recursos, a racialização do mundo, a manutenção e avivamento da colonialidade, enfim, uma forma outra que recupere o sentido de escola como um lugar onde se vai para aprender como libertar o pensamento, e não o seu contrário.



²¹ Aqui dialogo com o conceito de “necrobiopoder”, cunhado pela professora da UNB, Berenice Bento. Tive acesso a ele a partir de uma palestra que a referida professora ministrou no evento SIGESEX/2019, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em maio de 2019. Os corpos matáveis são aqueles que o Estado despreza, como negros, mulheres, gays, trans, lésbicas etc. A professora cunhou este termo-conceito a partir do diálogo com o “necropoder”, do filósofo africano Achille Mbembe e com o conceito de Biopoder, do filósofo Michel Foucault. Pode ser consultado o conceito de necrobiopoder no artigo de Berenice Bento, Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. BENTO, B. Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

²² O sentido aqui entendido é o da atribuição de gênero [ou características de] a algo/alguém.

Figura 28: Relatos de LGBTQIAfobia (12).

O meu melhor amigo estava em um carro da @██████████_██████████ com a mãe, o namorado e o afilhado e foi fisicamente agredido pelo motorista armado enquanto era chamado de “viadinho”. Ele levou uma coronhada na cabeça, o namorado dele levou um soco e uma rasteira.

Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 25 jul 2019. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0V0Mo6gpc/>. Acesso em: 27 de jul 2019.

O subtítulo que abre esta sessão questiona o que a Educação Matemática tem a ver com colonialidade e decolonialidade. Gostaria que todxs compreendessem que não se trata apenas de uma pergunta retórica, pois faz todo sentido. Lamentavelmente, porém, esse ‘fazer todo sentido’ às vezes, não é tão evidente assim e precisamos sempre nos munir de explicações e justificativas. Esta pesquisa, sob tal viés teórico e temático se justifica, no que diz respeito a gênero e sexualidade, pois a escola não trata tais temas como problemas sérios, e essa indiferença traz consequências nefastas, perversas e desastrosas. Na realidade, os profissionais da escola sabem da seriedade que é tratar de gênero e sexualidade em seu espaço, por isso, o silenciamento; pois antecipam que discutir gênero e sexualidade resultará em grande “problema”, pois as meninas e meninos exigirão os mesmos direitos, assim como também o farão os LGBTQIA+, dentre outros.

Portanto, creio que esta pesquisa, com este tema e este referencial teórico-metodológico possa colaborar com uma educação emancipadora, crítica e com um ensino de matemática (e de qualquer outra disciplina) anti-machista, anti-sexista, anti-misógino e anti-patriarcal. Não sou ingênuo a ponto de acreditar que a decolonialidade resolverá todos os problemas do mundo, mas, para o momento, vejo mais afinidades com os pensadores decoloniais para discutir meus questionamentos do que com qualquer outra base teórico-metodológica, daí o coletivo me ser tão caro. “La ‘decolonialidad’ es, por tanto, el



proceso de superación y transcendencia de la colonialidad del poder, del saber, del ser y de la naturaleza, imprescindible para construir otro mundo relevante” (SILVA, 2013, p. 476).

Tento articular minha investigação, prioritariamente, com estudos de María Lugones sobre a colonialidade do gênero. Na lógica colonial e moderna a pauta de gênero é estritamente biológica, binária e heterossexual. A pesquisadora critica essa interpretação e aprofunda seus estudos ao ligar gênero a raça, classe, entre outras categorias, por meio da concepção de interseccionalidade, conforme discutirei na quinta sessão.

QUINTA SESSÃO



5. Colonialidade do Gênero na escola: histórias de apagamentos

*O que eu sinto, meu Deus, é tão forte!
Até pode matar
O teu pai já me jurou de morte
por eu te desviar
Se os boatos criarem raízes
Ousarias me olhar, ousarias me ver
Dois meninos num vagão e o mistério do prazer
Perigoso é te amar, obscuro querer
Somos grandes para entender, mas pequenos para opinar
Se eles vão nos receber é mais fácil condenar
ou noivados pra fingir
Mesmo que chegue o momento que eu não esteja mais aqui
E meus ossos virem adubo
Você pode me encontrar no avesso de uma dor*

Jorge Vercillo

*Eu sei como pisar
No coração de uma mulher
Já fui mulher eu sei
Já fui mulher eu sei
Para pisar no coração de uma mulher
Basta calçar um coturno
Com os pés de anjo noturno
Para pisar no coração de uma mulher
Sapatilhas de arame
O balé belo infame
Para pisar no coração de uma mulher
Alpercatas de aço
O amoroso cangaço
Para pisar no coração de uma mulher
Pés descalços sem pele
Um passo que a revele*

Chico César

Nesta quinta sessão, dedico-me a pensar a colonialidade de gênero em suas faces e seus múltiplos disfarces, sobretudo, no contexto escolar. O contato com as produções da filósofa e feminista argentina María Lugones foi determinante para meu diálogo com a questão do gênero, porque além de Lugones integrar o grupo dos pensadores e pensadoras da decolonialidade, ela me apresentou uma face do gênero que até então não havia me dado conta: a de que gênero e raça estão imbricados. Lugones defende um feminismo descolonial e acredita que o gênero, como tantas outras categorias postas, nada mais é do que uma imposição colonial. A filósofa vai trabalhar com a ideia de interseccionalidade, como veremos mais adiante. Lugones cunhou a expressão “colonialidade do gênero”, para tentar pensar o enredo no qual o gênero foi posto.



Investigo la intersección de raza, clase, género y sexualidad para entender la preocupante indiferencia que los hombres muestran hacia las violencias que sistemáticamente se infringen sobre las mujeres de color: mujeres no blancas; mujeres víctimas de la colonialidad del poder e, inseparablemente, de la colonialidad del género; mujeres que han creado análisis críticos del feminismo hegemónico precisamente por el ignorar la interseccionalidad de raza/clase/sexualidad/género (LUGONES, 2008, p. 3)

Concordando com Lugones, falar de gênero de forma isolada, a meu ver, reduz a potencialidade de discussões que circundam a temática, uma vez, que gênero, sexualidade, homossexualidade, identidade de gênero, questões étnico-raciais, dentre outros operam de forma rizomática em um mesmo ambiente.

O mundo é organizado em categorias homogeneizantes. Nesse sentido, a crítica aqui proposta tende a afirmar a existência de intersecção entre gênero e raça e acrescento ainda que sexualidade e classe ultrapassam as barreiras categóricas da modernidade. Lugones (2008) destaca que Quijano, ao falar de colonialidade do poder, aceita as concepções hegemônicas de gênero, em que ele pressupõe uma compreensão patriarcal e heterossexual sobre o controle do sexo, seus recursos e produtos.

A análise de Quijano fornece-nos uma compreensão histórica da inseparabilidade da racialização e da exploração capitalista⁶ como constitutiva do sistema de poder capitalista que se ancorou na colonização das Américas. Ao pensar a colonialidade do gênero, eu complexifico a compreensão do autor sobre o sistema de poder capitalista global, mas também critico sua própria compreensão do gênero visto só em termos de acesso sexual às mulheres. Ao usar o termo *colonialidade*, minha intenção é nomear não somente uma classificação de povos em termos de

colonialidade de poder e de gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de sujeitificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos. Isso contrasta fortemente com o processo de conversão que constitui a missão de cristianização. (LUGONES, 2014, p. 939).

Além disso, Lugones (2007) aponta que ao Quijano falar de sexo, seus recursos e produtos pressupõe que o sexo seja apenas biológico²³, e com isso é fundada uma relação capitalista da diferença de gênero promovendo a invisibilidade do que Lugones denomina “Mulheres de cor”, uma vez, que raça e gênero se mantêm seccionadas.

In Quijano's model (pattern) gender seems to be contained within the organization of that “basic area of existence” that Quijano calls “sex, its resources, and products” (2000b, 378). That is, there is an account of gender within the framework that is not itself placed under scrutiny and that is too narrow and overly biologized as it presupposes sexual dimorphism, heterosexuality, patriarchal distribution of power, and so on. (LUGONES, 2007, p. 193).

Para iniciar o que chamo de teorização do gênero, proponho-me trazer algumas possíveis conceitualizações, embora reconheça não ser fácil essa tarefa, devido à sua pluralidade no tocante às concepções teóricas, políticas e metodológicas. Os sentidos e significados a serem atribuídos ao termo podem ser tanto diversificados quanto conflitantes.

De acordo com Louro (1997, p. 22-23), gênero é “constituente da identidade dos sujeitos”. Como falamos de um histórico processo de dominação e colonização, é evidente que a origem do termo gênero sofreu e sofre modificações ao longo do

²³ Quijano also assumes patriarchal and heterosexual understandings of the disputes over control of sex, its resources, and products. Quijano accepts the global, Eurocentered, capitalist understanding of what gender is about. These features of the framework serve to veil the ways in which nonwhite colonized women have been subjected and disempowered. The heterosexual and patriarchal character of the arrangements can themselves be appreciated as oppressive by unveiling the presuppositions of the framework. Gender does not need to organize social arrangements, including social sexual arrangements. But gender arrangements need not be either heterosexual or patriarchal. They need not be, that is, as a matter of history. Understanding these features of the organization of gender in the modern/colonial gender system—the biological dimorphism, the patriarchal and heterosexual organizations of relations—is crucial to an understanding of the differential gender arrangements along “racial” lines. Biological dimorphism, heterosexuality, and patriarchy are all characteristic of what I call the light side of the colonial/modern organization of gender. Hegemonically, these are written large over the meaning of gender. Quijano seems unaware of his accepting this hegemonic meaning of gender. In making these claims I aim to expand and complicate Quijano's approach, while preserving his understanding of the coloniality of power, which is at the center of what I am calling the modern/colonial gender system. (LUGONES, 2007, p. 189-190).

tempo e da história; surgiu na luta do feminismo, pois as discussões circundantes do tema são de caráter social, cultural e político pela busca de igualdades dos sexos.

A emergência do conceito de gênero nas discussões sociológicas está relacionada, tanto do ponto de vista linguístico quanto da perspectiva política, às lutas das mulheres pela afirmação de seus direitos e às lutas do movimento feminista contemporâneo. Embora os estudos sobre a história da constituição desse conceito possam apresentá-lo sob óticas diferentes, existe um relativo consenso das historiadoras feministas de que a trajetória dessa constituição acompanha a do movimento feminista [...] (SOUZA; FONSECA, 2010, p. 18). Para Donna Haraway gênero



[...] é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. Já que o conceito de gênero está tão intimamente ligado à distinção ocidental entre natureza e sociedade ou natureza e história, via a distinção entre sexo e gênero, a relação das teorias feministas de gênero com o marxismo está vinculada à sorte dos conceitos de natureza e trabalho no cânone marxista e na teoria ocidental de modo mais geral. (HARAWAY, 2004, p. 211-212).

Para entendermos melhor, anunciamos as “ondas do feminismo”. A primeira ocorreu no final do século XVIII e início do século XIX, com a Revolução Francesa (Feminismo Ilustrado, Socialista, Anarquista e Educacional). A segunda, advém da Revolução Industrial no século XIX, momento em que as mulheres são consideradas mão de obra barata; no entanto, o movimento tomou força com reivindicações de melhores condições de trabalho (Feminismo Sufragista, Socialista e Liberal). Nesta onda surge o termo gênero, em busca de compreender o papel da mulher na sociedade no século XX. A terceira onda do feminismo ocorreu por volta dos anos de 1970, marcada por discussões no que tange aos direitos das mulheres (Feminismo Radical e de Liberação das Mulheres). No século XXI, na quarta onda do feminismo, a militância das feministas diferencia dos anos 70 voltando-se para questões que envolviam a sexualidade e a saúde da mulher (Feminismo Institucional, Liberal, Socialista, da Igualdade, da Diferença, Indígena, Afrodescendente, Ecofeminismo, Islâmico e Latino-Americano). Além disso, na América Latina o feminismo toma endereçamentos a lutas no que tange a questões étnico-raciais, de sexualidade, de classe e de territorialidade (CAROSIO, 2009).

Carosio (2009) nos remete à ideia de que o colonialismo criou a imagem de zoológico da América Latina, uma vez que os países latino-americanos são vistos por outros continentes como lugares para o prazer, mulheres exportadas como migrantes sem documentos para os mercados de sexo (prostituição) ou de cuidado. Diante disso, somos vistos como exóticos, mulheres e homens do pecado, ter calor e sedução. Essa configuração de latinidade nos faz inferir que o termo ‘exótico’ remete ao fato de sermos meros objetos/abjetos sexuais, descartáveis. Ou ainda, o colonialismo criou padrões a serem seguidos, como diz a letra da música da cantora e compositora Doralyce:



Mode on high tech
Modelo ocidental
Magra, clara e alta
Miss beleza universal
É ditadura!
Quanta opressão
Não basta ser mulher
Tem que tá dentro do padrão
Miss beleza, miss beleza universal

Doralyce²⁴

Como afirma Haraway, gênero foi firmemente alocado a uma problemática individualista, dentro da ampla “incitação ao discurso”, à sexualidade característica da sociedade burguesa, dominada pelos homens, e racista. Nessa lógica, do que se acredita ser homem e o que é ser mulher foi construída uma visão monolítica, e pensando em América Latina e Brasil, territórios de terceiro mundo, os padrões estereotipados construídos promovem a segregação e a hierarquização.

Pertencente a um território considerado não desenvolvido, a mulher se isso a torna não desenvolvida, não civilizada em relação ao homem que habita o mesmo território e essa forma de pensar se intensifica quando vem de estadunidenses e

²⁴ Música composta e interpretada por Doralyce. DORALYCE OFICIAL. **Miss Beleza Universal** - Doralyce (Clipe Oficial). 2019, 1 vídeo (3:35 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRIgdab5OKQ>. Acesso em 20 jun 2019.

européus, ou seja, mulher latino-americana, indígena e negra se encontra em uma categoria de maior invisibilidade que a mulher europeia, estadunidense e branca, motivo pelo qual Lugones (2014) insiste em relacionar gênero raça, a classe e a território.

Em contraponto à imposição operante, Lugones (2008) realizou um estudo, no qual aponta que não havia imposição hierárquica antes da colonização e muito menos definições e nem relações de gênero binárias.



Como el capitalismo eurocentrado global se constituyó a través de la colonización, esto introdujo diferencias de género donde, anteriormente, no existía ninguna. Oyéronké Oyewùmi (1997) nos ha enseñado que el sistema opresivo de género que fue impuesto en la sociedad Yorubá llegó a transformar mucho más que la organización de la reproducción. Su argumento nos muestra que el alcance del sistema de género impuesto a través del colonialismo abarca la subordinación de las hembras en todos los aspectos de la vida. (LUGONES, 2008, p. 86).

A pensadora argumenta que a lógica categórica dicotômica e hierárquica é a chave para o pensamento capitalista e colonial/moderno sobre a intersecção anteriormente detalhada e está relacionada ao não moderno, entendido como não humano. Lugones (2014, p. 936) compreende “a hierarquia dicotômica ente o humano e o não-humano como a dicotomia central da modernidade colonial”. A partir disso, entendemos que o sistema colonial/moderno de gênero apenas considera gênero homem e mulher e com isso exclui a intersecção e todas outras categorias sexuais e de gênero existentes. A lógica colonial moderna é binária e por isso sectária e dicotômica.

Nessa lógica os não humanos eram (e me parece que ainda são) os povos indígenas da América, xs africanxs escravizadx (indivíduos de cor) e indivíduos que fugiam (e fogem) das configurações dicotômicas de gênero. Os “corpos matáveis” de hoje. Além disso, a lógica dicotômica operante de humano e não humano, pautada na imagem do homem europeu imposta sobre o sujeito colonizado, carregava consigo intrinsecamente uma relação hierárquica de poder, que por sua vez, expede outra categoria dicotômica entre homens e mulheres. Entendo essa categoria como apesar da relação hierárquica entre homem e mulher europeus, é estabelecida outra relação hierárquica entre homem e mulher europeus e homem e mulher não europeus. Ao se tratar analogamente o não humano a animais,

selvagem e sem o controle sobre a sexualidade, o colonizador assume um importante papel na construção dessa estereotípiia.

O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se, um sujeito/agente apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. (LUGONES, 2014. p. 936).

Em contrapartida a mulher europeia não detinha a mesma estimativa que o homem europeu.

A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar o serviço do homem branco europeu burguês. (LUGONES, 2014, p. 936).

Neste excerto é possível perceber que o aspecto impeditivo de classificar a mulher europeia na mesma categoria dicotômica do colonizado e do escravizado era o fato de ser branca e cristã. Essas condições a elevavam a uma camada mais superficial de subalternização; contudo, esse suposto 'status' não era suficiente para colocá-la em situação de conforto na sociedade, posto que não tinha o direito de falar antes do esposo, não poderia expor sua imagem na janela da residência; enfim, sua função ficava restrita a reproduzir e ampliar a raça, a cuidar do lar e dos filhos. Mas nada se compara ao que sofriam (e porque não dizer sofrem) as "mulheres de cor". Seus corpos tinham donos, eram consideradas animais. Os europeus, segundo Lugones (2014) expressavam agressividade e depravação, usurparam sexualmente os corpos de nativxs importadxs para o trabalho escravo. Isso é violência sexual, que marca o corpo e a alma.

Lugones crê na existência de um sistema moderno/colonial eurocêntrico de gênero que ignora categorias diferentes do modelo hegemônico e leia-se aqui categorias indígenas e negras que não têm o direito de serem vistas como mulheres, mas sim como objetos bestializados. Para tanto, Lugones defende a importância de criar uma categoria não excludente de mulheres, com especificidades tangentes à raça e à classe, visto ser necessário construir um feminismo descolonial para transcender essa lógica de dominação.

A colonialidade é mesmo perversa, porque fomenta manobras de inferiorização e de controle sobre o colonizado, além de potencializar o surgimento

de categorias dicotômicas que corroboram a manutenção do sistema capitalista moderno, o qual dita e legitima concepções acerca de ser indivíduo humano, ser o sujeito perfeito. Nessa lógica colonial imperialista de “ser perfeito”, seres hermafroditas, sodomitas, virago (LUGONES, 2014), ou seja, sujeitos que realizam práticas sexuais fora da naturalidade cristã, de Deus, conhecidas como práticas da cidade de Sodoma, não eram considerados humanos. Na cidade de Sodoma havia relações sexuais e afetivas de homem com homem, mulher com mulher, sexo anal, sexo oral, entre outras modalidades, e por isso, na lógica colonial do Cristianismo, essa foi considerada a cidade do pecado.

Lugones (2014) acentua a dificuldade de identificação biológica do sexo, pois quando identificado um sujeito interssexuado, normalmente, era submetido a cirurgias para que se firmasse uma das categorias dicotômicas, o sexo masculino ou o feminino, uma vez que a existência de ambos em um mesmo corpo era entendida como anomalia, aberração. Cabe salientar que a classificação do gênero se antepõe ao corpo biológico.

Vejo que o poder do discurso colonial garantiu a hegemonia europeia, pois concepções ideológicas de raça e gênero e a forma de gerenciar uma sociedade marcada pelo patriarcado foi uma manobra crucial para a naturalização de relações hierárquicas marcadas por desigualdade e manifestações diversas de poder. A classificação de humano e civilizado evidencia o quanto presentes nesse processo ideias racistas, sexistas e pautadas, na maioria, por discursos legitimados como e que lamentavelmente encontram simpatizantes atualmente. Convém observar que o discurso religioso também marcou presença na missão civilizatória ou “doma dos selvagens”, que tinha como meta a conversão ao Cristianismo. Lugones acrescenta que



estavam
misóginas,
científicos

A “missão civilizatória” colonial era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual, controle da reprodução e terror sistemático (por exemplo, alimentando cachorros com pessoas vivas e fazendo algibeiras e chapéus das vaginas de mulheres indígenas brutalmente assassinadas). (LUGONES, 2014, p. 938).

Outro aspecto utilizado era a confissão cristã “o pecado e a divisão maniqueísta entre o bem e o mal serviam para marcar a sexualidade feminina como maligna, uma vez que as mulheres colonizadas eram figuradas em relação a Satanás” (LUGONES, 2014, p. 938), ou ainda, como possesas de demônios. Nesse sentido, os estereótipos ditam que o homem deve ser macho, chefe de família, se portar civilizadamente como homem. Há ainda quem acredita que um professor de matemática deva preencher esses requisitos. Produzem uma imagem de homem padrão, insensível, pois, “homem não chora”, deve ser heterossexual. Quando inúmeras vezes o discurso “e as namoradinhas” pressionam o sujeito? Tem que ter domínio sobre a mulher e os filhos, como demonstração da “força” de sua masculinidade.

A mulher recatada e do lar, servil ao marido é responsável por condimentar refeições do dia, pela limpeza da casa, das roupas lavadas e passadas, por cuidar da educação dos filhos; deve se portar civilizadamente como mulher, as vestimentas muitas vezes devem velar o corpo. O mais impressionante é que elas devem se manter sempre belas, com padrões de beleza estereotipados. Enfim, todos, de uma forma ou de outra agem como dispositivos de opressão daqueles seres que ficam à margem da lógica colonial moderna.

Para garantir a sobrevivência material, quando homens e mulheres não podem realizar o trabalho um do outro, e para satisfazer estruturas profundas de desejo no sistema de sexo/gênero no qual homens trocam mulheres, a heterossexualidade é obrigatória. A heterossexualidade obrigatória é, portanto, central na opressão das mulheres. (HARAWAY, 2004, p. 224).

Louro (1997, p. 20) pontua uma posição em que “estarão aqueles/as que justificam as desigualdades sociais entre homens e mulheres, remetendo-as, geralmente, às características biológicas”. Em consonância com Louro, concordo não serem as características sexuais os fatores determinantes de tamanha desigualdade, mas as concepções e a forma como essas características são representadas, valorizadas e significadas. De outra forma, que imagem foram construídas a partir delas?

Desse modo, deve-se observar a construção sócio histórica do indivíduo, ou seja, do gênero e não seus caracteres biológicos, uma vez que as relações sociais são responsáveis por essa construção. São padrões construídos que promovem

discriminações e preconceitos historicamente naturalizados, de tal modo que as formas de exclusão e inferiorização pela diferenciação passam despercebidas. Diante disso, a mulher é diminuída, pois está sempre sujeita a rótulos, códigos e proibições culturais e sociais relacionadas ao feminino e ao masculino, até porque, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (DE BEAUVAOIR, 196, p. 235), ou seja, “não há nada em sua explicação que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BUTLER, 2017, p.29).

É importante entender que na condição de resistência “a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos sociais do sistema de poder capitalista mundial” (LUGONES, 2014, p. 939). Nessa luta pela decolonialidade do gênero e pela reivindicação do lócus enunciativo, devemos estar lúcidos de que “legitimidade, autoridade, voz, sentido e visibilidade são negados à subjetividade opositora” (LUGONES, 2014, p. 939). Precisamos estar vigilantes e fazer uma opção de vida, porque não se descoloniza o gênero da noite para o dia, conforme observa Lugones. É, antes de tudo, uma prática que, a meu ver, necessita ser exercitada, sobretudo, nas escolas, onde as crianças têm oportunidade de absorver esses conceitos e ajudar a família a se relacionar de modo menos preconceituoso com as questões relacionadas a gênero e sexualidade e assim, quem dera, haverá menos indivíduos com necessidade e se esconderem para viverem com mais dignidade e exercerem sua cidadania.

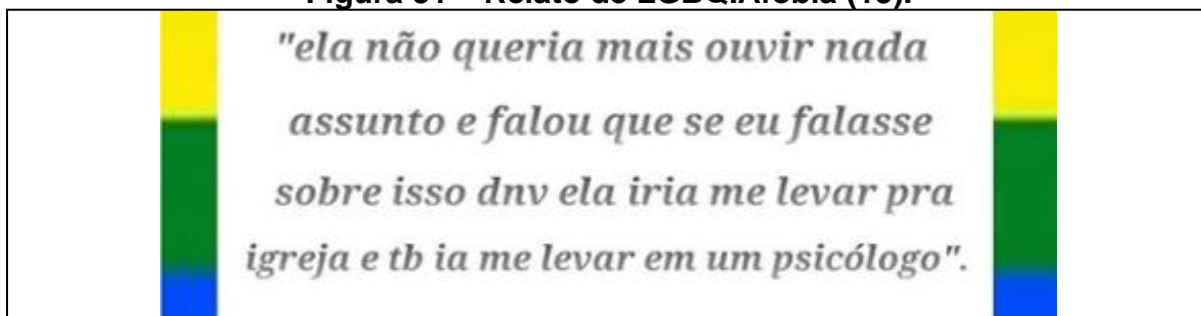
Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero, racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social. Como tal, a descolonização do gênero localiza quem teoriza em meio a pessoas, em uma compreensão histórica, subjetiva/intersubjetiva da relação oprimir ↔ resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão. (LUGONES, 2014, p.940).

Esse movimento se faz necessário devido aos reflexos da dominação e exploração colonial em que foi construída uma prerrogativa de inferioridade dos “não-humanos”, apoiada nos pilares da divisão e exploração sexual e racial do trabalho. Para isso, devemos buscar estratégias de e não hierarquizantes que possibilitem romper com as disparidades da colonialidade, pois, “gênero é uma



imposição colonial” (LUGONES, 2014, p. 942). Para além dessa questão, faz-se necessário suprimir a conceitualização de gênero como ficção para dilacerarmos as estruturas da colonialidade do poder, da dominação racial e de gênero.

Figura 31 – Relato de LGBQIAfobia (13).



Fonte: DA DEPRESSÃO, LGBT (lgbt da depressão). [Printscreen de Publicação]. Brasil, 13 fev 2020. Instagram: lgbtdadepressao. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B8h0vLbJ7_0/. Acesso em 16 de fev de 2020.

Esses rótulos são empregados na sociedade atual desde o momento de gestação da criança no útero, uma vez que o discurso sexista de que “menino veste azul e menina veste rosa”²⁵ propaga uma divisão sexual estereotipada e exclui a existência de outras formas sexuais²⁶ e de outros gêneros.

Butler em *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade* diz que “a marca do gênero parece ‘qualificar’ os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza quando a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida” (BUTLER, 2017, p. 193). Fica claro que o gênero não nasce com uma criança – ele é adquirido.

²⁵ Damares Alves, a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, afirma que é inaugurada agora uma "nova era" no país, em que "menino veste azul e menina veste rosa". Como se não bastasse ela também afirmou em discurso de posse da pasta que “menina será princesa e menino será príncipe”, dentre diversas outros discursos carregados de preconceitos, estereotipações, tabus, estigmas, etc.

²⁶ Para piorar as coisas, agora está em moda o tal do “chá da revelação”, em que famílias se preparam para receber as futuras crianças com decorações em rosa ou azul, de acordo com a revelação que será feita. A esse respeito, sugiro que se veja um quadro do programa “Porta dos fundos”, em que, a meu ver, possibilita uma interessante discussão acerca desses chás que já determinam quem você deve ser ao longo da vida. O pai, fica feliz quando na revelação se diz que ele será pai de um menino. Grita alegre dizendo que terá mais um vascaíno na família. Ao final do programa, aparece o filho com uma roupa do vascaíno da gama, mas ao modo delx. O referido programa pode ser visto no endereço: <https://m.youtube.com/watch?v=cZNX5je8Ppw>. Para piorar as coisas, agora está em moda o tal do “chá da revelação”, em que famílias se preparam para receber as futuras crianças com decorações em rosa ou azul, de acordo com a revelação que será feita. A esse respeito, sugiro que se veja um quadro do programa “Porta dos fundos”, em que, a meu ver, possibilita uma interessante discussão acerca desses chás que já determinam quem você deve ser ao longo da vida. O pai, fica feliz quando na revelação se diz que ele será pai de um menino. Grita alegre dizendo que terá mais um vascaíno na família. Ao final do programa, aparece o filho com uma roupa do vascaíno da gama, mas ao modo delx. PORTA DOS FUNDOS. **Chá de Revelação**. 2019, 1 vídeo (2:12 min). Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=cZNX5je8Ppw>. Acesso em: 20 jun 2019.

Judith Butler alega que “a linguagem é investida do poder de criar ‘o socialmente correto’ por meio de atos de locução dos sujeitos falantes” (BUTLER, 2017, p. 200) e, com isso os corpos são violentamente marcados porque são obrigados a corresponder à essas leis que contemplam a heterossexualidade. Além disso, esse discurso que envolve a cor de vestimentas carrega consigo uma lógica colonial de controle do sexo e da sexualidade. Além disso, esse discurso que envolve a cor de vestimentas carrega consigo uma lógica colonial de controle do sexo e da sexualidade.



Esses debates variaram desde as diferenças genéticas da capacidade matemática de meninos e meninas, a presença e o significado de diferenças sexuais na organização dos neurônios, a relevância da pesquisa com animais para o comportamento humano, as causas da dominação masculina na organização da pesquisa científica, as estruturas e os usos padronizados sexistas na linguagem, os debates da sociobiologia, as lutas a respeito do significado das anomalias dos cromossomos sexuais até as semelhanças entre racismo e sexismo. (HARAWAY, 2004, 222).

Ainda sobre esse tema, o material Caderno Escola Sem Homofobia é bem claro e possui a capacidade de propiciar momentos de reflexão para x educadorx matemáticx. Veja os excertos a seguir:

A fila da direita é das meninas e a da esquerda é dos meninos. Muita gente já passou por essa divisão na escola. A diferenciação por sexo começa desde cedo e contribui para uma divisão ou exclusão de grupos que pode durar a vida toda. As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes, de forma inconsciente, nos pequenos gestos e práticas do dia a dia. (O Estado do Paraná, 2001 apud BRASIL, 2011, p.19).

Desde o momento da concepção de uma criança, já somos tomados por uma forte indagação: qual será o sexo dela? Será menino ou menina? Essa pergunta não é casual, pois demonstra que, antes mesmo de nascerem, os seres humanos são rotulados, classificados e colocados em duas “caixinhas” separadas [...]. E isso, que poderia ser um mero detalhe de nossas vidas, acaba por se tornar um elemento fundamental, em torno do qual praticamente se traçará o destino de todo indivíduo. (BRASIL, 2011, p.19).

O feminismo²⁷ e o pensamento decolonial discutem a desconstrução da relação dicotômica de gênero e dos padrões postos, uma vez, que LUGONES

²⁷ Cabe ressaltar que não são todas as formas de feminismos que tentam quebrar essa lógica colonial moderna dicotômica. Há fortes críticas ao feminismo, sobretudo, da década de 70, que, de alguma maneira, fomentava essa dicotomia, ao colocar homens de um lado e mulheres de outro.

(2014) afirma ser a dicotomia de gênero uma imposição colonial. Com isso me proponho a refletir como a colonialidade opera em relação a gênero e como operamos diante de práticas de opressão, sobretudo no contexto escolar dxs professorxs de matemática, que é o lugar de onde falo. Essa discussão aparecerá com maior vigor na quarta sessão, que é onde trago as entrevistas realizadas com professorxs de matemática de escolas de Mato Grosso do Sul.

O que diferencia mulheres e homens está atrelado à anatomia e à fisiologia e todas as outras relações foram/são construídas pela sociedade. Para início macho, fêmea e gênero são caracteres feminino. Já a gênero o indivíduo se relaciona, ou seja, um indivíduo biologicamente macho (fêmea) pode se identificar com o gênero feminino ou masculino. Sobre identidade de gênero Donna Haraway destaca:



É significativo que a construção do que poderia ser uma mulher (ou um homem) tornou-se um problema para os funcionalistas burgueses e os existencialistas pré-feministas no mesmo período²⁸ histórico do pós-guerra no qual os fundamentos das vidas das mulheres num sistema dominado pelos homens, num mundo capitalista, estavam passando por reformulações básicas. (HARAWAY, 2004, p. 216).

Diante disso, devido a definições homogeneizantes de gênero, a identidade é vista como única, com o desprezo pelas múltiplas identidades. E essas identidades podem estar ligadas à raça e à classe, pois, estudiosas como Haraway, Lugones e Louro dizem fazer necessário que se contemple gênero, sexo, raça e classe porque esses aspectos têm, sobretudo, importância política.

É comum haver confusão no uso dos termos identidade de gênero e orientação sexual. Esta última se refere à escolha do indivíduo acerca de seus sentimentos e atração afetiva e sexual, segundo as quais ele pode ser caracterizado como heterossexual, homossexual, bissexual ou assexuado. Queremos destacar que a orientação sexual não necessita estar fixa em uma única categoria.

Uma estereotipada guerra dos sexos. Ódio aos homens, com certeza, isso não é fazer feminismo. O livro 99% discute sobre esse feminismo de escritório.

²⁸ 1940.

É importante fazer as considerações acima devido à presença incontestável dessas concepções aqui estudadas no ambiente escolar. Por isso, utilizo gênero em uma dimensão política como análise deste contexto em específico. O currículo, seja por meio de materiais didáticos ou práticas didáticas e ainda pelo currículo oculto podem sobrepor identidades.

O currículo é uma associação de conhecimento e cultura, o qual é parte integrante da escola que reproduz e o legitima para a formação integral do estudante. A herança colonial está também presente neste contexto e é o meio pelo qual enaltece conhecimentos hegemônicos. Por isso, devemos questionar se o currículo tem sido veículo para a naturalização de estereótipos hegemônicos de gênero como sendo universais. E pergunto: o currículo possui potencialidades para o rompimento de barreiras hierárquicas, a fim de uma formação crítica do sujeito capaz de dilacerar práticas de inferiorização e subjugação regidas pela colonialidade?

Esse questionamento tem extrema relevância diante do sistema moderno/colonial, uma vez que temos direito à liberdade, à diferença, à emancipação e ao reconhecimento de fundamentos epistêmicos próprios de sujeitos e povos inferiorizados, subalternizados e subjugados para o status de também protagonista. Para esses (nós) povos serem (sermos) protagonistas, seja no campo político, epistemológico, social, artístico ou educacional, são necessárias ações de ressignificação de discursos hegemônicos marcados pela colonialidade para que possam decolonizar o currículo e práticas pedagógicas inferiorizantes.

Nesse processo de escrita surgem mais perguntas que respostas e muitas frustrações, porém, considero fato imprescindível, pois, este texto me conduz a fazer outros questionamentos, produzir outros pensamentos e negar alguns, mas sobretudo refletir porque os nego. Nesse sentido, me são muito preciosas as palavras de Louro (2013, p. 43), de acordo com quem “nós, educadoras e educadores, geralmente nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com as ideias de provisoriamente, precariedade, incerteza”. Educadorxs dialogar sobre temáticas estereotipadas ou se tornaram “polêmicas”. Parecem se sentir constrangidxs, ou até comentam: “esse assunto é complexo, prefiro não comentar”. Muitas vezes



“nos percebemos vulneráveis, sem qualquer preparo para enfrentar os choques e desafios que aparecem de toda parte” (Louro, 2013, p.43).

Talvez a opção seja assumir os riscos, a precariedade e a incerteza, pois este mundo não é detentor de uma única verdade e sim de verdades plurais, mas sempre é possível questionar essas verdades “sem que isso signifique a paralisia do pensamento, mas, ao contrário constituía-se em fonte de energia intelectual e política” (Louro, 2013, p. 44). Assim como me propus questionar a centralidade do homem branco, heterossexual, ocidental, cristão e de classe média, de como o colonialismo é peça chave para a construção de um sujeito que “vem usufruindo ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável, a posição privilegiada em torno do qual tudo mais gravita” (Louro, 2013, p. 44), também surgem movimentos político-teóricos que estudam e investigam a noção de centralidade, margem e pensamento fronteiroço. A rede está ficando maior e conseqüentemente cada vez mais difícil calar a voz de todas as alteridades não hegemônicas.

É importante considerar que a escola como palco dos ensinoss curriculares é também reprodutora de culturas homogeneizantes e é meu e seu dever lutar para a conquista de uma pedagogia crítica e libertadora. A educação não atende a formação integral dx estudante, pois não trata de assuntos imprescindíveis, tais como os que envolvem saúde pública e direito, e assim forma um sujeito parcial, construído a partir de uma única verdade que ignora a existência de outras.

A escola, paradoxalmente, é vista como ambiente de exclusão. Sexismos ou homofobia são práticas constantes, mobilizadas por livros didáticos, por comportamentos de professorxs, gestorxs e outrxs estudantes que criam e/ou reproduzem representações hegemônicas, “Professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são objeto de representações” (LOURO, 1997, p.99) emitem significados hierarquizantes, por isso, o interesse pela crítica política da desigualdade de gênero, sexual, étnico-racial, de religião ou classe.

Essas representações não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que o “constituem”, que os “produzem”. [...] Nessa perspectiva, não cabe perguntar se uma representação “corresponde” ou não ao “real”, mas, ao invés disso, como as representações produzem sentidos, quais seus efeitos sobre os sujeitos, como elas constroem o “real”. (LOURO, 1997, p.99).

O papel do ensino de matemática não deveria, mas em diversos casos, lamentavelmente, tem sido o de reproduzir uma verdade única, que reflete concepções de gênero, sexualidade e raça impostas pela sociedade. Diante disso, vejo a necessidade de implementar ações que desestabilizem essa verdade única e rompam com o modelo hegemônico da colonialidade que dita uma sexualidade “normal”. A situação é tão preocupante que ainda há quem credite mais respeito a professores do sexo masculino em detrimento de professoras do sexo feminino. E como as escolas têm recebido xs professorxs *trans*, gays, lésbicas, entre outrxs?

De um modo talvez um tanto esquemático, se poderia dizer que a representação dominante do professor homem foi – e provavelmente ainda seja – mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vincula mais ao cuidado e ao apoio “maternal” à aprendizagem dos/das alunos/as. (LOURO, 1997, p. 107).

Muitas vezes o menino é considerado como mais inteligente em relação aos conteúdos de matemática do que as meninas. Em relação a essa questão os PCNs e o material de apoio pedagógico “*Escola Sem Homofobia*” têm o respaldo necessário para auxiliar a esclarecer possíveis dúvidas. A finalidade é tornar discussões de gênero, sexualidade e étnico-racial como algo comum, tranquilo, sem receio do corpo docente e do discente.

Importante ressaltar a necessária reflexão sobre essas questões tão recorrentes e questionar se elas encontram o devido e efetivo respaldo. Em caso afirmativo, resta perceber se ele vem por meio de práticas culturais ou por diferença biológica. Brito (1996) afirma que a concepção de que homens têm domínio sobre a Matemática é uma prática cultural. Além disso, a escola e a família reforçam a crença de que a Matemática é de domínio exclusivo dos homens, dos meninos, do masculino.



Culturalmente, são atribuídos “rótulos” e as afirmações que não são confirmadas através de pesquisas passam a ser consideradas como verdadeiras. Assim, cristalizou-se a idéia de que a habilidade verbal é uma característica feminina e a habilidade matemática é uma característica masculina. Dentro desta concepção, os homens deveriam apresentar alta habilidade matemática e baixa habilidade verbal, enquanto as mulheres apresentariam alta habilidade verbal e baixa habilidade matemática. (BRITO, 1996, p.75).

A escola tem se tornado espaço de produção e reprodução de diferenças, pois, está pautada em relações sexuais hegemônicas contraponto a algumas acepções de gênero e orientação sexual. Em outras palavras, nega a vivência de outros indivíduos que representam a sexualidade adversa à concepção normativa dela, tais como, xs homossexuais.

A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los a “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays, e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos. (LOURO, 1997, p .68).

Com atravessamentos que nos deixam os estudos decoloniais, infiro que a heterossexualidade é considerada uma estrutura que garante a formação de uma sociedade moral e economicamente controlada, em que qualquer manifestação não regida sobre essa centralidade é condenável. Portanto, “a luta principal é pela destruição do sistema social da heterossexualidade, porque “sexo” é a categoria política naturalizada que funda a sociedade como heterossexual (HARAWAY, 2004, p. 225).

É válido lembrar que a noção educativa passa das barreiras de processos familiares e escolares, nos quais incluo meios de comunicação, brinquedos, música, cinema, literatura, artes, linguagem, dentre outros. Nesses “espaços”, de forma refinada, são construídos os papéis do que é ser mulher e homem.–Mais uma vez, destacamos que numa visão política e/ou linguística e/ou semiótica de que a escola, o currículo, as normas regimentais, as avaliações criam e reproduzem desigualdades que podem incentivar o preconceito, a discriminação, o sexismo, a homofobia. Por isso, devemos nos questionar e observar que regras linguísticas sempre tratam de forma masculina, quando não muito, binária. É necessária também a presença de uma linguagem e linguística inclusivas. Em livros didáticos de matemática, por exemplo, as palavras não são neutras. Há o uso de um exclusivo vocabulário normativo masculino, bem como o reforço de uma estereotipia que liga o homem a trabalhos fora de casa e a mulher a trabalhos e cuidados domésticos. E a ideia de casal, claro, é a heteronormativa. Os livros ainda pensam no casal²⁹

homem e mulher. A arte, nesse sentido, conseguiu avançar muito mais que as outras ciências, como bem revela o texto literário de Valter Hugo Mãe – *O paraíso são os outros*.

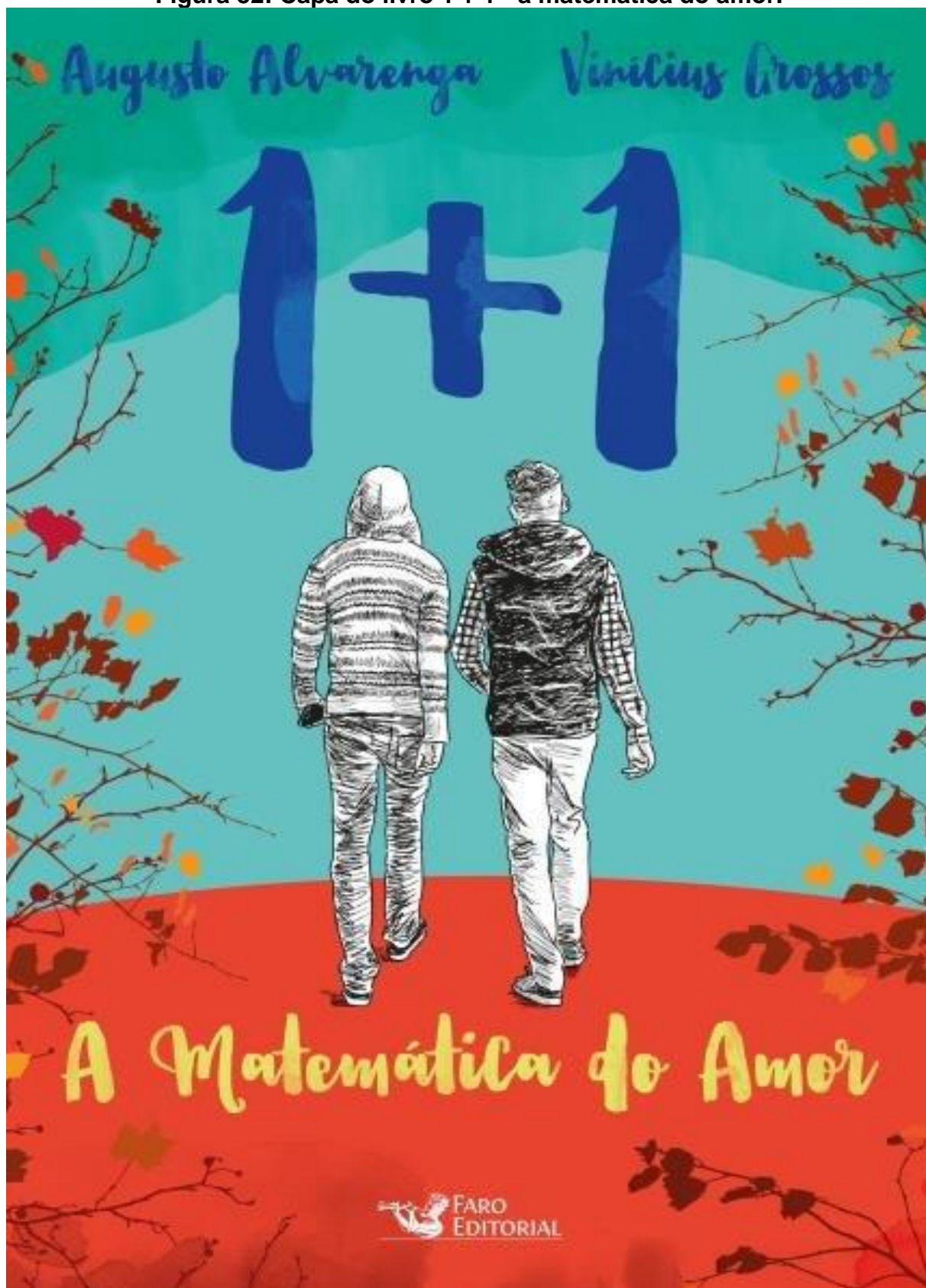
Reparo desde pequena que os adultos vivem muito em casais. Mesmo que não sejam óbvios, porque algumas pessoas têm par, mas andam avulsas como as solteiras, há casais de mulher com homem, de homem com homem e outros de mulher com mulher. Depois, há casais de pássaros, coelhos, elefantes, besouros. Os pinguins são absurdamente fiéis, quero dizer: há também casais de pinguins, e até de golfinhos. Tudo por causa de amor. O amor constrói. (MÃE, p. 8-9)

Pode parecer um pensamento romântico, mas, sem dúvida, o mundo precisa de mais amor e de mais Arte. Para além disso, é preciso alfabetizar os sujeitos (estudantes e professorxs) no gênero e na sexualidade por intermédio da Matemática, a qual também é arte. Talvez seja essa a forma de conseguirmos atender/entender essas demandas que tanto nos afetam, sobretudo no cotidiano escolar, que deveria ser espaço de liberdades outras, mas ainda não é. Se os livros didáticos que passam pela aprovação do PNLD e que chegam às escolas não conseguem tratar desses temas, então devemos ir em busca de outros meios que não são cerceados, como, por exemplo, livros, inclusive de literatura infanto-juvenil encontrados no mercado livreiro. Mas livro de literatura em aulas de matemática? Certamente alguns podem se perguntar como ensinar “regra de três” com um livro de literatura. Por que não? Por que não ensinar que $1 + 1$, além de ser um dois no sentido meramente numérico, pode revelar uma matemática do amor, como bem retrata o livro dos autores Augusto Alvarenga e Vinícius Grosso, sobre a história de dois colegas de classe os quais só perceberam haver entre eles mais que uma simples amizade a uni-los quando um deles foi embora do colégio.



Não lembro muito bem como eu e o Bernardo nos conhecemos. Até onde sei, ele sempre esteve ali, do meu lado. Na escola, estudávamos sempre na mesma sala. Ele me ensinava matemática, e eu lhe dava uma mão em Português. E assim nos completávamos, ajudando um ao outro, apoiando-nos mutuamente. (ALVARENGA, GROSSO, 2016, p. 148).

Figura 32: Capa do livro 1 + 1 - a matemática do amor.



Fonte: SARAIVA. (2016). Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/11-a-matematica-do-amor-9324440/p>. Acesso em: 15 mar 2019.

SEXTA SESSÃO



6. Diagnóstico

GAY [INTERLÚDIO]

*Essa daqui é praquelas gays
Que no prézinho já sabia que era gay
A criançada apontava: “Cê é muito gay”
Já brincava com as barbie “Teu filho é gay, eu bem que te avisei”
É praquelas gays que num sabia bem porque era ruim ser gay
Senti na pele bem cedo como tratam as gays
Já brigou com Deus “por quê me fizeste gay?”, queria ser alguém
Já não temas, gay
Aquilo que não mata fortalece um gay
Sente o quanto te empodera ter nascido gay
Em teus olhos um espelho onde eu me enxerguei
É que eu também sou gay
E levante, gay
Que a luta ainda não acabou pras gays
Que a nossa vitória vai ser o close, gay
E que se eu tô aqui hoje dando voz pras gay é por ser
Gay*

Gloria Groove

Imagem – Daniel Quasar



Carx leitorx, às vezes, percebo que você tem olhado por fora, na fechadura da porta, para ver o que existe em cada sessão, se perguntando o que há de misterioso por trás da porta. De repente, estamos aqui, eu e você, indignados com as palavras escritas e lidas e nas não lidas e não escritas.

Diante do espelho, nos vemos nus, vemos no corpo as navalhas na carne e as feridas mal curadas.

Leitorx, até quando irá preferir ficar escondidax olhando pela fechadura ?

Por isso, tenho que perguntar, com essa pergunta ide finalizar a sessão. Leitorx, será preciso agendar uma nova sessão?

7. REFERÊNCIAS

ALVARENGA, A.; GROSSOS, V.. **1+1 – A matemática do amor**. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2016. 254 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

AZEVEDO, R.. Formação de Leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

BEZERRA, H. G.. Em Busca da Qualidade: PNLD História – 1996-2004. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Livros Didáticos de História e Geografia**: avaliação e pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. P. 27-53.

BEAUVOIR, S.. **O Segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1961.

BENTO, B. Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

BRASIL. **Lei 8.069/90 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 24 fev. 2020

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e Promoção da Cidadania Homossexual**. Caderno: Escola sem Homofobia. Brasília, 2011.

_____. Ministério da Educação. **PNLD 2018**: matemática – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ Ministério da Educação. Caderno: Secretária de Educação Básica. Brasília, 2017. 122 p.

_____. Ministério Público Federal. **Nota Oficial sobre o Projeto Escola sem Homofobia**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/informacao-e-comunicacao/eventos/direitos-sexuais-e-reprodutivos/audiencia-publica-avaliacao-programas-federais-respeito-diversidade-sexual-nas-escolas/projeto-escola-sem-homofobia/nota-oficial-sobre-o-projeto-escola-sem-homofobia/view>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRITO, M. R. F. Um estudo sobre as atitudes em relação à Matemática em estudantes de 1º e 2º graus. **Trabalho de Livre docência**. Faculdade de educação - UNICAMP. Campinas: 1996.

BUTLER, J.. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAROSIO, A.. Feminismo latinoamericano: imperativo ético para la emancipación. **Revista Género y globalización**, 2009, p. 229-252.

CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

SOUSA SANTOS, B. (Org). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

DIAS, D. M.. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. In: **Cadernos Pagu**, n. 43. [s.l.], 2014, p. 475-497.

DUSSEL, E.. **1492**: o encobrimento do outro. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Transmodernidade e interculturalidade**: interpretação a partir da filosofia da libertação. In: Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, Brasília, jan./abr. 2016, p. 51-73.

FREIRE, P.. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1987, p. 343-348.

LIMA, Y. C.; GODOY, E. V.; MUSHA, F. D.. A questão de gênero nos intramuros das aulas de matemática. In: Aparecido Francisco dos Reis; Vivian de Veiga Silva. (Org.). **IV Simpósio de Gênero e Sexualidade - Gêneros, Sexualidades e Conservadorismos**: a Política dos Corpos, os Sujeitos e a Disputa pela Hegemonia dos Sentidos Culturais – Artigos Apresentados nos Grupos de Trabalho / Aparecido Francisco dos Reis e Vivian da Veiga Silva (orgs.)– Campo Grande, MS: Life Editora, 2019..

GROSGOUEL, R.. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **Revista crítica de ciências sociais**, n. 80, 2008, p. 115-147.

HARAWAY, D.. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. Tradução de Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, n. 22, 2004, p. 201-246.

LUGONES, M.. Heterosexualism and the colonial/modern gender system. **Hypatia**, v. 22, n. 1, p. 186-219, 2007.

_____. M.. Colonialidad y género. **Tabula rasa**, n. 9, 2008, p. 73-101.

_____. M.. Rumo a um feminismo descolonial. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, 2014, p. 935-952.

LOURO, G. L.. **Gênero, sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

_____.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MÃE, Valter Hugo. **O paraíso são os outros**. 2. ed., Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

Maldonado-Torres, N.. “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”. En: **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds.). Bogotá: Siglo del Hombre, 2007, 127-168.

_____. **A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento**. Modernidade, império e colonialidade. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, 2008. p. 71-114.

MIGNOLO, W. D. **La colonialidad a lo largo ya lo ancho**: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad. [s.l.]. 2000.

_____. **Histórias locais-projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução: Solange R. de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Cambiando las éticas y las políticas del conocimiento: lógica de la colonialidad y postcolonialidad imperial. [s.l.]. **Tabula Rasa**, n. 3, 2005.

_____. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Literatura, língua e identidade**, v. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, W. D. [et. al.]. **Género y descolonialidad**. Compilado por Walter Mignolo. – 2ª ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. 94p.

_____.; OLIVEIRA, M.. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, 2017.

NOLASCO, E. C.. **Perto do coração selvagem da crítica fronteriza**. In: Cadernos de Estudos Culturais. v. 4, n. 7. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

NOVA ESCOLA. **Uma análise do caderno Escola sem Homofobia**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1579/uma-analise-do-caderno-escola-sem-homofobia>. Acesso em: 10 jan. 2019.

OPAS BRASIL. **Folha informativa - Suicídio**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 23 dez. 2019

QUIJANO, A.. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. En H. Bonilla (Comp.), Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas. Quito: Libri Mundi, Tercer Mundo Editores. 1992.

_____. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO - CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES. [s.l.]. 2005.

_____. Colonialidade e modernidade / racionalidade. **Estudos culturais**, v. 21, n. 2-3. [s.l.]. 2007, p. 168-178.

_____. **Cuestiones y horizontes: a dependência histórica-estrutural a colonialidade/descolonialidade do poder: antología essencial**. CLACSO - CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES. [s.l.]. 2014.

SILVA, J. S.. **La pedagogía de la felicidad en una educación para la vida**. El paradigma del “buen vivir”/“vivir bien” y la construcción pedagógica del “día después del desarrollo”. *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir*. [s.l.]. 2013, p. 469-507

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R.. **Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, D. M. X. B.; SILVA, M. A.. Questões de Gênero no Currículo de Matemática: Atividades do Livro Didático. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 19, n. 3, 2017.

WALSH, C. (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

[as palavras são más?]

Não sei, mas as vezes prendem

Você entende?

[Não. Só você entende.]

Na verdade, também não entendo

Eles não me obedecem

[Como assim?]

Há momentos que são nuvens, imagens, sons

São pensamentos

Não sei se define

[Ah! Entendi]

Entendeu?

[Não, só não quero mais falar sobre o assunto]

ANEXO I

É mulher ou é homem?

O que é ser mulher para você? É ter vagina e seios? E o que é ser homem? É ter pênis e peito cabeludo?

Você já observou que é com base na vagina e no pênis que se define quem é homem e quem é mulher desde o nascimento? Você já notou como a sociedade espera quem nasce com uma vagina cresça e aja como uma mulher, e quem nasce com um pênis cresça e aja como um homem? Por exemplo, na sociedade brasileira e ocidental, em geral, espera-se que homens não usem vestidos e quem mulheres cuidem da casa, e o casamento só se realiza com alguém do sexo oposto.

Veja bem: no Brasil, até 1932, só os homens podiam votar; trabalhar fora era algo impensável para as mulheres. Embora hoje elas participem da política e façam parte do mundo do trabalho, ainda tem muito a conquistar.

No nosso país, muitas mulheres são criticadas porque não agem de maneira que se espera que mulheres devam agir. Isso acontece, por exemplo, com mulheres que moram sozinhas. O mesmo vale para homens que são ridicularizados quando declaram que ainda são virgens, ao contrário de outros colegas. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais sofrem discriminação porque não seguem o padrão “mulher gosta de homem” “homem gosta de mulher”.

Nos boletins desta coleção você encontrará algumas pistas para responder às perguntas iniciais. Este número é dedicado a mostrar como é forte o preconceito e a discriminação contra as pessoas que vivem outras formas de ser mulher e ser homem.